POMBA-GIRA

Editora Eco

IMPRESSO NO BRASIL — PRINTED IN BRAZIL

Ilustração da capa
PAULO ABREU

Cliches
CLICHERIA GARCIA LTDA.

— 1973 —

Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade do autor.

Livraria Editora Mandarino Ltda.
C.G.C. 34.026.245 — INSC. 396.286.00

RUA MARQUES DE POMBAL, 172 — CAIXA POSTAL 11 000 ZC-14 — Telefone: 221-5016 — RIO DE JANEIRO — GUANABARA

POMBA GIRA

(As duas faces da Umbanda)

Lydia S. Gonçalves

Antônio Alves Teixeira (neto)

ANTÔNIO ALVES TEIXEIRA (neto)

POMBA GIRA

(As duas faces da Umbanda)

3.ª edição

EDITÔRA ECO

"GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS...
...PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE"

UMBANDISMO — é a doutrina que trata do aperfeiçoamento dos espíritos, de qualquer classe ou ordem, encarnados ou desencarnados, de suas comunicações com o mundo corpóreo e, de um modo mais objetivo que qualquer outra, da solução de vários problemas que assoberbam a humanidade.

Prefácio da 1a. Edição

Animado — mercê de Deus — pelas elogiosas e por isso mesmo alentadoras palavras que me foram dirigidas pelo titular da Editora Eco a respeito do meu "Umbanda dos Pretos-Velhos", venho novamente me apresentar a meus irmãos de fé e, desta vez, a eles — e a seu julgamento — entregando "Pomba Gira", isto é, meu novo livro, no qual — se tanto permitir Deus e me ajudarem os valorosos espíritos da Umbanda e da Quimbanda — procuro mostrar as duas faces umbandistas, ou seja: o lado bom (Umbanda) e o lado mau (Quimbanda — como se o chama) ou, em outras palavras, o umbandismo em todos os seus aspectos, como, de fato, desejo vê-lo não importa quando.

* * *

Ao fazê-lo — como o fiz, aliás, com "Umbandismo" (publicado em 1957) e com "Umbanda dos Pretos-Velhos" (publicado em 1965) — move-me o primacial, quiçá único desejo de, à tão querida religião dos "Caboclos e "Pretos-Velhos" dar o seu verdadeiro lugar e, para tanto, apontando-lhe os ainda atrasados e mesmo errados aspectos — desculpem-me por dizê-lo — escoimá-la de tais faltas e, destarte, mostrando-a como desejo e espero seja ela um dia, esteja eu encarnado ou já desencarnado.

Fui católico, apostólico romano, desde a infância até meus trinta e tantos anos de idade.

Em Paquetá — a tão decantada "Pérola da Guanabara" — cerca de 1949, ao viajar para o Rio, entabulei conversação com um conhecido, Sr. Nelson — que era esotérico — e que, dirigindo-se a mim, perguntou-me:

— "Por que o senhor é católico, apostólico romano como o diz?!"

— Porque nasci em meio católico, em tal meio me criei e tenho nele vivido até hoje...

— "Certo, no entanto, se essa resposta partisse de um boçal, sem cultura alguma... não só a aceitaria eu, como, mais ainda, a endossaria..."

* * *

....Passaram-se os dias. Uns quinze outros após, encontramo-nos, novamente, eu e o Sr. Nelson.

* * *

— "E então, professor Antoninho, já sabe por que é católico, apostólico romano?!...

— Não sou, nunca fui e jamais o serei!...

— "?!"...

— Sim, meu amigo? Tenho, até hoje, seguido tudo o que me foi sempre ensinado sem que, porém, me tenha dado ao cuidado de investigar para saber na verdade, a razão de ser de tudo o que, quanto à religião, aprendi...

— "E qual a religião que pretende seguir, então!..."

— O Espiritismo.

Penetrei os umbrais da "doutrina que trata da origem, da natureza e do destino dos espíritos e de suas relações com o mundo corpóreo", isto é, do espiritismo Kardecista e, ao fazê-lo, dediquei-me, "ab initio", ao seu estudo, pelos três iniciais livros do codificador: "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns" e "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

Fi-lo, no entanto, pelo início de 1952, mudando-me de Paquetá, fixei residência na "Cidade Maravilhosa" e, na manhã de um belo domingo, dirigi-me ao "Centro Espírita Caminheiros da Verdade" e, desde então, dediquei-me à Umbanda.

A ela — à querida Umbanda — me consagrei e, por fazê-lo com honestidade, carinho, dedicação e, antes de tudo e por isso mesmo, estudando-a a fundo, praticando-a com empenho, analisando-lhes os mínimos detalhes e aspectos, nela encontrei pontos em que, por sua própria natureza, ainda contribuem, de modo assás considerável, para que, por outrem — que dela têm raiva, por não a conhecerem e muito menos a entenderem — seja ela perseguida.

E tanto o fiz que — graças a Deus — procurei, antes do mais. dar-lhe uma localização certa e definida, um conceito claro e preciso entre as demais religiões, colocando-a, outrossim, entre as ciências e filosofias outras existentes. Isto, aliás, eu o faço no meu já citado "Umbandismo".

Fi-lo, porém, desde os meus primeiros passos na nova trilha que segui, senti que, muito aquém do que deve ser, sob muitos aspectos, está a querida religião dos "Caboclos" e Pretos-Velhos", estão, eles mesmos — os "Caboclos" e "Pretos-Velhos" no conceito em que são tidos, nos conhecimentos que, de um e de outros, se tem na verdade.

* * *

Eis porque — cada vez com carinho maior, cada vez penetrando-lhe mais o complexo âmago — tenho me permitido escrever a respeito da "Umbanda" e de "umbandistas", deles mesmos e de tudo a seu respeito.

Eis porque — "in finis" digo — aqui volto à presença dos meus irmãos de fé para, agora, lhes entregar este meu novo trabalho.

Dividi-o em duas partes, a saber:

1º) O lado mau da Umbanda (Esclarecimento)..

2º) A Umbanda em ação (Doutrina e práticas).

* * *

Na primeira parte — O lado mau da Umbanda —

advirto, tanto aos próprios médiuns como aos irmãos de fé em geral, sobre o que, de mau e, *por isso mesmo* de perigoso, *pode ser encontrado na Umbanda. É o seu lado mau; é o lado mau da Umbanda. Nesta parte portanto faço esclarecimentos.*

Na segunda — A Umbanda em ação — ao contrário, mostro o que, de bom, e por isso mesmo salutar, existe na querida e sacrossanta religião dos "Caboclos" e "Pretos-Velhos", nossa divina e querida Umbanda. Nesta outra parte, portanto, faço doutrina e apresento algumas práticas de Umbanda.

* * *

Sei que, possível e naturalmente, muitos me contestarão. Sei que, possível e naturalmente, muitos me condenarão e, até se voltarão contra mim, no entanto, não é por isso que deixarei de escrever e de dizer o que penso e o que verdadeiramente desejo para os umbamdistas, para os "Caboclos" e Pretos-Velhos".

* * *

Perdoem-me, pois, quem eu desagradar com o que ora escrevo. Perdoem-me os que se julgarem, talvez, ofendidos, contudo, se atentarem bem para o que, em si mesmo, constitui este meu novo livro, todos, sem dúvida e sem exceção, me darão razão.

"Saravá Caboclos!"
"Saravá Pretos-Velhos!"
"Saravá Umbanda!"
"Saravá Orixas da Umbanda!".
"Saravá Quimbanda!"
"Saravá Orixás da Quimbanda!"
"Viva Exu!"

O Autor

A Face má da Umbanda

(Esclarecimentos)

"FORA DA CARIDADE...
...NÃO HA SALVAÇÃO" — De Saulo de Tarso

Amemo-nos reciprocamente — Kardecistas, Umbandistas e Quimbandistas — por isso que somos Irmãos em Cristo, para que possamos: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos".

1

Cuidado com Exu!

Ninguém — melhor e ou mais do que eu — é amigo de "Exu".

Ninguém — melhor e ou mais do que eu — procura, por isso mesmo dar ao "dono principal das ruas e encruzilhadas", o lugar, que, a meu ver, lhe cabe, e mais ainda, lhe é devido nos "terreiros" e, em especial, nos trabalhos ou "mesas" de Umbanda e Quimbanda.

* * *

Em meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos" — de que este é a continuação — constante do Capítulo VII, digo eu: "Sendo "Exu" o dono principal das ruas e encruzilhadas, é a ele que, em primeiro lugar, se deve salvar, pois é somente com a sua licença que podemos dirigir um trabalho de Magia, por isso que é ele — o "Exu" — o elemento mágico universal" e, na mesma página, um pouco abaixo, aduzo: "Não me curvo diante de "Exu", no entanto, muito menos admito que um "Exu" se curve diante de mim. Amo-o, de todo o coração, como irmão que o considero e, como "todas as ações terão a sua reação — segundo a imutável e infalível "Lei do Retorno" — justo é que, por ele — por "Exu" — também seja eu amado de igual forma".

Ainda no mesmo capítulo VII, eu digo, em prosseguimento, o seguinte: "A um raciocínio menos avi-

sado, a uma observação rápida e por isso mesmo perfuntória da questão, parecer-nos-á que, na verdade, tudo o que se relacionar com os trabalhos espíritas, mormente os de Umbanda ou Quimbanda (e todos eles nada mais são do que trabalhos de magia, trabalhos mágicos) só poderá ser iniciado — e mesmo feito — fazendo, "a priori", uma subordinação tácita a "Exu", às suas poderosas falanges, ao seu grande e incontestável poder".

* * *

Isto, na verdade, se constata em grande parte dos terreiros de Umbanda, pelo menos nos que tenho eu — em grande número — visitado.

Em "Lagoinha" — lugarejo pertencente ao Município de São Gonçalo, no vizinho Estado do Rio — num "Centro de Umbanda" que visitei, a convite de um conhecido meu, tive ocasião de, logo ao início da "Gira de Exu", ao se incorporar, na "babá", o Exu Tranca-Ruas (não soube, ao certo, qual dos "Tranca-Ruas"), todos os médiuns do terreiro e bem assim os dirigentes (materiais) e os assistentes — estes em grande número — "bateram cabeça" àquela entidade (não o fiz eu, é claro).

* * *

Em outro terreiro de Umbanda, situado na "Amendoeira", também em São Gonçalo, a entidade chefe, a que dirige, prática e verdadeiramente, o terreiro e a todos os que a ele pertencem, nada mais é do que "Pomba Gira" (não sei qual delas).

* * *

Eu mesmo, de 28 de agosto a quase o término do ano passado, de 1965, dirigi — tendo-o fundado e organizado — um "centro", em Guaxindiba (1.º Distrito de São Gonçalo) onde, desde que de lá me desliguei, quem passou a dirigir — única e praticamente — é um enviado de "Exu-Lúcifer" — "Sêo Lúcifer" — como o chamam lá.

E, como os citados, muitos e muitos outros terreiros há em que de tal forma se age e trabalha.

* * *

No capítulo XII, do livro "Exu", do pranteado irmão Aluizio Fontenelle —cuja transcrição, em partes, fiz em meu "Umbanda dos Pretos-Velhos", no capítulo VII — lê-se o seguinte: "A entidade máxima, denominada "Maioral", tendo ainda outros denominativos tais como: Lúcifer, Diabo, Satanás, Capeta, Tinhoso, etc., sendo que nas Umbandas é mais conhecido com o nome de "Exu-Rei".

Apresenta-se como figura de altos conhecimentos, tratando-nos com uma grande elevação de sociabilidade, prometendo-nos este mundo e o outro, exigindo tão-somente que por nós seja tratado por majestade.

Raramente vem a um terreiro, preferindo os lugares onde se professem altos estudos de magia astral, para, com os poderes de que é incumbido, e usando de uma estratégia toda especial, procurar abalar ou captar os que se julgam portadores da fé e que, não raramente leva a melhor, pois pode produzir maravilhas, de modo imediato".

* * *

Atentando-se para tudo isto, fácil é o se verificar, que, a "Exu", isto é, ao "dono principal das ruas e encruzilhadas", dou eu — e o faço prazerosa quão sinceramente — um lugar de acentuado destaque.

* * *

E tanto o faço que, no meu "Umbanda dos Pretos-Velhos", sob o título de "Os Exus e Sua Importante Missão", a ele — a "Exu" — dedico, com carinho, um capítulo (o VI) onde, entre outras coisas, digo que, no meu ponto de vista, de acordo com a classificação que, no capítulo III, faço dos espíritos, podem os "Exus" ser considerados como "Missionários do Mal" e, nesse particular, expendo a seguinte opinião constante do

capítulo II — "Quanto aos "Missionários do Mal", neste meu livro, digo eu o seguinte:

a) encarnados ou desencarnados são eles, os que, por faltas pretéritas — pelas quais, é claro, são os únicos responsáveis — muito têm ainda a reparar ou resgatar e, por isso, aceitam e mesmo escolhem — a tanto, pois, se submetendo voluntária e espontâneamente à difícil missão de, praticando o mal e sofrendo suas lógicas e imediatas conseqüências, fazer indiretamente — o bem;

b) quando encarnados, ou melhor, ao voltarem em mais uma ou outra encarnação, fazem-no, por vezes, submetendo-se às mais duras provas, isto é, apresentam-se como os chamados espíritos em prova ou, também, como verdadeiros entes endemoniados, criminosos sem classificação, capazes, portanto, dos mais nefandos crimes e, destarte, perseguidos e justiçados como terão de ser, logicamente, redimem, assim, suas faltas;

c) entre eles, pois, estaremos todos nós — criaturas humanas — salvo casos especiais.

Atentemos, honesta e sincera, quão caritativamente, para o que acabamos de dizer e, a nós mesmos, formulemos a seguinte pergunta:

Não poderão os "Exus", sem favor, ser incluídos nessa classe de espíritos, isto é, na dos "Missionários do Mal"?!...

E, reforçando-a, de forma idêntica, atentemos para esta outra:

Poderemos nós julgar — e neste caso aos Exus — sem que, antes, nos julguemos a nós mesmos, isto é, poderemos ver "o argueiro nos olhos de outrem quando, nos nossos próprios, temos enorme trave?!...

Como se vê, não só eu, amigo incondicional de Exu — face ao aspecto sob o qual o considero — como, mais ainda e por isso mesmo, a ele — a Exu — dou o lugar que, a meu ver, lhe cabe ou pertence e que, portanto, lhe é devido no terreno religioso espírita em que ora pisamos.

Isto, porém, não implica, de forma alguma, em que nos subordinemos ao "dono principal das ruas e encruzilhadas", a ele "batendo cabeça" e que, por isso mesmo, achemos que outros o devem fazer.

Não. De modo algum pensamos e, mais ainda, a outrem aconselhamos.

* * *

Que se inicie uma sessão de Umbanda — digamos assim — salvando antes a Exu, achamos, até certo ponto, direito, quiçá aconselhável.

Durante o tempo em que dirigi o "Centro" — por mim fundado e organizado em Guaxindiba, ao qual me refiro linhas atrás, neste capítulo I, ao iniciar as sessões, antes realmente, de dar início aos trabalhos espirituais (logo após a prece), isto é, antes de "chamar os Anjos de Guarda" dos médiuns, cantava — eu mesmo — o seguinte "ponto" de Exu:

"Exu, Exu, Tranca-Ruas,
"me abre" o terreiro
e "me fecha" a Rua",

"Ponto" este por demais conhecido pelos médiuns, por isso que é muito e usualmente cantado e, ao término das sessões, isto é, ao "fechar a gira", depois de encerrados os "trabalhos", este outro:

"Exu, Exu, Tranca-Rua,
"me fecha" o terreiro
e "me abre" a Rua",

isto é, a variação adequada daquele outro.

Com isto, na verdade, ao que podem muitos entender, pedia eu, previamente, a Exu, licença para iniciar os "trabalhos" — ao começo deles — e, ao seu término, licença para os encerrar.

Sim. Isto, em princípio, se poderá pensar e aceitar. A verdade, porém, é bem outra.

Tratando-se de um ambiente em que — diga-se de passagem — não só as pessoas que lá iam de muito pouca cultura como, além disso e talvez por isso mesmo, já acostumadas a assistir a "sessões fortes" como se costuma dizer — isto é, sessões em que, "in facto", se vejam coisas de arrepiar o cabelo; se tal não fizesse eu, por certo não agradaria e, assim, diriam, sem dó nem piedade que, antes do mais, nada entendia eu de Umbanda, que nenhuma "força" tinha eu.

* * *

Para certas pessoas — infelizmente ainda em grande número — só são "verdadeiramente boas" e "verdadeiramente boa é a Umbanda" quando, em suas práticas, se constata, da parte de quem dirige, forças e características especiais ou, em outras palavras, quando se vê "trabalhos fortes" e ou "pesados", ou seja, "trabalhos" em que, primacialmente, se possa ver a Exu em toda a sua força, em todo o seu poder. E se, "pari-passu", considerar-se o fato de que eu dirigia tais sessões, sem "incorporações" — de modo facilmente visível ou "espalhafatoso" — de meus "Guias", maior razão me darão, evidentemente, para ter feito o que fiz, os que, mais esclarecidos que aqueles outros, leiam o que estou aqui escrevendo.

E, justamente por tudo isso, para que, agradando eu aos assistentes, da parte deles obtivesse assim, a "concentração" necessária e indispensável aos "trabalhos", é o que fiz eu. Sim, porque, não mostrando eu a eles os meus "conhecimentos", o de que era eu capaz, evidente seria que, descontentes, com a sua atitude pudessem atrair — e isto é lógico — "perturbações" aos "trabalhos".

Que se dê, pois, a Exu, "o lugar que, a meu ver, lhe cabe ou pertence e que, portanto, lhe é devido no terreno religioso espírita em que ora pisamos", como digo eu em outro local deste mesmo capítulo I, é coisa oportuna: "a César o que é de César..."

No entanto, que nos subordinemos a ele — a Exu — deixando-nos por "ele" dominar, como constatei, entre outros, nos "centros espíritas" de Lagoinha e Amendoeira, aos quais me refiro linhas atrás e que, por outro lado, estejamos sempre pedindo — seja o que for — ao "dono principal das ruas e encruzilhadas" é o que, de modo algum, deverá ocorrer.

E por quê?!...

* * *

Quanto ao "centro" de Lagoinha — o que poderá ser facilmente comprovado "in loco" — não tem ele, na verdade, estabilidade alguma e, por outro lado, nenhum progresso notável, materialmente falando, nele se verifica, nem nenhuma obra de vulto, sob qualquer ponto de vista, realizou ele até agora. É ele constituído, tão-somente, por uma sala onde se realizam as sessões, tendo — ao lado direito de quem vem da rua — um lugar, um "cubículo" "adequado" (no sentido pejorativo) para que as médiuns troquem de roupa "só mulheres; para homens não há).

Quanto ao progresso espiritual — é óbvio — nenhum mesmo existe.

A babá, via de regra, está doente. O "centro", ele mesmo, trabalha durante certo tempo e, de repente, cai, isto é, desorganiza-se quase que completamente e fecha. Abre outra vez e, outra vez, fecha e, assim, vai indo aos trancos e barrancos.

Na vez em que lá estive, aliás, vi uma senhora — dessas a que, no catolicismo, se dá o nome de "beatas" ou "carolas" — que, a cada "Guia" que "baixava", a cada Exu que incorporava, falava ela e pedia um rosário de coisas.

* * *

Do outro "centro" de que falamos, isto é, do de Amendoeira, dirigido que o é, por uma "Pomba Gira", posso apenas dizer o seguinte:

a) quase todos os dias, faz a "babá" "obrigações" e mais "obrigações", à Pomba Gira;

b) o marido da "babá", em vez de melhorar de vida, cada vez piora mais, à procura sempre de emprego, tão logo perde o que antes tinha e que lhe dava certo desafogo de vida (material, é claro).

* * *

Quanto ao que dirigi eu e do qual me afastei, graças a Deus, seu chefe material — um conhecido meu — cada vez piora a situação, sob todo e qualquer aspecto. Até levou, na Parada Santa Luzia — onde mora — uma soberba paulada em pleno rosto e isto porque, após ter bebido "umas e outras", em companhia do seu companheiro de diretoria — é o Diretor Tesoureiro do tal "centro" — resolveu dar uma sessão espírita em plena rua e, respondendo a uma crítica que lhe foi por isso feita, disse que ali não havia homem..." (dizia-se incorporado com "Exu-Lúcifer". O resultado, é claro, só poderia ser aquele...

Quem dirige esse "centro", como já o disse eu, é um enviado de "Exu-Lúcifer" — "Sêo Lúcifer".

* * *

E, em qualquer dos casos aqui citados — e em muitos outros em tudo por tudo idênticos — não seria justamente o contrário que se deveria constatar?!...

* * *

Exu dá... mas Exu tira!...

Cansada de pedir, sem qualquer resultado — e se esquece, naturalmente, de que talvez não mereça, ou não deve ter, em face de seu próprio "Karma" — aos espíritos como "guia de luz" conhecidos, uma porção de coisas — todas, é lógico, de natureza material — dirige-se uma pessoa — um dos nossos irmãos de fé — a um Exu e, a ele, pede o que quer e que, até então, da

parte dos "Guias" não conseguiu. É evidente — vamos supor que, assim, seja atendido. Rejubila-se e, por isso, "dá um presente" ao Exu que lhe atendeu. "Pari passu" — o que é fácil de se aceitar — adquire esse irmão de fé confiança no "Exu", enquanto que, por outro lado, perde-a para com o "Guia" ou "Guias" a sua antes se dirigira.

Como a criatura humana, via de regra, nunca está satisfeita com o que tem e, por outro lado, porque se lhe torna necessária obter novos favores, volta novamente a Exu e, outra vez, a ele pede, então, o que lhe interessa. Consegue-o, também, nesta segunda vez.

E uma terceira, e uma quarta e, assim, por muitas vezes, pede e tudo obtém, sempre que se dirige a Exu.

Destarte, só vai mesmo ao "terreiro", para falar com Exu, ao que se pode dizer, pedindo-lhe sempre tudo o que quer ou de que necessita.

* * *

Nada de mais, não é verdade?!... Pois sim!...

* * *

De tanto se servir do Exu, de tanto a "ele" tudo pedir, cria — "ipso facto" — uma afinidade profunda, uma identificação quase que absoluta com a entidade e logicamente, a ela ficará subordinada.

Mas — dirá a criatura, isto é, o irmão de fé a que nos referimos — eu sempre "paguei", eu sempre "dei presentes" a ele — a Exu — e, assim nada devo a ele.

De fato, aparentemente, nada deve a Exu, no entanto, embora pagos, tais favores deixaram, por isso, de existir, de terem sido prestados?!...

Não! De modo algum!

Mesmo pagos, os favores foram prestados e, assim, existem. Conseqüentemente, o irmão de fé continuará, pelos tempos afora, a dever tais favores e, assim, logi-

camente, ficará subordinado ao Exu ou aos Exus a quem recorreu.

Destarte — e como já o dissemos, o irmão de fé terá abandonado praticamente os "guias de luz" — a esses outros, certamente, não poderá recorrer. Ficará, pois, "nas mãos de Exu", isto é, preso a ele e por ele dominado, queira ou não queira.

E quererá o irmão de fé que tal lhe aconteça?!...

* * *

A bem da verdade, devo dizer que, de um modo geral, Exu, de fato, dá tudo ou pelo menos muito a quem lhe pede. no entanto, só o faz e se faz — por interesse: "o de ganhar presentes" por um lado, e o de conquistar — eu diria apenas "perturbar" — almas, digamos assim, por outro. Ele é, antes de tudo, interesseiro. Tudo promete, tudo dá, por vezes, entretanto, assim como dá, também tira. Em certos casos até — os em que se pede o fazer mal a outrem — vai o Exu para o lado de "quem dá mais". De qualquer forma, porém, sempre procura levar vantagem, sempre procura ficar com a parte do leão que, em casos que tais, será a alma — vamos assim dizer — de quem dele se serve.

"— É muito perigoso utilizar-se dos seus serviços, pois não querem abandonar as pessoas que se servem deles; quando são abandonados, mostram-se despeitados e planejam vinganças terríveis, que quase sempre executam."

2

Feitura de Médiuns

Em meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", capítulo VI — "Orixás", "Guias", "Protetores" e "Capangueiros" — ao me referir aos "Orixás" digo eu o seguinte: "Para nós — sigam-nos os que o quiserem — "Orixás" são apenas os espíritos que, pelos desígnios supremos de Deus, e no sentido de que — eles próprios de um lado, e nós, a nosso turno, de outro — façamos a caridade espiritual, isto é, cumpramos o sagrado "amai-vos uns aos outros".

Seremos — eles e nós — como verdadeiros associados na prática do bem. Dependeremos — uns e outros, eles e nós — reciprocamente.

Sua aproximação maior ou menor, constatada ou não, de nós, estará intrínseca e indiscutivelmente subordinada — antes de tudo — à Lei de Afinidade, isto é, ao fato de que "a cada um de acordo com o seu merecimento" ou — em outras palavras — "a cada um o protetor que merecer".

Poder-se-ia — se o quiséssemos — aceitá-los (aos Orixás) como nossos "comandantes espirituais" e, destarte, como nossos "guias espirituais".

Pelo nosso modo de entender as coisas, pertencem tais "Orixás" à classe dos Anjos de Guarda, Espíritos Protetores, Familiares ou Simpáticos de que, como já dissemos, nos fala o "O Livro dos Espíritos". São eles — os Orixás — os chamados "donos da cabeça dos médiuns", como vulgarmente se diz.

É comum, por isso mesmo, o se ouvir, tanto nos

"terreiros" de Umbanda, como nos candomblés, que se vai "fazer o santo", expressão essa que, na verdade, nada mais quer dizer do que preparar o médium para receber o "santo", isto é, "para se transformar num templo destinado ao Orixá ou dono de sua cabeça". Para isto, aliás, existe um cerimonial ou ritual especial, constante de diferentes e numerosas fases e exigências, ritual este que varia, sobremodo, de um para outro terreiro, isto é, de uma para outra tenda ou centro, na conformidade da linha a que cada uma pertence.

Para tanto, pois, para se "fazer o santo" — digo eu agora, isto é, para se transformar o médium num templo destinado a receber o Orixá, ou seja: para a "feitura do médium", é parte — a mais destacada, a principal, digamos, entre outras a — "camarinha" ou "camarim".

* * *

Note-se, neste particular — pelo menos no meu modo de o entender— que, na verdade, há uma enorme mistura, uma tremenda confusão, de Umbanda, com Candomblé, ou melhor, do ritual de uma com o do outro o que aliás, muito bem se justifica, por isso que, uma como outro, Umbanda como Candomblé, têm as mesmas raízes, isto é, vêm ou se originam de um sincretismo religioso em que, sem contestação, a influência dos costumes religiosos para aqui, para o nosso querido Brasil, trazida pelos africanos, ocupa papel preponderante.

* * *

Em 1956, em companhia de meus amigos, e também umbandistas, visitei, no vizinho Estado do Rio, o Candomblé do Didi. Localizava-se o mesmo, se não estou enganado, em Vilar dos Teles, no Município de Caxias.

Ao fazê-lo, por acaso tive ocasião de presenciar a "saída de três" "Iaôs", isto é, três novas "Filhas de Santo", da "Camarinha". No dia seguinte, que era um domingo, seria feito a "quitanda de Iaô" — ou coisa parecida — como de fato o foi.

Tratava-se, como o digo de um Candomblé e não de qualquer terreiro de Umbanda.

* * *

Deixando de lado tais misturas e ou tais confusões, bem como não levando em conta as enormes diferenças existentes no complicadíssimo ritual de Umbanda, originadas evidentemente, pelas diferentes sendas que seguem seus inúmeros adeptos, permitir-me-ei aqui, neste novo livro que ora apresento — prosseguindo no que escrevo sobre "feitura de médiuns", dizer tão-somente o que, em face do meu primacial escopo, quiçá único objetivo que me move — escoimar a tão querida Umbanda das falhas que (inúmeras e sob diversos aspectos) ainda nela existem — penso e julgo como certo.

* * *

Estamos em pleno acordo com os srs. Tancredo da Silva Pinto e Ernesto Lourenço da Silva quando, em sua reportagem sob o título de "Opongô", em "O Dia", de domingo, 22 de maio do ano de 1966, dizem: "Todo iniciado ao levantar-se da camarinha tem sua "dijina". Esta é dada de acordo com o "quirimbum" da falange do seu "eledá". Acontece entretanto que muitos terreiros disto não sabem. Resultado... não dão a suna do iniciado. A "suna" ou "dijina" é o nome correspondente à Kabala do "eledá" do iniciado. Muitos têm a sua "dijina" reservada para os do culto, e que diz respeito ao culto professado pelo iniciado.

E tanto assim é que, embora em outras palavras, em meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", ao transcrevermos dizeres do livro "Primeiras Revelações de Umbanda" (ordem dos Cavaleiros da Grã-Cruz) — um dos melhores e mais completos livros sobre a Umbanda — quanto à mediunidade, fazemo-lo como segue: "Podemos compreender por mediunidade, certas faculdades que, independente da sua vontade, possuem determina-

das criaturas; manifesta-se por diferentes modos e meios, de acordo com a formação da cultura no estado embrionário; as suas faculdades ou qualidades estão subordinadas ao signo que a rege e sob cujos auspícios é o óvulo fecundado.

Muitas podem ser provenientes do Karma da criatura para que, beneficiada com esta espécie de mediunidade, possa melhor resgatar faltas ou praticar atos que, por desígnios superiores ou por determinação dos "Senhores do Karma", tenham que ser cumpridos; neste estado, não podemos determinar a mediunidade, pois faz parte do Karma e varia com as criaturas.

Estamos de acordo com os referidos senhores, no entanto, tão-somente quanto à mediunidade em si sob os múltiplos aspectos, mesmo em se tratando de mediunidades outras que não sejam a de "incorporação", à qual, evidentemente, se referem eles.

Com o que, porém, não concordamos, de forma alguma — e, no caso, no que se relaciona com a mediunidade de incorporação, em especial — é que se "faça o santo", isto é, com a "feitura de médiuns" como, de um modo geral, se faz e pretende.

E por quê?!...

* * *

Na transcrição de parte do capítulo VI, de meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", que faço linhas atrás, neste novo livro, entre outros dizeres, emprego eu os seguintes: "São eles — os Orixás — os chamados "donos da cabeça dos médiuns", como vulgarmente se diz".

* * *

Aduzindo, direi agora o que se segue:

"Orixás", para os negros africanos que, como escravos, para o Brasil vieram, nada mais eram do que "os senhores", isto é, os Espíritos da Natureza que, "como donos das matas, dos rios, das cachoeiras, de tudo, en-

fim", por eles — os africanos — eram considerados. Foram, pelos mesmos africanos, assimilados aos santos católicos, como já o temos dito.

Tais espíritos, é claro, não poderão ser os de "Caboclos" ou "Pretos-Velhos" e, nisto, também estamos de pleno acordo com os srs. Tancredo da Silva Pinto e Ernesto Lourenço da Silva, na já citada reportagem.

* * *

A uma perfuntória observação do que ora digo, em face do que escrevi linhas atrás, neste meu livro, a uma conclusão se poderá, facilmente, chegar: a de que, "Orixás", "Caboclos" e ou "Pretos-Velhos", são todos uma só e única coisa.

* * *

Justamente para tal evitar, direi agora, a respeito o seguinte: de fato, para mim, os "Orixás" podem e devem ser considerados como nossos "comandantes espirituais" e, outrossim, por isso mesmo, como nossos "guias espirituais".

Mesmo que se os considere "como donos das matas, dos rios, das cachoeiras, de tudo, enfim", ou seja, como "espíritos da natureza", tal concepção deles poderemos fazer. Basta, para tanto, atentarmos para o fato de que, de um modo geral, se diz: "minha cabeça é de Xangô" isto é, o chefe ou dono de minha cabeça é Xangô, é Oxóssi, é Iansã, é Ogum, etc. etc.

Na verdade, porém, nenhum médium, nenhum "Filho" ou "Filha de Santo", em sã consciência, poderá dizer que "trabalha" (ou que "incorpora") com o próprio Xangô (qualquer que seja), com o próprio Oxóssi, com a própria Iansã, com o próprio Ogum, com a própria Oxum. Isto é um fato inconteste. O que, pois poder-se-á dizer, é que se "trabalha" como os "enviados" daqueles espíritos e, justamente como "enviados", é que consideramos os "Caboclos" e ou "Pretos-Velhos". A

estes, aos "Caboclos" e "Pretos-Velhos" — poderemos ainda considerar — se o quisermos — como nossos "protetores".

* * *

"Fazer o santo", como eu já disse — todos os umbandistas e quimbandistas, aliás, o sabem — significa preparar ou, melhor dizendo, "transformar o médium num templo destinado a receber o seu "Orixá", ou seja, o espírito "chefe ou dono de sua cabeça". Tal é, em outras palavras, o que se pode chamar de "feitura de médiuns".

De um modo geral ou, mais precisamente, na Umbanda ou na Quimbanda e mesmo no Candomblé, de um modo absoluto, o se "fazer o santo", antes de mais nada, significa o se preparar o médium para a "incorporação". É um fato e ninguém o poderá negar.

No entanto, neste particular, duas ponderações me permito fazer "ab initio". São elas:

1) Segundo os valorosos ensinamentos que nos foram deixados pelo codificador do espiritismo — o grande Allan Kardec (Hippolite Léon Denisart Rivail) — são em número de mais de 60 (sessenta e sete para ser mais preciso), as espécies de mediunidades existentes por parte da criatura humana e, entre elas, logicamente, está a de incorporação, ou seja: a mediunidade incorporativa;

2) Conquanto uma só criatura humana possa ser portadora de mais de uma espécie de mediunidade, isto é, possa, ter, ao mesmo tempo, mais de uma mediunidade, não quer isto dizer que, entre essas, seja obrigatoriamente existente a de incorporação ou incorporativa. Digamos mesmo, a respeito, que o mais comum é o se encontrar, em maior número de pessoas, mediunidades outras que não a de incorporação.

* * *

Ora muito bem. Se justamente o se "fazer o santo" é o se preparar o médium para a "incorporação dos Orixás" (dos enviados dos Orixás é o termo certo), lógico

será que, nos casos a que me refiro, por parte da Umbanda, da Quimbanda e ou Candomblé, o que se está fazendo, verdadeiramente, nada mais é do que se "obrigar" o médium — o "filho ou filha de santo" — a se tornar "médium de incorporação". É, antes do mais, o se "fazer o santo", o mesmo que se deixar de lado a possibilidade que poderá, evidentemente, existir, por parte do "filho ou filha de santo", de ter mais outras mediunidades. E, como de um modo geral não há "doutrinação" e muito menos — na maioria dos casos — não se estuda nos terreiros de Umbanda, Quimbanda ou Candomblé, justo é que se diga, justo é que diga eu que, sendo desenvolvido (adestrado seria o termo mais apropriado) o médium, apenas em incorporação, jamais será ele de suas outras e talvez maiores possibilidades no que concerne à mediunidade e, destarte, pouco ou nada produzirá, ao contrário do que seria de se esperar ou desejar.

* * *

Atentando-se para o que, neste capítulo e até aqui, digo eu, certo e indiscutível será o me darem razão quando, de minha parte, condeno a "camarinha". Pelo menos — posso e devo aduzir — condeno-a nos moldes em que, até então, se a usa e se a faz.

Aceitá-la-ia eu, porém, se, antes de "entrar o médium na camarinha", ou, melhor dizendo, antes de se destinar o médium a entrar na "camarinha", se fizesse, no mesmo, um consciente e inteligente — por isso que indispensável — exame quanto à sua ou suas possibilidades mediúnicas. (Estarão em condições de o fazer todos os dirigentes de terreiros?!...)

Fora disso — perdoem-me os a quem porventura venha eu a desagradar e mais ainda ofender com o que digo — melhor seria o se acabar com a "camarinha", pelo menos nos terreiros de Umbanda (é com a Umbanda que, na verdade, mais me preocupo), deixando-a, portanto, apenas para os quimbandistas e, mais especialmente, para os Candomblés.

E, se levarmos em conta — e, infelizmente, eu mes-

mo, fui o personagem principal ou, em melhores palavras, fui o convidado — as amoralidades, as verdadeiras patifarias (é o termo) que, não em todos, mas em grande número deles, se constata nos casos de "camarinha" (refiro-me apenas a médiuns mulheres), justo será que, na verdade, se acabe com a "camarinha" na Umbanda e, portanto, com a "feitura de médiuns" em tais moldes.

* * *

A Igreja Católica, Apostólica, Romana, na conformidade de sua aparatosa liturgia, sempre que prepara os fiéis — seja para o casamento; seja para a Primeira Comunhão; seja mesmo quanto aos seminaristas às vésperas de serem "ordenados", isto é, se tornarem padres; seja quanto às "noviças" às vésperas de se tornarem freiras — sempre exige, como oportuna e necessária quanto indispensável "preparação", o "retiro", ou seja, uma espécie de "isolamento" dos interessados. Para tanto, o que é lógico, foi antes e cuidadosamente feito um "exame", isto é, uma como "sondagem" ou "investigação" das possibilidades e inclinações de cada elemento.

* * *

Não é a Umbanda — como a aceito eu, como a aceitam muitos outros — um "sincretismo religioso" (catolicismo, africanismo e espiritualismo)?!... Não assimilou ela — a Umbanda — não só os seus "Orixás" aos santos católicos como, também, a quase totalidade dos atos católicos, adaptando-os aos seus próprios ou, mais precisamente, copiando-os em quase toda sua extensão ou natureza?!... A própria origem da "camarinha" não poderá ser encontrada naqueles "retiros" de que falo linhas atrás?!...

* * *

Limpemos, pois, a nossa querida Umbanda, fazendo com que — ao contrário do que acontece — seja ela, realmente, o que, de fato e por direito, deverá ser.

"Saravá, Umbanda!"

3

Cuidado com as "Crianças" da Umbanda!

Em meu livro "Umbandismo", no capítulo — III ("Umbandismo é Filosofia"), às páginas 37 e 38, digo eu, quanto às "crianças" de Umbanda, o seguinte: "Os espíritos que, nos "terreiros umbandistas", são chamados de "crianças", são os que, simbolicamente, representam a alegria ou, melhor dizendo, "a satisfação íntima que se tem ou se sente quando, sinceramente amando o seu semelhante e por ele trabalhando, confiantes em Deus, nos entregamos ao trabalho fecundo, em seu benefício".

É, em outras palavras, "a alegria que se sente pelo bem que se proporciona a outrem; é portanto a alegria ou satisfação do dever cumprido".

É, ainda, "a alegria ou satisfação que têm os que, em si mesmos, sentem a presença de Deus".

Em sã consciência e em verdade, porém, não se pode aceitar "espíritos crianças ou espíritos infantis".

Isto porque, o se os aceitar, implicaria, conseguintemente, em um de dois grandes absurdos:

a) para se considerar, na acepção legítima do vocábulo, um "espírito criança ou infantil" ter-se-ia, "ipso facto", de acreditar que "a existência desse espírito estaria em começo" e, assim — o que é lógico — "estaria em tal estado de perturbação ou atraso (sob qualquer ponto de vista) que, em verdade muito ao contrário, por-

tanto — não poderia estar alegre (e muito menos expandir alegria), de modo algum;

b) aceitar-se, por outro lado, tais espíritos (os das "Crianças") como tal, isto é, como espíritos de crianças, verdadeiramente "espíritos desencarnados de corpos de crianças" seria, "ipso facto", aceitá-los, também estes, em estado de enorme atraso e perturbação e, assim, em condições — logicamente — de atrapalhar, de precisar e jamais dar fosse o que fosse e, muito menos, alegria.

Além disso — o que está sobejamente provado — estando num corpo, de criança ou adulto ou, em outras palavras, "encarnado, qualquer e mesmo todos os espíritos, nada mais está fazendo do que cumprir mais uma etapa da sua evolução" e, assim, não poderá ser um "espírito novo" recém-nascido.

Na verdade, pois, é apenas simbólica a presença das chamadas "Crianças" nos "terreiros umbandistas" e, sendo assim, poder-se-á aceitá-las apenas convencional e não realmente.

* * *

Ora, muito bem!

Se, como dizemos, as "Crianças" da Umbanda não são espíritos recém-nascidos (recém-criados, seria o termo mais apropriado), nem espíritos de crianças, o que poderão ser "elas"?!... Que espíritos serão os que, na Umbanda, completando o seu "triângulo", se apresentam como "Crianças"?!...

* * *

Em 1952, se não me falha a memória — e nesta época freqüentava eu o "Centro Espírita Caminheiros da Verdade" com absoluta assiduidade, lá me encontrando a quase todas as horas, especialmente à noite — fazia-se diariamente — posso dizer — sessões de "tiptologia", para tanto sendo usadas as chamadas "tables tournantes" (mesas girantes).

Havia mesmo, àquela época, nesse "Centro Espírita", uma como "febre" de "tiptologia", ou, mais apropriadamente, de "mesas girantes' ou "falantes", como também se costuma chamá-las.

Eu, de minha parte, e o Cruz — Manoel Sebastião da Cruz Filho, Diretor Social do "Caminheiros", e que até hoje ainda no mesmo se encontra — faziamos, em dias certos, alternadamente, nossas "mesas", isto é, nossas sessões desta natureza.

Além dessas — que eram, ao que se pode dizer, as "oficiais" — outras sessões da mesma natureza, lá, no "Caminheiros", tinham também lugar. Entre outras, as que, na Tesouraria, eram chefiadas pelo então Diretor Tesoureiro, Sr. Joaquim.

Realizava-as ele, no próprio recinto da Tesouraria e, das mesmas, tomavam parte umas poucas pessoas, entre elas uma moça que era, justamente, a auxiliar daquele senhor ou, melhor dizendo, da Tesouraria. Chamava-se Risoleta.

* * *

Justamente, a uma dessas sessões chefiadas pelo Sr. Joaquim, deixou de comparecer aquela sua auxiliar.

Por mera brincadeira ou, quem sabe?... para que se pudesse ou, pelo menos, pudesse eu — aquilatar da verdadeira natureza das "Crianças" da Umbanda — pois que, exatamente nessa ocasião, se manifestava uma "Criança" pela mesa — disse a esta, ou seja, à tal "Criança" que atuava então, ou melhor, perguntou-lhe o Sr. Joaquim se seria possível a ela — a tal "Criança" — fazer com que a Risoleta viesse ainda, embora atrasada, tomar parte na reunião (ela, a moça, era, em verdade, ótimo "médium de efeitos físicos"). Sugeriu mesmo, o Sr. Joaquim, à citada entidade, "que colocasse umas formiguinhas na cama da moça e que, em troca, lhe seriam dadas cocadas e balas".

* * *

Acreditem os que quiserem, no entanto, a verdade, a mais absoluta verdade, foi que, minutos após, deu entrada no recinto em que se realizava a sessão, a Ri-

soleta e — por absurdo que pareça — dizendo, mais ou menos, o seguinte: — "Não sei como, minha cama deu formiga..."

* * *

Pergunto eu, agora: Seria, na verdade, "uma simples e inocente criança", o espírito que se manifestara?!...

Ou seria — como o aceito eu com muito mais lógica — um dos espíritos que, segundo Allan Kardec — em seu "O Livro dos Espíritos" — são pertencentes a uma das 5 (cinco) classes da terceira ordem, isto é, à ordem dos "Espíritos Imperfeitos" ou — dentro do ponto de vista umbandista um dos nossos Exus?!...

* * *

Para mim, aliás, conforme digo em meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", no capítulo III (O "Por Quê" da Quimbanda), à página 33, devem tais espíritos ser classificados entre os por mim chamados de "Missionários do Mal".

* * *

No particular, por sinal, a bem da verdade e, por isso mesmo, dentro do objetivo desta nova obra, devo aduzir que, para mim, são tais espíritos, isto é, os que, como "Crianças", se manifestam nos "terreiros", nada mais nada menos do que "Exus" e, portanto, em face do que digo no primeiro capítulo deste livro: "cuidado com elas, também".

* * *

Por outro lado, e se, como me proponho, devemos "limpar" a Umbanda, isto é, devemos escoimá-la das inúmeras falhas, dos inúmeros atrasos (ou erros mesmo) — devemos dizê-lo — que nela ainda existem, atentemos — já sob um outro aspecto — para o que se segue.

Em 1957 morava eu à Rua Felisberto Freire, em Olaria (atual Pedro Ernesto), na chamada "zona da Leopoldina".

Precisamente no domingo seguinte ao dia 27 de setembro daquele ano, dia esse em que, justamente, se festejavam as "Crianças" num centro espírita naquela mesma rua existente (não sei se atualmente ainda existe), fui eu ao mesmo, em visita. Levava comigo, para distribuir gratuitamente, a título tão-somente de tornar conhecido meu modesto trabalho em prol da Umbanda, 5 (cinco) exemplares de "Umbandismo", que acabava de sair do prelo.

Entrei, portanto, na sala principal onde, na verdade, nada mais vi do que "pura e inclassificável mistificação" ou, para ser mais realista, "pura, grande e inqualificável palhaçada". É uma verdade e lhes asseguro sob palavra de honra: sentados no chão diante de um "peji" ou "gongá" (altar) estavam rapazes e moças, homens e mulheres, entre inúmeras garrafas de guaraná ou coisa semelhante e quantidade ainda maior de doces, balas e cocadas. Fingiam — é a pura verdade — estar "incorporados" com "Crianças" quando, de fato, nada tinham na cabeça a não ser cabelo e pouca vergonha e, outrossim, idéias outras, "de jerico", como é meu costume dizer. "Espírito", que é bom (desculpem-me a gíria), além dos deles mesmos, ou seja, dos que ali se encontravam, não havia um só que fosse. Tudo pura e grossa mistificação.

Eis que, aproximando-se de mim e diante de mim parando, vi uma mulher loura, relativamente nova que, olhando-me e sem mais aquela, pespegou-me no rosto e nos cabelos, as mãos sujas de doce e de não sei mais o quê.

* * *

Era ela a "babá" é, além disso, filha do presidente do tal "centro".

* * *

Claro que não gostei e, por isso, exprobei-lhe, enérgica e violentamente mesmo, o procedimento.

Dizia ela — como se o próprio fosse — "que era Cosminho" (uma "Criança" de Umbanda) e que, como tal, iria se vingar de mim, iria me perseguir, em suma, iria me arrasar de uma vez.

* * *

Indignado como me encontrava e, mais ainda, verdadeiramente revoltado com o que estava ocorrendo ou, mais exatamente, com tudo o que estava presenciando, virei-me para o "tal Cosminho" (que me dê "maleme" o verdadeiro) e o convidei para um "aguerê: beberia eu, apenas "na fé", mesmo sem ter "espírito em mim incorporado", azeite quente e desafiava-o (ao tal Cosminho) — incorporado como dizia estar — a fazer o mesmo.

Claro é que, o que aconteceu, foi o me terem pedido que me acalmasse e, quanto ao "Cosminho", ou melhor, quanto à tal "babá", parece-me que, até hoje, pelo menos deve estar lembrada do que lhe disse e lhe fiz eu.

* * *

De um modo geral — e isto ninguém poderá me contestar — o que se vê nos "terreiros", no que concerne às "Crianças" (especialmente nas festas de "Ibeji" ou "Bejadas") é, nada mais nada menos, do que isso que estou aqui dizendo.

* * *

Ainda com referência às "Crianças" da Umbanda, ou melhor, aos espíritos que, de tal forma, se apresentam nos "terreiros umbandistas", aduzindo ao que, neste particular, digo eu, linhas atrás, neste mesmo capítulo III, permito-me dizer o seguinte: "Há também os Exus-Mirins, que se introduzem nas festas de São Cosme e São Damião, fazendo-se passar como subordinados, de Ibeji'.

* * *

Que se aceitem as "Crianças", que as cultue e festeje; que se lhes dêem doces, cocadas, guaranás e coisas

que tais; que tudo isso e muito mais se faça, embora tudo isso represente atraso sob todos os pontos de vista, é aceitável, especialmente se levarmos em conta que — como já o tenho dito — representam as "crianças" (no ("Triângulo de Umbanda") "a alegria pelo dever cumprido", isto é, a alegria que, ao fim de uma sessão ou "mesa de Umbanda" se sente em face de se ter seguido, na verdade, o grande ensinamento que nos deixou o Cristo de Deus — o nosso "Pai Oxalá" — ao nos dizer: "Amai a Deus sobre todas as coisas e, ao vosso próximo, como a vós mesmos".

Façamo-lo, porém, de um modo que se aproxime, no máximo possível, do bom senso e ou, antes que tudo, de um modo que, na verdade, nos mostre uma Umbanda limpa, pura, culta e em seu verdadeiro lugar.

* * *

Limpemos a Umbanda; elevemo-la cada vez mais e, para isso, entre outras coisas, tenhamos: "Cuidado com as "Crianças da Umbanda!"

4

Cuidado com os Chantagistas da Umbanda

Infelizmente — e ninguém poderá me contestar — a nossa Umbanda está nas mãos, tanto de bons e verdadeiros umbandistas, como também de muito indivíduo sem qualquer escrúpulo e, "pari passu", sem qualquer real noção do que seja ela, realmente. Está, outrossim, não mãos de muito quimbandista (ou quimbandeiro como se chamam vulgarmente).

Na grande, para não se dizer na absoluta maioria dos casos, um indivíduo — homem ou mulher — que mal "recebe o santo", isto é, mal começa a "incorporar espíritos" ou, em outras palavras, mal começa a "receber os guias e os protetores", arroga-se o direito e o título de profundo conhecedor do assunto e, sem mais aquela, funda, organiza e dirige um centro espírita.

Se fosse apenas isso — e não o é — ainda nos poderíamos dar por muito felizes, no entanto, a coisa vai bem mais longe: uma quantidade enorme de indivíduos sem qualquer parcela de moral, além de também nada conhecerem, nem mesmo do Evangelho — daquilo que, mais de perto, nos fala do Criador e, muito menos ainda da própria Umbanda — "abre um terreiro", mete um charutão na boca e, dizendo-se "babalaô" ou "babá", começa a fazer "milagres e mais milagres", por aí afora, por este mundo terráqueo.

Diplomam-se, por sua própria conta e risco, em verdadeiros "doutores" da Umbanda, em verdadeiros "mes-

tres" do assunto e, não escolhendo modos e meios, nem se detendo diante de seja o que for que lhes contrarie a opinião, visam, na verdade, tão-somente um objetivo: enriquecer à custa dos incautos. Ignoram eles, antes do mais, o seguinte e maravilhoso ensinamento: "Ide e curai os enfermos, expeli os demônios, limpai os leprosos e dai de graça o que de graça recebestes", do vosso querido pai Oxalá, nosso Divino Mestre.

* * *

Se fosse só isso, no fim das contas, a coisa ainda estaria muito boa.

Há ainda, no meu ponto de vista, uma outra classe de tais "doutores" que é a pior de todas. É, justamente, a constituída por indivíduos que conhecendo a Umbanda e a Quimbanda e até mesmo o Candomblé — fazendo-o, aliás, com profundidade e não tendo a mínima parcela de moral, se nos apresentam a cada instante e — a bem da verdade — em número assás considerável.

A uns e outros, sem exceção, dou eu a denominação de "chantagistas da Umbanda", de verdadeiros e inomináveis "criminosos dos terreiros", especialmente a estes últimos a que me refiro.

E por quê?!... Duas são, a meu ver, as razões existentes para tal assegurar eu. São elas:

1) Não tendo moral os que assim agem e, por outro lado, desconhecendo "in totum" a natureza das "forças" ,ou seja, dos espíritos que trabalham com eles e que com eles trabalham, deixam-se — eles mesmos — se enganar e, como conseqüência de sua ignorância, por um lado, só poderão atrair, para a sua volta, para os seus ambientes e, portanto, para todos os que os acompanham e aceitam espíritos que, de forma alguma, poderão guiar ou beneficiar a seja quem for;

2) Conhecedores profundos, como digo linhas atrás, da Umbanda, da Quimbanda e do Candomblé, ou seja: dominando suas diferentes modalidades de "trabalhos", suas "mirongas" e, pelo fato de não terem moral de

espécie alguma, o que fazem eles nada mais é do que — de um modo geral no que se relaciona com as mulheres que vão aos seus "antros" — levarem a parte do leão, praticarem as suas mais indecorosas e nojentas libidinosidades.

* * *

Em qualquer dos casos que aqui menciono, os espíritos que trabalham, que "baixam", que "prestam a caridade" (como se tal fosse possível) são — sem qualquer contestação — os para mim classificados como "Missionários do Mal". Dentre esses, aliás, em tais casos, destacam-se, quase que integralmente, os "Exus".

* * *

Um chefe de "terreiro", seja ele ou não "babalaô" ou "babá", tem grande responsabilidade, sob todos os aspectos. Tem responsabilidade, inicialmente, perante Deus (Obatalá) e perante Oxalá (Nosso Senhor Jesus Cristo); tem responsabilidade perante os elevados e sábios espíritos que conhecidos são como os "Senhores do Karma"; tem responsabilidade perante os espíritos que invoca para com ele trabalhar; tem responsabilidade com os que, levados pela fé e ignorando a quem se dirigem, freqüentam o seu "terreiro" (melhor seria o se dizer o "antro"); tem responsabilidade perante as leis do país e, por isso mesmo, perante às autoridades que são incumbidas de sua execução. Não obstante, o que se vê é, cada dia que passa, aparecer um novo "centro", aparecer um novo "terreiro" em que, na verdade, o que se pode encontrar é apenas a perdição, sob qualquer que seja o seu aspecto.

Proliferam assustadoramente tais "centros", aumentam cada vez mais em número, os indivíduos que, nessas condições, são encontrados a cada passo.

Seus crimes — assim os classifico eu — são cometidos às porções mesmo nas "barbas das autoridades".

* * *

De quando em vez aparece, nos jornais, o caso de um indivíduo que "foi morto por Exu", ou de outro "que foi assassinado a mando do babalaô" ou, ainda, o de uma mãe que, por ordem do "babalaô" deu uma tremenda surra num filho pequeno que, só não morreu, porque lhe foi tirado das mãos.

Aparecem, outrossim, os casos de senhoras casadas que, a "conselho do guia do terreiro tal", abandonam os maridos e... ou vão viver com outros homens ou, muitas vezes, com o próprio "babalaô" cujo "guia" deu tal conselho. E muitos, muitos outros casos iguais ou piores.

Muitas vezes, moças verdadeiramente lindas, de repente se sentem atraídas para o "babalaô" e, como epílogo, a êle se entregam sem mesmo saberem por que e o que é pior — conquanto pareça absurdo — sentem verdadeiro nojo e até medo do tal. E não conhece o "tal babalaô", os trabalhos de Quimbanda, isto é, os trabalhos de "Magia Negra"?... Não sabe ele trabalhar com a terra encontrada na sola dos sapatos da moça?!... Não sabe ele "preparar" algo que seja comido por ela?!...

* * *

Há, ainda, os casos em que, estando bem situada — financeiramente falando — uma pessoa que freqüenta tais "antros" ou que, pelo menos a eles vai, que seja uma só e única vez, e disto sabendo o tal "babalaô", usando dos seus "criminosos conhecimentos", vai "trabalhar" e, de duas uma: ou a tal pessoa resolve (sem mesmo saber por que e sem que se sinta capaz de evitá-lo) dar o que tem para "ajudar" o tal "centro" (pelo menos dará grande parte do que tem) ou, então, fica "doente" (doença produzida pela magia negra feita pelo tal "terreiro") e no fim das contas, será obrigada a voltar lá para se "tratar" (o que acontece é que cada vez piora mais, em vez de melhorar, podendo até morrer "magiada"). Desta forma, também, o que é seu terá ficado nas mãos do tal "babalaô".

Muitos indivíduos vão a tais "terreiros" — e mesmo aos verdadeiramente bons, por vezes — apenas com o intuito de "arranjarem mulheres". Haverá quem me desminta?!...

* * *

Infelizmente — repito eu aqui — a nossa Umbanda está nas mãos de bons e verdadeiros Umbandistas como, também, nas de muito indivíduo inescrupuloso, muito "chantagista".

A repressão, por parte das autoridades constituídas, infelizmente, ainda não pode ser feita como o deveria. Ainda é cedo, na verdade, para tal se conseguir, sem que, verdadeiramente, atingisse tão-somente os culpados. Assim, só resta uma solução: o se ter "cuidado com os chantagistas da Umbanda"!...

5

Cuidado com os Médiuns

Em meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", logo ao começo do capítulo XII, à página 111, digo eu o seguinte: "Mediunidade — de um modo geral — é a possibilidade que tem a criatura humana, bem como os irracionais (grande número deles), de servir de intermediário nas comunicações entre o mundo invisível (dos espíritos desencarnados) e o mundo visível (das almas, espíritos encarnados ou criaturas humanas).

Muitas são as espécies de mediunidade, por isso que, também muitas, são as maneiras de servir-se de intermediário em tais comunicações (intermundos).

* * *

Deixando de lado as demais espécies de mediunidades existentes, referir-me-ei, neste capítulo V do livro "Pomba Gira", tão-somente a médiuns dotados da espécie de mediunidade chamada de "incorporativa" ou de "incorporação".

* * *

Entende-se por "mediunidade incorporativa" ou "mediunidade de incorporação", aquela em que o médium, recebendo em seu corpo, isto é, "incorporando" uma entidade ou espírito, é, ao que se pode dizer, "anulado" ou, em outras palavras, "substituído", em tudo por tudo, pela entidade que recebe. Quer isto dizer que, em vez do médium, quem fala, quem age, quem apresen-

ta é a entidade ou espírito incorporado. Deixa de existir a vontade do médium, para só existir a do espírito incorporado. Deixa de existir a personalidade do médium, para existir a do espírito que nele está incorporado.

Ora, muito bem! Se, na verdade, isto é o que de um modo geral, se observa nos casos de "encarnação", justo é que, no que diz ou que faz o espírito incorporado, se tenha de acreditar, ou melhor e mais precisamente, justo é que se aceite e considere, como partindo da própria entidade, tudo o que se veja ou se ouça em tais casos.

Na quase totalidade dos casos de mediunidade, o médium é consciente ou, quando muito, semi-subconsciente. Poucos, verdadeiramente, são os casos de médiuns inconscientes ou invisíveis.

* * *

Se se tivesse — e o contrário é que se dá — somente médiuns inconscientes, a coisa seria muito boa, ótima mesmo. Sim, porque, se tal acontecesse, duas afirmações categóricas se poderia fazer:

1.ª) Tudo o que se visse e ou tudo o que se ouvisse, seria exclusivamente da parte do espírito incorporado;

2.ª) "ipso facto", nenhuma responsabilidade, sob todo e qualquer ponto de vista, caberia, propriamente dito, ao médium.

O que acontece, portanto, é que, sendo os médiuns — na quase totalidade dos casos como pouco atrás digo eu — conscientes, as comunicações que, por eles, se recebe, não poderão, de forma alguma, ser atribuidas à responsabilidade dos espíritos neles incorporados.

* * *

Diz Allan Kardec — o Codificador — com muito acerto que, "de cada 100 (cem) comunicações devemos rejeitar pelo menos 99 (noventa e nove) para que, assim, se possa estar mais perto da verdade, isto é, do que é certo e aceitável por isso mesmo".

* * *

Há um como que aforismo entre os espíritas que nos diz que "a cada um o protetor que merecer" ou, em outras palavras, cada médium terá "guias ou "protetores" de acordo com os seus próprios merecimentos. Para mim, na verdade, tal não aceito, "in totum". Isto porque, durante os anos que tenho já nas hostes espíritas, tenho visto médiuns e mais médiuns que, não obstante o fato de, "a olho nú" (pois que se apresentam como de fato o são), serem criaturas coisas más além de serem verdadeiros sem pudor algum, recebem guias que, ao contrário, são de grande elevação espiritual.

Conheci mesmo, no vizinho Estado do Rio, uma médium que, apesar de ser uma intrigante e maledicente profunda de todos e de tudo, recebe "Pai Joaquim de Angola", como um de seus protetores. (Este e casos outros que tais, levo eu à conta das "mirongas" da Umbanda ou, mais acertadamente, aos insondáveis mistérios do Criador).

* * *

Em meu livro 2.ª parte) "Conhecimentos Indispensáveis aos Médiuns Espíritas", publicado em 1953, no capítulo XI ("ser médium — virtudes indispensáveis aos bons médiuns") — digo eu, às páginas 41 a 43, o seguinte:

"Os espíritos que, como "Caboclos" e "Preto-Velhos", se apresentam nos trabalhos espirituais umbandistas, fazem-no — de um modo geral — revestidos de grande humildade, isto é, sem qualquer sombra de orgulho e, além disso, depois de toda e qualquer espécie de vaidade.

Os médiuns — especialmente os de Umbanda — devem, pois, antes de tudo, combater, por todos os meios possíveis em si mesmos, o orgulho e a vaidade.

Em outras palavras, devem eles não se jactar dos resultados obtidos em trabalhos que, por si ou por seus "guias" e "protetores", tenham sido executados, isto é, não devem de tal se orgulhar (sintam satisfação íntima do dever cumprido; não a exteriorizem, porém, com orgulhoso entusiasmo); não usem jóias, ou adornos caros

— especialmente os médiuns do sexo feminino — pelo menos nos dias e, ainda mais, nas ocasiões do trabalho em que tomem parte.

A maledicência é, quase sempre, de efeitos os mais desastrosos e prejudiciais, para os que dela são objeto. Não porque — na verdade — pratiquem eles, ou tenham as faltas que se lhes imputam mas, infelizmente, humanos que somos, estamos sempre mais inclinados a acreditar no que de mal se diz (e não de bem, desde que não sejamos nós a criatura visada).

A inveja, o despeito, a ira e o ciúme, outro tanto, são falhas graves que, em seu próprio benefício, devem os médiuns evitar.

Quanto à inveja — a meu ver — será ela apenas encontrada em médiuns que não só podem ser considerados qual verdadeiros fracassados — por isso que se julgam incapazes de fazer o que outros fazem, em condições idênticas — como e por isso mesmo, qual verdadeiros espíritos trevosos.

Para mim — sinceramente falando — o invejoso é bem pior que a mais terrível epidemia, de vez que, se um fracassado procura levar quem não é até a própria destruição, dados os artifícios de que será capaz de lançar mão, no intuito de desprestigiar — perante si mesmo ou perante outrem — o valor do invejado.

Quanto ao despeito, infelizmente, manifesta-se ele, a médium, por parte de alguns médiuns.

Muitos destes, por vezes, ao verem médiuns outros — mais novos que eles no local em que trabalham — produzirem trabalhos melhores que os seus, sentem-se despeitados, isto é, sentem-se em situação inferior à daqueles outros e, destarte manifestam logo, desta ou daquela forma, o desejo de os verem aniquilados, de os verem desmoralizados.

Assim, encetam, ato contínuo, uma ferrenha campanha de desânimo junto àqueles que julgam melhores que eles, concitando-os a desistirem, por isso que, entre outras coisas, dizem que eles têm — os novos — este ou

aquele defeito, esta ou aquela falha, este ou aquele desmerecimento.

Estará certo?!...

Absolutamente não!

Ao contrário — em casos que tais — deve o médium, cada vez mais, animar aqueles outros — os novos — procurando maior prática, a fim de que, na verdade, perfeição maior consigam seus irmãos mais novos.

Devemos nos irar?... Devemos voltar — qual feras endemoniadas — contra os nossos semelhantes, ou contra seja o que for?!

Claro que não!

E por quê?!...

Quem se deixa dominar pela ira, é lógico, põe-se à mercê dos espíritos das trevas e, destarte, muito facilmente será por esses acicatado, dominado e dirigido até.

E o ciúme?!...

Teremos o direito de ter ciúmes, seja do que for, se, em verdade, nada propriamente dito nos pertence?!...

Teremos, ainda mais, o direito de matar aqueles a quem tanto amamos — pelo menos assim dizemos — em nome do próprio amor?!...

Absolutamente não!

* * *

Além dessas falhas — orgulho, vaidade, maledicência, inveja, despeito, ira, ciúme e assassínio (esta última em relativamente ínfima quantidade) — constatadas em alguns médiuns, há ainda outras. Talvez mais, talvez menos graves que aquelas — dependente do modo ou modos sob que se as encarem — existem muitas outras. Vejamo-las, pois, a seguir.

"Ide e curai os enfermos, expeli os demônios, limpai os leprosos e dai de graça o que "de graça" recebestes".

Sem conta — seja aqui mesmo no Estado da Guanabara, seja no vizinho Estado do Rio, seja em qualquer outro lugar de nossa terra — são os "centros", "Tendas" (ou qualquer outra denominação que tenham) em

que, para se receber a "caridade", ter-se-á que pagar. Sim! Há mesmo os em que, para ser atendido pelos "guias", além de se pagar pela aquisição de "fichas para a consulta", tem-se de "entrar na fila" e, em alguns casos até, necessário é que se adquira as "tais fichas para consulta", com um ou dois dias de antecedência.

E estará isto certo?!... Absolutamente não!

* * *

Sem conta, também, são os "centros" em que, para se falar com os "guias chefes", ter-se-á, antes do mais, de se ir bem vestido ou, pelo menos, se dar provas de que se poderá dar "ajuda" ao terreiro.

E estará isto certo?!... Claro que não!

* * *

Às vezes, acicatadas por preocupações graves de que somos presas, vai-se a um "terreiro" e, procurando-se um "guia" de nossa preferência, dele (o certo é que é do médium e não do guia) se ouve, ao invés de um bom conselho, de uma oportuna orientação, a mais absurda das respostas.

* * *

Era eu ainda "médium" do "Caminheiros da Verdade", onde atuava chefiando minha "Falange Xangô", ou seja: "um punhadinho" de médiuns de boa vontade, peito aberto e coração à larga, abnegados, devotados, despretensiosos, sinceros e humildes em tudo por tudo que, esquecendo-se de si mesmos e de tudo o mais, trabalhando noite após noite — até, quase sempre, de madrugada — me acompanharam desde os meus primeiros passos no "Caminheiros da Verdade". Eles e, por eles, os seus bondosos e carinhosos quão dedicados e também humildes "guias" e "protetores", meus sinceros e verdadeiros amigos, meus diários companheiros de lutas, no cumprimento da sagrada lei: a lei do amor, a lei de Deus.

Destarte, por uma moça que habitualmente presenciava meus "trabalhos", ou melhor, os "trabalhos de minha falange Xangô", fui procurado para que, a ela, indicasse eu um dos "guias" — dentre os que trabalham na casa — para aconselhar uma amiga sua (da referida moça), uma nortista que, aqui no Rio, longe dos pais, dera um mau passo com o namorado. Indiquei-lhe um dos mais firmes "Caboclos" que conhecia, "Caboclo" esse cujo médium me merecia o melhor conceito, em tudo por tudo.

E sabem qual foi a resposta que o "Caboclo" (claro que foi a médium, e não o "Caboclo") deu à moça, justamente a ela que se encontrava apavorada mesmo, pode-se dizer, com o que lhe tinha acontecido?!...

Apenas esta: — "Bem feito, para você tomar vergonha"...

* * *

Pergunto eu, agora: — Em tais condições e diante de tal "conselho", voltaria aquela moça ao "terreiro" ou, melhor, o que diria ela da Umbanda?!... E dos "guias"?!...

* * *

Esta, porém, é a pura verdade que, a cada passo, em vezes sem conta, se constata por parte dos médiuns, especialmente os de Umbanda. Não de todos, é claro, mas de grande parte deles.

E, em sã consciência, como denominaremos tais médiuns?!... Bons?!... Maus?!... Perigosos?!...

* * *

O médium que incorpora ou pensa incorporar espíritos, sem estar moralmente preparado, para sua missão é uma espécie de criminoso contra si próprio, contra seus irmãos, prejudicando seriamente a missão dos adeptos de Umbanda.

Sendo assim, compete ao próprio médium, mediante a sua boa conduta, evitar a desmoralização do seu terreiro, da sua tenda e portanto da religião de Umbanda. É um dever que ele não pode deixar de cumprir conscienciosamente, a fim de poder praticar a caridade.

Eis porque, a todos os médiuns que, esquecendo-se de sua enorme responsabilidade, entregam-se ao cometimento das faltas de que aqui falo, chamo eu, sem exceção de "maus médiuns". Eis porque, finalmente, a todos os irmãos de fé, digo eu: "Cuidado com os maus médiuns!"

* * *

SER MÉDIUM

Ser médium, irmãos, ou ser mediador
entre o invisível e o mundo em que vivemos...
é ter o coração aberto em flor!...
é dar de graça, o que de graça, temos!

Ser médium, irmãos, é ser consolador!...
é dar, a outrem, aquilo que queremos!...
é secar pranto... é abrandar a dor!...
é — quem falta — dar o que nós temos!

Ser médium, irmãos, é coisa tão sublime...
tão nobre... imensa... e de tanto valor!...
que se ser médium — é certo — nos redime,
nos dá direito às Graças do Senhor!

Ser médium, irmãos, é algo que se exprime,
quando, no peito, só se tem amor!

6

Cuidado com os falsos "Guias"!

Em meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", no capítulo III (O "porque" da Quimbanda) — ao me referir aos espíritos, isto é, aos "seres inteligentes da criação, que povoam o universo, fora do mundo material (definição dada por Allan Kardec — o "Codificador" — em seu "O Livro dos Espíritos", publicado em 18 de abril de 1875), apresento, de acordo com o meu modo de entender as coisas, sua classificação em duas grandes ordens, a saber:

a) Missionários do Bem.

b) Missionários do Mal.

Os Missionários do bem, digo eu pertencerem às classes:

1) Espíritos Puros — Anjos, Arcanjos, Querubins e Serafins;

2) Espíritos Bons — Superiores, de Sabedoria, Sábios e Benévolos.

Aos Missionários do Mal, por outro lado, digo eu pertenceram: Os Impuros, Levianos, Pseudo-sábios, Neutros, Batedores e Perturbadores (não que tal sejam, mas como tal se apresentam e agem).

Quanto aos Espíritos Puros — Anjos, Arcanjos, Querubins e Serafins — são eles os que, tendo atingido ao máximo da perfeição, isto é, completado o seu ciclo total evolutivo (involução e evolução), gozam da bem-aventurança eterna, aos pés de Deus mas, por outro lado, como o ócio é, antes que tudo, um ciúme, traba-

lham eles como auxiliares diretos do criador, incumbindo-se da regência de todo o universo.

Quanto aos Espíritos Bons — Superiores, de Sabedoria, Sábios e Benévolos — digo que, embora não tenham eles atingido o mesmo grau de perfeição dos Espíritos Puros, são contudo sumamente evoluídos. Entre êles, aliás, classifico os que como Protetores, Guias Espirituais ou mesmo Anjos de Guarda, se nos apresentam. Digo ainda que, entre tais espíritos, considero eu ou incluo os nossos "Caboclos" e "Pretos-Velhos".

Finalmente, quanto aos chamados Missionários do Mal — Impuros, Levianos, Pseudo-sábios, Neutros, Batedores e Perturbadores — digo eu, naquele meu livro, no citado capítulo III ainda, à página 35, o seguinte:

"a) encarnados ou desencarnados são eles os que, por faltas pretéritas — pelas quais, é claro, são os únicos responsáveis — muito têm ainda a reparar ou resgatar e, por isso, aceitam e mesmo escolhem — a tanto, pois, se submetendo voluntária e espontaneamente — a difícil missão, de, praticando o mal e sofrendo suas lógicas e imediatas conseqüências, fazer indiretamente — o bem;

b) quando encarnados, ou melhor, ao voltarem em mais uma ou outra encarnação, fazem-no, por vezes, submetendo-se às mais duras provas, isto é, apresentam-se como os chamados espíritos em prova, ou também, como verdadeiros entes endemoniados , criminosos sem classificação, capazes, portanto, dos mais nefandos crimes e, destarte, perseguidos e justiçados como terão de ser logicamente, redimem, assim, suas faltas".

* * *

Mais adiante, já no capítulo VII (Os "Exus" e sua importante missão) — daquele meu livro, à página 63, referindo-me aos chamados "Missionários do Mal", digo eu "Não poderão os Exus, sem favor, ser incluídos nessa classe de espíritos, isto é, na dos Missionários do Mal?!..."

Poderiam os espíritos encarnados, isto é, as criaturas humanas — nós, portanto — no caso de que fôssemos "verdadeiros entes endemoniados, criminosos sem classificação, capazes, pois, dos mais nefandos crimes", dirigir, guiar, ou orientar a quem quer que fosse e, mais ainda, a médiuns de qualquer espécie, mormente os da Umbanda?!... Poderíamos, mais ainda, fundar e dirigir "Centros" ou "Tendas Espíritas"?!...

Não! De modo algum!

E se, ao invés de sermos nós, ou melhor, de serem espíritos encarnados, fossem os desencarnados?!... Os "Exus", por exemplo, que na classe de que falamos são também encontrados?!...

* * *

O que se dá, em muitos terreiros de Umbanda, é que os Exus se infiltram nos "Trabalhos".

Para mim — que estou de pleno acordo com êste fato — a coisa é ainda muito pior.

* * *

Conquanto seja eu amigo incondicional de Exu, a ele procurando dar "o lugar que, a meu ver, lhe compete no conceito religioso filosófico ou científico", não vou ao ponto de o aceitar como "guia". Não que ele, a meu ver, seja um espírito sem luz mas, na verdade, tendo em conta a própria razão de ser que lhe atribuo, isto é, a de ser um dos espíritos que "por suas faltas pretéritas — pelas quais, é claro, são os únicos responsáveis — muito têm ainda a reparar ou resgatar e, por isso, aceitam e mesmo escolhem a tanto, pois, se submetendo voluntária e espontâneamente — a difícil missão de, praticando o mal e sofrendo suas lógicas e imediatas conseqüências, fazer indiretamente — o bem".

Não que ele, pois, não tenha adiantamento suficiente para dirigir, guiar e até esclarecer, em tudo por tudo, a quem a ele recorrer mas, na verdade, porque o considero um espírito que, justamente por ser como o

aceito, é, por isso mesmo, perigoso ao extremo. E, se "pari passu", consideramos o que somos nós mesmos, isto é, as criautras humanas, lógico é que, muito maior será o perigo que representa um "Exu" atuando como guia".

Já temos dito que, em diversos "terreiros", dos muitos que visitamos — e até citamos casos concretos — são os "Exus" os verdadeiros chefes ou orientadores, não só dos seus médiuns e assistentes (visitante ou freqüentadores), como dos próprios "terreiros". Já o dissemos e, logicamente, com tal coisa não concordamos em hipótese alguma.

Mas — o que é lógico e claro — se tais fatos são constatados, uma razão terá de haver. Digo eu mesmo que, para que isso aconteça, muitas razões há.

E por quê?!...

* * *

Os maus médiuns, evidentemente, são a meu ver o que se pode chamar de primacial causa. Em outras palavras: são os "maus médiuns" — a que me refiro no capítulo anterior deste livro — os elementos que, em primeiro lugar, contribuem para a presença dos "Exus", em posições de comando, nos "terreiros". Fazem-no — é óbvio — em face da já citada "lei da afinidade espiritual": "a cada um o protetor que merecer" e, além disso — grande número deles — pela ignorância absoluta da natureza das "forças" que trabalham em Umbanda ou, também, pelas suas intenções de se locupletarem de vantagens.

Em segundo lugar — também de modo assás considerável — para tanto contribuem os asssistentes ou freqüentadores desses "terreiros" e, êles também, em face daquela mesma lei.

Em terceiro lugar, cito eu os próprios espíritos a quem denomino de "Missionários do Mal" e, entre eles, é claro, os "Exus" em maior número.

E poderemos, por isso tudo, condenar aos "Exus" ou espíritos outros dos pertencentes à ordem dos "Missionários do Mal?!..." Não! De modo algum!

Devo aqui acrescentar que, além das razões acima expostas, uma outra há — e bem mais importante — para que tais fatos se verifiquem.

Refiro-me, agora, ao casos chamados de "vingança de inimigos desencarnados", isto é, aos casos em que, "desencarnada uma pessoa, que neste planeta terra tenha sido nossa inimiga e por isso nos tenha jurado vingança, propõe-se ela a executar seu plano de vindita — e o fará, aliás, com possibilidades e facilidades maiores — após o seu desenlace".

E não poderá muito bem acontecer que, com relação aos médiuns de um qualquer "terreiro" e, especialmente, quanto ao médium chefe (o "babalaô" e ou a "babá") se verifiquem casos que tais, isto é, casos de "vinganças de inimigos desencarnados?!..." Claro que pode e, outrossim, aconteça.

* * *

Qualquer que seja o modo pelo qual os Exus se infiltrem nos "terreiros" e, mais ainda, sejam encontrados como orientadores deles e bem assim dos seus médiuns ou freqüentadores, será, evidentemente, por demais prejudicial, se não extremamente perigoso. Tal será, "pari passu", mais um motivo para que, por nossos inúmeros inimigos, sejamos apupados de boçais e ou mentecaptos e seja a nossa Umbanda chamada de religião de atrasados.

Houvesse, é lógico, pelo menos consciência, ou seja, bom-senso, por parte dos médiuns e, em particular, dos que fossem chefes de terreiros e, logicamente, tal não aconteceria. Houvesse, outrotanto, um pouco de doutrina, e por outro lado, conhecimento real e prática honesta e consciente da Umbanda e, mais do que certo, não seriam constatados fatos com esses, em que os "Mis-

sionários do Mal" chefiam, guiam e — antes que tudo — a todos iludem e prejudicam.

Sim, porque, se tal houvesse, não só os "Exus" — viessem eles camuflados ou não — não tomariam conta de ambientes ("Centros" ou "Tendas") como, especialmente e por isso mesmo, não se os poderia chamar — como o fazemos — de "falsos guias" e de, finalmente, dizer: "cuidado com os falsos guias".

7

Cuidado com a mediunidade!

Referindo-me ao caso das obsessões por "mediunidade não desenvolvida", digo o seguinte: "Uma pessoa que a tenha é, nada mais, nada menos, que uma casa abandonada no meio de uma estrada grande e deserta; segue um viajor, despreocupadamente, o seu caminho (pela dita estrada, é claro); começa, de repente, a escurecer e, ato contínuo, a trovejar, prenunciando forte temporal; olha para um lado, olha para o outro, o viajor, e ao longe vislumbra um abrigo — a casa abandonada na estrada; corre, naturalmente, em sua direção e, em seu interior, se abriga da tempestade; mas... outro, mais outro e outros viajores mais — que também seguiam pela mesma estrada — a eles o mesmo acontece fazerem, eles também: refugiam-se na casa abandonada; dada à absoluta semelhança de situação e de circunstâncias, estabelece-se entre todos os viajores — refugiados, então, na dita casa — uma espécie de camaradagem, isto é, constitui-se um agrupamento do qual fazem parte elementos perfeitamente semelhantes; passa, porém, o tempo e, cada viajor, deixando a casa, segue sua interrompida viagem; o tempo continua passando, por sua vez: novos viajores, novos temporais, novos refugiamentos na casa abandonada da estrada ou, em outras palavras muitos e os mais variados donos (eventuais, é claro) terá a dita casa e, assim, vai ela, de mão em mão, desmantelando-se aos poucos, até que, finalmente desmorona e se transforma em ruínas.

A casa abandonada logicamente, é a pessoa cuja mediunidade não está desenvolvida — diria não adestrada; os viajores nada mais são que os "obsessores"; o término do temporal, ou melhor, os términos dos vários temporais, por sua vez, podem ser tomados como sendo os diversos trabalhos de desobsidiação ou desobsessão (afastamento de "obsessores") que se fará em benefício seu; o desmantelamento gradativo que sofrerá a casa, por outro lado, pode ser aceito como as desastrosas conseqüências que, nas "pessoas obsedadas", deixam os "fluidos" dos "obsessores"; finalmente, o estado de ruínas em que a casa ficará representa — e é fácil compreender — o aniquilamento total e conseqüente desencarne do "obsedado".

* * *

"Mediunidade" — de um modo geral — é a possibilidade que tem a criatura humana, bem como os irracionais (grande número deles), de servir de intermediário nas comunicações entre o mundo invisível (dos espíritos desencarnados) e o mundo visível (das almas, espíritos encarnados ou criaturas humanas).

Muitas são as espécies de mediunidade, por isso que, também muitas, são as maneiras de servir-se de intermediário em tais comunicações (intermundos). A mediunidade ou faculdade mediúnica, pois, varia de criatura para criatura. Poderá ela — de um modo geral — apresentar-se (em se tratando, especialmente, da mediunidade incorporativa ou de incorporação) em um dos seguintes estados:

a) Latente
b) Progressivo
c) Ostensivo
d) Desenvolvido.

No estado latente, a mediunidade (ainda não manifestada, ou afastada) somente poderá ser constatada por exame meticuloso, ou aceita por suposição.

No estado progressivo, começa a se manifestar ou já se apresenta mais ou menos verificável.

No estado ostensivo, apresenta-se a mediunidade em toda sua pujança e, assim, é facilmente constatada e, por isso mesmo, estudada.

No estado desenvolvido, finalmente, apresenta-se a mediunidade em seu máximo grau de intensidade e com sua mais acentuada produtividade.

Queiramos, pois, ou não, somos todos nós — criaturas humanas — médiuns, qualquer que seja o estado (dos quatro acima) em que se encontre nossa mediunidade. Destarte — o que não poderá ser contestado — estaremos todos nós, sem exceção, expostos à influência direta e imediata dos espíritos desencarnados, qualquer que seja a natureza deles.

Se, na realidade, nos tivermos dedicado à prática da caridade, pela aplicação de nossas faculdades mediúnicas — seja numa "mesa kardecista", seja num "terreiro ou mesa de Umbanda", seja lá onde for — claro é que, de nós, se aproximarão espíritos dos a quem denomino de "Missionários do Bem" (claro que serão os por mim classificados como Bons — Superiores, de Sabedoria, Sábios e Benévolos), e desta forma e porque — justamente por isso — estaremos "amando a Deus sobre todas as coisas e, ao nosso próximo, como a nós mesmos", nossa vida correrá normalmente, dentro dos naturais moldes da vida por Deus permitida aos terráqueos. Neste caso, então, deveremos até nos sentir felizes ou, também, se nos dispusermos a não seguir à Divina Lei da Fraternidade Universal — aquele "Amai-vos uns aos outros" de que nos fala nosso "Pai Oxalá" — o que nos acontecerá, clara e logicamente, será justamente o ficarmos à mercê dos espíritos outros que não os ainda há pouco referidos. Nossa vida, nesta terra, será a mais desagradável e infeliz possível. Nada, nela, dará certo. Tudo nos sairá às avessas. Nada, praticamente conseguiremos e, por sinal, muito felizes seremos se, quanto à saúde física, não formos obrigados a algo

dizer. Muito felizes seremos se, na verdade — dada a nossa situação de vida — não formos levados ao crime e, em especial, ao crime de suicídio.

* * *

Por falar em suicídio, relatarei, a seguir, um fato real que, quanto ao que estou explorando neste capítulo, isto é, quanto ao cuidado que se deve ter com a mediunidade, muito bem servirá de exemplo.

* * *

Trabalhava eu, em 1952, em uma firma comercial, na época localizada à rua Acre neste Estado da Guanabara e, como tal diariamente, cerca das oito horas da manhã, dirigia-me ao trabalho. Vinha de trem desde Quintino — onde aquele tempo, também residia — e, a pés, seguia, pela Avenida Marechal Floriano (rua Larga), até a acima citada rua Acre na qual entrava finalmente. Passava, evidentemente, todos os dias, à frente do Edifício do Ministério da Guerra, na Praça da República, de um lado e, do outro o monumento erigido ao Duque de Caxias, o Glorioso Patrono do Exército.

Pois muito bem!... Numa das manhãs em que, como de hábito, fazia o referido percurso, notei que, ao lado do monumento ao Duque de Caxias, havia um regular ajuntamento de pessoas. Notei, outrossim, que, caído ao chão, havia um homem. Em sua volta, pois estavam as tais pessoas e, bem assim, alguns soldados — e penso até que o iriam levar, em uma maca, para o interior do edifício do Ministério da Guerra — a fim de o medicarem.

Não me querendo preocupar com o caso, julgando — como disse a mim mesmo — tratar-se de algum atropelamento que, ali, nada seria de absurdo, decidi continuar meu caminho. Decidi, no entanto, por intuição — direi eu, recebi ordem para, de perto, ver do que, realmente se tratava. Destarte, cumpri a ordem recebida (mediunicamente, é claro).

Ao aproximar-me do jovem, verifiquei que se tratava de um caso de mediunidade.

Depois de "afastar" eu o "obsessor" que tinha atirado ao chão, desacordado, o jovem, dirigi-me, aos presentes, fazendo a esmo, a seguinte pergunta: Há alguém aqui que conheça esse rapaz?!... Que lhe saiba o nome?!

— "Eu sou noiva dele moço!... Ele se chama Orlando!..." — disse-me uma moçoila, a meu lado.

— Olhe, minha filha!... disse-lhe eu e aduzi: A doença do seu noivo tem apenas um nome: mediunidade! Não há médico que cure, neste mundo!... É somente ele que poderá dar o remédio, isto é, só ele e mais ninguém, poderá curá-lo!... E, para o fazer, terá o seu noivo de procurar um "bom centro espírita", para no mesmo, adestrar a mediunidade que tem!... Você já pensou se, ao invés de ter sido aqui, esse espírito tivesse "pegado" o seu noivo numa das plataformas da "Central" (e ele viera de lá) e o atirado à frente de um trem que estivesse entrando na gare?!... Diriam, é claro: "Coitado!... Tão jovem, no entanto... suicidou-se... Não é?!..."

Observem bem, os meus queridos irmãos de fé, o que acabo de dizer. Lembrem-se de que, como o caso desse rapaz de nome Orlando (se êle é vivo deve se lembrar e não poderá negar) outros, muitos e muitos outros acontecem a cada instante, a cada dia.

E, se em vez de um caso desses, ocorresse um que, em semelhantes circunstâncias, fosse promovido "como vingança de um espírito desencarnado", espírito esse que tivesse ódio do Orlando e dele se quisesse vingar?!... E que esse espírito, seu inimigo — do Orlando, é claro — ao nele se incorporar, resolvesse lhe armar a mão e o tornar criminoso?!... E quantos e quantos outros casos desses não têm já ocorrido — e ainda ocorrerão — levando inocentes às grades de uma prisão?!...

Lembrem-se disso, queridos irmãos e, com sinceridade, me digam: tenho ou não razão, quando, a todos, sem exceção, finalmente digo: "cuidado com a mediunidade!"

8

Não cantem "pontos", a não ser em locais e horas apropriados

Raras, raríssimas mesmo, são as pessoas que não gostam de música. Na grande maioria — é uma verdade — toda gente gosta de música, seja ela clássica ou popular, seja ela a de uma ópera ou opereta, a de um samba, a de um tango, a de um "blue" e, atualmente, até a de um ritmo de "iê-iê-iê".

Toda gente gosta de música e entre as músicas que prefere, sempre há uma ou algumas que, de um modo particular, merece atenção.

Eu, por exemplo, embora goste muito de música clássica, como a de um Liszt de um Mozart e de tantos outros grandes compositores, também gosto e me delicio com o ouvir de um bom samba — particularmente um dolente samba-canção.

Destarte, sempre que ouço uma dessas músicas de minha preferência, natural é que, por me sentir — enlevado, digamos assim — me disponha a ouvi-la e, para tanto, chegue mesmo a parar — se possível e necessário for — para melhor atingir meu objetivo, no caso, é claro, de que me encontre, em minhas andanças, pelas ruas.

Como comigo, é lógico, acontecerá a qualquer um dos queridos irmãos de fé.

* * *

De modo perfeitamente idêntico — asseguro, sem medo de errar — também acontece com os espíritos desencarnados sejam eles quais forem, qualquer que seja a sua classificação e tanto é isso o que acontece que, para se "chamar" os espíritos que trabalham nos "terreiros", sejam eles os próprios "Exus", necessário é que se cantem "pontos". É um fato e ninguém tal desconhece. Fazem mesmo os "pontos", ao que se pode dizer, parte integrante dos trabalhos, sejam de Umbanda, sejam de Quimbanda, sejam até mesmo de Candomblé. Há até em enorme quantidade — os "terreiros" em que, marcando melhor o ritmo dos "pontos", se fazem ouvir os "tabaques" ou "atabaques".

* * *

Do que até aqui, neste capítulo VIII, fica dito, facilmente se concluirá que, ao ouvir um "ponto" se enlevem os extasiem os espíritos desencarnados que, porventura, perto se encontrem do local onde se canta.

Ouvindo-os — o que é lógico — tais espíritos procurarão se "incorporar", isto é, procurarão os médiuns que no local se encontrem, a fim de que "incorporados", melhor e mais materialmente os possam escutar ou, em outras palavras, possam se deliciar com as suas músicas.

Tratando-se dos chamados "espíritos bons" e mesmo, em alguns casos, dos pertencentes à ordem dos "Missionários do Mal" — desde que, é claro, não estejam mal intencionados na ocasião — nada de mal acontecerá. Quando muito — poder-se-á dizer e aceitar — o médium levará uns trambolhões, umas ou quantas violentas sacudidelas... e nada mais.

Admitamos, porém, duas outras diferentes hipóteses: a) Os espíritos desencarnados que estiverem ouvindo tais "pontos", além de pertencerem à ordem dos "Missionários do Mal", estão imbuídos de más intenções, quer dizer, estão mal-intencionados;

b) Os médiuns (pois que todos somos), não só

ignoram que têm mediunidade (ostensiva ou desenvolvida, no caso) como, mais ainda, são amigas de bebidas alcoólicas ou, pelo menos, tais bebidas estarão ingerindo na ocasião.

O que poderá na melhor das hipóteses, então ocorrer?!...

Nada mais, nada menos do que, servindo-se dos médiuns ali presentes e, por outro lado, desejosos de atingir seus malévolos objetivos, os espíritos desencarnados "incorporarão" e, quanto ao que poderá acontecer, só Deus o saberá.

Note-se, no particular que, dos "pontos" de "Caboclos" ou "Pretos-Velhos", também gostam, além deles mesmos, muitos e muitos dos outros espíritos de natureza e índole diversas. Assim, certamente, não se poderá dizer que: — mas eu estava cantando só um "pontinho de Caboclo" (ou "Preto-Velho")!!!...

E — vamos admitir (além das duas que há pouco citamos) — a hipótese de que, na verdade, se estava cantando "ponto" ou "pontos de Exu", de "Pomba Gira", etc., etc... O que poderá, neste caso, acontecer?!...

* * *

Cerca de uma hora da manhã do dia 7 do mês de junho de 1966 (estava escrevendo este capítulo a 8 do mês), acabava eu de conciliar o sono quando, à porta de minha residência, fui aflitivamente chamado. Verificando tratar-se de um rapaz meu conhecido — médium, por sinal de um dos bons e verdadeiros "centros espíritas" daqui do Estado da Guanabara — atendi. Pedia-me ele que o acompanhasse, por favor, a uma determinada casa de amigos seus — localizada em rua transversal à em que moro — a fim de atender a duas moças que "estavam" — disse-me ele — "incorporadas" com "Pomba Giras". Fui, atendi ao caso com carinho e devoção e, graças a Deus (Obatalá) e a nosso Pai Oxalá, bem como a meus humildes "guias", entre os quais o meu "Caboclo Guaicuru", obtive bom êxito. Em outras

palavras: resolvi, satisfatoriamente o caso, tendo tudo voltado ao normal.

Mas, pergunto eu, por que tal aconteceu?!...

a) as duas moçoilas (as que "incorporaram" as tais "Pombas Giras") são, na verdade, ótimos médiuns de "incorporação", digo até, ótimos "médiuns" de "Exu";

b) elas, o rapaz que fora me chamar, além de um outro, estavam bebendo e, além disso, cantando "dois pontinhos" de "Exu" e de "Pomba Gira";

c) na residência das tais moçoilas, a bem da verdade, há um pequeno "peji", posto que sua progenitora também trabalhava na Umbanda e, por sinal, com uma grande e formosa "Preta-Velha" (Vovó Cambinda).

* * *

Apresento eu, a respeito, mais as seguintes e oportunas perguntas:

1) E se não estivesse eu em casa, quando fui chamado?!...

2) E se o dito rapaz não me conhecesse e não soubesse que eu sou da "Lei"?!...

3) E, se não existisse eu e, por outro lado, não houvesse qualquer pessoa entendida do assunto que fizesse o que fiz?!... pelo menos na vizinhança?!...

4) E mesmo que outra pessoa em idênticas condições — ou eu mesmo — não pudesse ou não quisesse (erradamente, é claro) atender?!...

5) O que poderia ter acontecido?!...

* * *

Meus irmãos, o espiritismo e especialmente o de Umbanda — já não se falando no de Quimbanda — é

coisa séria. Tem "mironga" e "mironga grande", mesmo!... Por que, então, brincarmos com as coisas sérias?!... por que mexer com "forças" que, antes do mais, não conhecemos bem e que, por isso, não sabemos e menos ainda podemos controlar?!...

Se não sabemos o que são "pontos" e o que pode acontecer quando se canta indevidamente, por que cantá-los?!...

Eis porque, irmãos de fé, digo agora, ao terminar este capítulo VIII de "Pomba Gira", ou melhor, recomendo-lhes e os aconselho: "não cantem pontos, a não ser em locais e horas apropriados".

"Saravá, irmãos!..." "Saravá" "zi-fio" — lhes diria o meu "Preto-Velho" — o meu protetor — "João Quizumba". "Saravá, ele, aliás"!

9

Cuidado com a Magia Negra, isto é, os "trabalhos", da Quimbanda e do Canjerê!

No capitulo V, deste meu novo livro, como sua finalidade, chamo eu a atenção de todos os meus queridos "irmãos de fé", para as falhas que, de um modo geral, apresentam os médiuns, em grande número, especialmente os de Umbanda. Como principais de tais falhas, aliás, indico as seguintes: orgulho, vaidade, maledicência, inveja, despeito, ciúme, assassínio, cobrança (recebimento de dinheiro) em troca de caridade. A essas, aliás, aduzo, ainda, como também graves o uso do álcool e o abuso sexual.

* * *

E por quê?!... Simplesmente porque:

Em meu livro "Conhecimentos indispensáveis aos Médiuns Espíritas" (2ª parte), no capítulo IX e em "Umbanda dos Pretos-Velhos", no capitulo XI (transcrição "ipsis literis"), refiro-me ao "Ovo Aurico", isto é, o conjunto de 7 (sete) invólucros ou camadas fluídicas que, ao redor do nosso corpo, se encontra. São tais camadas formadas (ou resultam) das múltiplas funções do nosso organismo.

Obedecem, esses invólucros ou camadas fluídicas, ao comando mental (isto é, de nossa mente, nosso cé-

rebro) e se encontram em íntima ligação com a região do nosso organismo físico chamado "plexo solar" (conjunto de gânglios nervosos existentes sobre a boca do

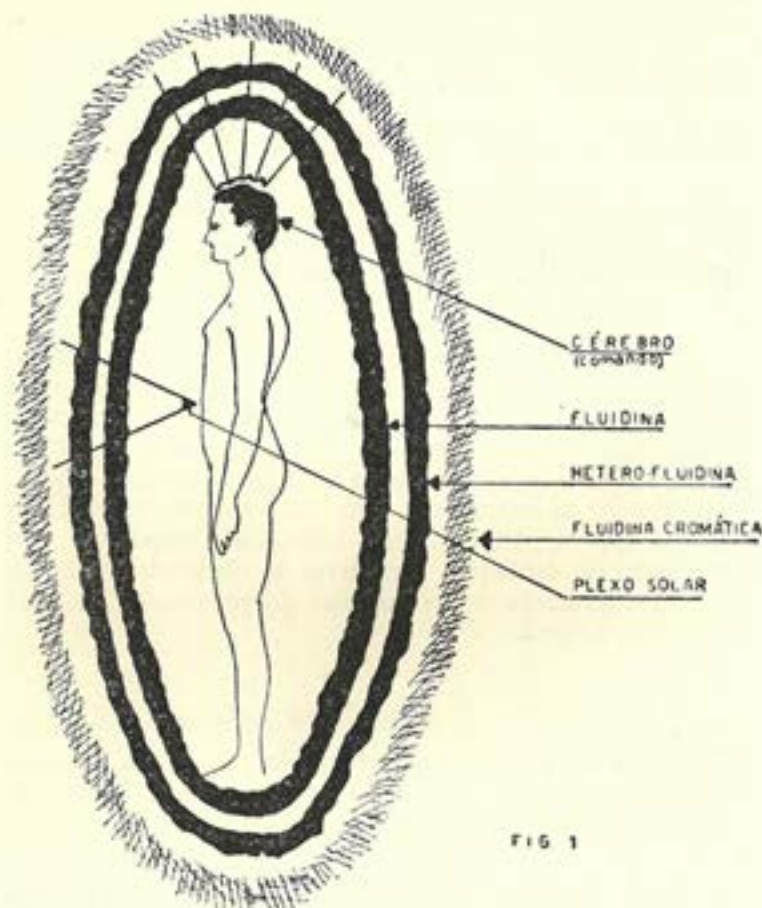



FIG 1

estômago, como se costuma dizer). É este "plexo solar" — ao que se pode dizer — "um como segundo cérebro".

Conquanto sejam em número de 7 (sete), somente

nos referíamos a 3 (três) desses invólucros ou camadas fluídicas:

a) Fluidina
b) Hetero-Fluidina
c) Fluidina Cromática

* * *

Apresentam-se essas três camadas fluídicas, conforme o desenho da página anterior, de dentro para fora, ou seja, do centro para a periferia, e, a seu respeito, repetirei aqui o seguinte:

a) Fluidina — interpenetra o nosso organismo físico e corresponde à "parte sólida do corpo", isto é, o tecido ósseo;

Hetero-Fluidina — é mais tênue que a anterior; atua sobre o "tecido sangüíneo", isto é, o sangue (todo o nosso corpo é revestido de uma rede vastíssima de vasos onde circula o "líquido da vida" — o sangue);

c) Fluidina Cromática — provém do próprio espírito e, por isso mesmo, mais caracteriza suas vibrações.

* * *

Direi mais, também em repetição: "Um Ovo Áurico" bem formado, isto é, resultante das emanações de bons fluidos (fluidos esses conseqüentes de boas irradiações do nosso sistema nervoso) caracteriza-se por uma irradiação brilhante e de rara beleza, e desta forma, oferece certas e importantes resistências ao "retorno".

Apresenta-se por outro lado, como que uma força que nos chama para perto das pessoas que, assim, o possuem.

Um Ovo Áurico mal formado, isto é, resultante das emanações de maus fluidos (fluidos esses conseqüentes das más irradiações — ódio, inveja, ciúme, despeito, etc... do nosso sistema nervoso) caracteriza-se, ao contrário, por uma irradiação escura e sem beleza e, desta forma, não oferece resistência ao "retorno".

Nestas condições, apresenta-se como que uma força que nos causa repulsa ao nos aproximarmos das pessoas que, assim, o possuem.

* * *

Do que até aqui fica dito, neste capítulo IX, fácil será o se aceitar que, tendo a criatura humana um bem formado "Ovo Áurico", isto é, um Ovo Áurico conseqüente das boas emanações ou irradiações do seu sistema nervoso, logicamente estará ela defendida — e eficazmente — contra todo e qualquer "trabalho" da Magia Negra, contra toda e qualquer influência má que lhe venha a ser dirigida. Por outro lado, estará tal criatura em condições de, a sua volta — pois que a todos agradará, atrairá, cativará — ter sempre bons e fiéis quão sinceros, reais e decididos amigos, seja de lá, seja de cá, isto é, sejam desencarnados, sejam encarnados (como ela própria).

Mas, se ao contrário, tiver a criatura um mal formado Ovo Áurico, isto é, um Ovo Áurico conseqüente das más irradiações — ódio, inveja, ciúme, despeito, etc... — o que acontecerá, logicamente, será o absoluto contrário: não só a criatura será um campo por demais fácil para a atuação dos "trabalhos" de Magia Negra, isto é, da Quimbanda e do Canjerê e, por outro lado, causará repulsa a todos os que, dela porventura se acercarem.

Tal repulsa, porém, só se manifestará quanto às pessoas ou espíritos desencarnados bons, posto que, quanto aos mal-intencionados — especialmente esses — atraí-los-á ela, intensa e constantemente.

E o que lhe resultará?!... O maior e mais rápido total aniquilamento.

Eis porque — e de um modo particular aos "maus médiuns" — digo, ao término deste presente capítulo: "cuidado com a Magia Negra, isto é, os trabalhos da Quimbanda e do Canjerê!"

10

Poderemos nos tornar criminosos sob a influência de espíritos mal-intencionados

Em meu último livro, já citado, no capítulo XIV (Obsessão — definições e diferentes modalidades), digo, logo ao início, quanto à obsessão o seguinte: "obsessão, de um modo geral, é o domínio que, sobre um indivíduo ou pessoa (espírito encarnado), exercem fatores estranhos — independente ou dependentemente da sua própria vontade.

Uma definição mais satisfatória — a meu ver — seria: é o domínio que, sobre um indivíduo ou pessoa (espírito encarnado), exercem fatores estranhos — com ou sem o concurso de sua própria vontade.

Também se pode dizer "obsidiação" e, até, "obsecação".

No meu modo de entender, dar-se-ia o caso de "obsessão" ou "obsidiação", apenas quando o fenômeno independesse da vontade da pessoa na qual fosse ele constatado e, o de "obsecação", sempre que — embora talvez sem poder reagir (por fraqueza da vontade ou outro qualquer motivo) — se deixasse dominar ou empolgar (casos há), isto é, não reagisse ou não oferecesse resistência alguma à manifestação do fenômeno.

Haverá, pois, uma diferença entre "obsessão ou obsidiação" e "obsecação", como segue:

a) "Obsessão ou obsidiação" é o domínio que, sobre um espírito encarnado (indivíduo ou pessoa), exercem fatores estranhos, sem o concurso de sua própria vontade;

b) "Obsecação" é o domínio que, sobre um espírito encarnado (indivíduo ou pessoa), exercem fatores estranhos, com o concurso de sua própria vontade.

Mas, adiante, à página 131, ainda do mesmo capítulo XIV, digo, com referência à "obsessão ou obsidiação", outrossim, o que se segue: "Dá-se — como causa das "obsessões" — as seguintes:

a) Imperfeições morais;
b) Vingança de inimigos desencarnados;
c) Mediunidade não desenvolvida e
d) Mediunidade mal empregada.

No presente capítulo X, deste meu novo livro — "Pomba Gira", dada a sua própria denominação ou título e, por isso mesmo, a sua finalidade — referir-me-ei, apenas, às duas primeiras causas que poderão — e o fazem, na verdade — ocasionar uma "obsessão ou obsidiação", isto é, referir-me-ei, então somente, a:

1) Imperfeições morais
2) Vingança de inimigos desencarnados.

* * *

As "obsessões" ou "obsidiações", por "imperfeições morais", poder-se-ão verificar em dois casos especiais, a saber:

a) o "espírito obsessor" tem afinidade moral — apenas — com o "obsedado" isto é, entre ambos — "obsessor" e "obsedado" — existe, ao que se pode dizer, semelhança de imperfeições ou, em outras palavras: têm, ambos os mesmos vícios ou defeitos morais;

b) o espírito obsessor" tem afinidade fluídica — apenas — com o "obsedado", isto é, entre ambos — "obsessor" e "obsedado" — existe, ao que se pode dizer, semelhança de fluidos, de ectoplasma ou, em outras palavras: seus ectoplasmas têm constituição idêntica.

Quanto às "obsessões" ou obsidiações", por "vingança de inimigos desencarnados", verificar-se-ão elas por:

a) "desencarnada uma pessoa que, neste planeta, "nos tenha jurado vingança", propõe-se ela executar seu plano de vindita — e o fará, aliás, com possibilidades e facilidades maiores — após o seu desenlace;

b) Espíritos que, em encarnações outras, tenham sido nossos inimigos também, embora — é claro — de tal não possamos lembrar, via de regra;

c) Espíritos (desencarnados) que, por qualquer motivo — dado por nós, é claro — venha a se tornar nosso inimigo, apesar — e por isso mesmo — de estarem eles desencarnados, enquanto nós, encarnados".

* * *

No capítulo VII, deste meu novo livro — referindo-me ao perigo a que estão expostas as criaturas humanas, ou seja, todos nós — posto que todos nós somos médiuns e, além disso, não só (de um modo geral) não sabemos que espécie ou espécies de mediunidade temos e, "pari passu", ignoramos se a nossa mediunidade (especialmente nos casos de mediunidade "incorporativa" ou de "incorporação") está num dos 4 (quatro) estados apresentados, isto é: "latente, progressivo, ostensivo, desenvolvido" — cito, em detalhes, numa fiel narrativa, o fato — real — acontecido em 1952, a um rapaz de nome Orlando que, "tomado" por um espírito — não digo que fosse espírito mal-intencionado, porque, a bem da verdade e perante a própria concepção de mediunidade, era ele (Orlando) o verdadeiro e único culpado do que lhe acontecera — fora atirado "desacordado ou incons-

ciente" (assim me expressarei) aos pés do monumento ao grande Duque de Caxias, na Praça da República.

Disse eu, inclusive, naquela narrativa, já no seu fim: "E, se em vez de um caso desses, ocorresse um que, em semelhantes circunstâncias, fosse promovido "como vingança de um espírito desencarnado", espírito esse que tivesse ódio do Orlando e dele se quisesse vingar?!... E que esse espírito, seu inimigo — do Orlando, é claro — ao nele se incorporar, resolvesse lhe armar a mão e o tornar criminoso!?... E quantos casos desses não têm ocorrido — e ainda ocorrerão — levando inocentes às grades de uma prisão?!..."

Em 1952, precisamente, fora eu em visita a uma família que, ao que estava informado, residia na rua Barão de Cotegipe, em Vila Isabel, neste Estado da Guanabara. Fora, no entanto, a família se havia mudado e, somente muito tempo depois, localizei-a em Niterói.

Desta forma, não tendo encontrado a quem procurava, restava-me, tão-somente, uma coisa: voltar para casa. Foi, portanto, o que fiz e, para isso, dirigi-me à Avenida 28 de Setembro, quase na esquina daquela artéria com a antiga Praça 7 de Março, hoje Praça Santos Dumont. Parei junto ao poste de parada dos antigos bondes de "Vila Isabel — Engenho Novo" e "Uruguai — Engenho Novo", bondes esses que, um ou outro, me poderiam levar ao Méier onde, então, residia eu. Para ser mais preciso, saltaria eu no Engenho Novo e, a pés, seguiria, então, com destino ao Méier. A essa época, devo dizer era eu sócio já do "Caminheiros da Verdade", no qual me encontrava no apogeu de minhas atividades espíritas.

No mesmo ponto de parada de bondes em que me fui postar, encontravam-se — também esperando um dos dois já citados bondes — duas moças, ambas de cor. Entabulamos conversação e, então, soube que, a mais velha delas, ou melhor, a mais idosa, se chamava Jovelina. O nome da outra, embora me tivesse sido dito, não me lembro dele agora.

* * *

Passou-se o tempo. Chegou um dos bondes que esperávamos e, durante a viagem e até a Rua Araújo Leitão — onde deveriam saltar as referidas moças continuamos a conversa que havíamos encetado. Por essa conversa, por sinal, fui informado, por Dona Jovelina, de que uma sua irmã, de nome Therezinha, estava muito mal, à morte mesmo e, na verdade, vítima de um "trabalho de macumba". (Nossa conversa, aliás, descambara para o terreno religioso espírita).

De imediato — na ânsia de sempre cada vez mais aprender, cada vez mais penetrar as "mirongas" — resolvi ir, "in loco", ver o que seria possível fazer.

Resolvi e, depois de termos tomado — eu, um guaraná e elas (Dona Jovelina e a companheira) refrescos, num botequim ainda hoje existente na esquina da rua Araújo Leitão, bem perto da parada de bondes onde tínhamos saltado — seguimos em demanda da casa onde se encontrava a moça "macumbada" ("magiada" seria o termo adequado). Para tanto, entramos pela rua Abatirá e subimos o morro, ao fundo dela existente. Subimos e, lá no alto, bem no alto do morro, tendo atrás uma soberba "pirambeira" (precipício), estava a casa de Dona Jovelina, na qual se encontrava sua irmã, deitada, já nas últimas, em uma humilde cama.

A um perfuntório exame que dela fiz e, bem assim, do ambiente e de tudo mais que então me cercava, compreendi que não me seria nada fácil realizar o que, na verdade, me levara até ali.

De qualquer forma, porém solicitei a presença de um "médium" (de incorporação) que quisesse trabalhar e, assim, me ajudar.

Apresentou-se-me um rapaz, também de cor, que, dirigindo-se a mim, disse-me, mais ou menos, o seguinte: — "Bem, moço!... Eu não trabalho na sua linha (referia-se ele, ao que penso, à Umbanda, a Linha Branca) mas, se eu servir, estou às suas ordens".

Claro que servia e, assim, respondi-lhe que aceitava

o oferecimento e, ato contínuo, pedi-lhe que "recebesse o seu guia". Fê-lo o rapaz e recebeu a "Vovó Rosalina" — um maravilhoso espírito de Quimbanda (sou absolutamente sincero ao dizer "maravilhoso". Era-o mesmo, sem favor algum).

"Incorporada" que estava a "Vovó Rosalina" para atender à Dona Therezinha" (e o fez a contento), duas importantes coisas aconteceram e, delas, jamais me esquecerei. Foram elas, as seguintes:

1) Virando-se para mim, disse-me a "Vovó Rosalina", mais ou menos o seguinte: — "Você chegou tarde, meu filho. Esta "muleca" (referia-se à doente) não vai durar muito. O "trabalho" que fizeram para ela foi para matar mesmo e ela vai morrer! É pena! Mas que "Zambi" te pague! Fica sabendo, filho, que você vai querer voltar aqui, no entanto, não conseguirá, por mais que se esforce e queira. (De fato, por duas vezes mais, em outros dias, tentei voltar e, em verdade, nem mesmo aceitei com o caminho por que fora até ali);

2) Enquanto estava "incorporada" a "Vovó Rosalina", estabeleceu-se entre ela (espírito desencarnado) e Dona Jovelina (quem me levara até lá e, portanto, criatura humana como eu, isto é, espírito encarnado) — uma repentina e violenta discussão ("demanda", seria o termo próprio) onde, em grande abundância e de ambas as partes, foram proferidos os mais pejorativos apupos, os palavrões do mais baixo calão.

* * *

De repente, no transcurso de tal discussão, Dona Jovelina (que era um ótimo médium de "incorporação" ou, mais precisamente, um "grande burro de Exu") sem mais aquela, "recebeu" um formidável Exu (não lhe perguntei o nome). "Incorporado", como estava, o referido Exu, pegando uma garrafa de litro, vazia, que se encontrava sobre a mesinha próxima, partiu-a contra ela e, a seguir, começou a "mastigar" o vidro como se

fosse, na verdade, um gostoso pedaço de pão com manteiga.

Até aí, tudo bem! No entanto...

* * *

Tendo acabado sua "sui generis" mastigação, dirigiu-se o Exu, ou melhor, levou o médium, nada mais nada menos do que para a beira da "pirambeira" (enorme abismo) de que falei no início desta real narrativa.

De relance, passou-se, ante meus olhos (direi assim) o seguinte quadro: o Exu, naturalmente — bem o compreendi — iria jogar o "burro", isto é, o "médium" (Dona Jovelina) pela "pirambeira" abaixo. Muita gente me vira não só acompanhando Dona Jovelina e a sua colega, em princípio, como, mais ainda, entrar na casa dela, lá no alto do morro (entramos, a bem da verdade, só nós dois; o rapaz chegara depois).

Aparecendo, mais tarde — e isso aconteceria forçosamente — o corpo dela, estraçalhado, no fundo do abismo, o mínimo que poderiam dizer ou pensar, sem dúvida alguma, era que eu (que havia acompanhado a moça) naturalmente quisera conquistá-la — à força mesmo — e, nada conseguindo, a teria lançado lá de cima, isto é, a teria jogado ao abismo e, logicamente, seria eu preso, julgado, achado culpado, chamado de "desalmado criminoso", de "conquistador cretino" e outras coisas mais, condenado por isso mesmo e desta forma, a estas horas estaria encerrado numa penitenciária, cumprindo pena por um crime que, realmente, não cometera.

* * *

Deus, porém, é Pai. Tenho "Anjo de Guarda", "Guias e Protetores" e além disso — no máximo que me é possível — sempre procurei e procuro cumprir com todas as obrigações que me imponho ou que me são impostas, tanto para com o próprio Deus como, também, para com os meus semelhantes, umbandista sincero que sou e sempre fui.

Assim, dirigi-me ao Exu e, com palavras amigas, contudo enérgicas e oportunas, disse-lhe, justamente, o que naquela hora e em face do que estava ocorrendo, pensava eu, ou seja: O senhor, "sêo Exu", está certo, pois a moça errou com o senhor, no entanto, se o senhor a jogar lá embaixo, como está querendo, o único culpado a ser apontado serei eu, o senhor não acha?!... Não quero crer que o meu irmão (refiro-me ao Exu) tenha ou esteja com raiva de mim e, desta forma, peço que tire o seu "burro" daí e vá embora. Está certo?!...

Fui atendido, graças a Deus e, logo após ter ido ele "ao ló" (ter desencorporado), Dona Jovelina voltou ao seu estado de consciência e de imediato dei-lhe um copo com água a fim de que ela lavasse a boca onde, ainda estavam alguns restos do vidro da garrafa. Pouco depois, a própria "Vovó Rosalina" também foi "ao ló" e eu, nada mais tendo a fazer no local, desci o morro e fui para minha residência.

Este fato, aliás, foi por mim narrado, dias depois, aos médiuns e assistentes do "Caminheiros da Verdade", onde era eu doutrinador, de segunda a sexta-feira de cada semana.

* * *

Já se passaram, desde então, cerca de 14 (quatorze anos). Não sei se Dona Therezinha desencarnou ou não. Quero crer que tal tenha acontecido, dado o estado verdadeiramente deplorável em que a encontrara eu. O que posso, porém, assegurar é que, se na ocasião em que tal fato aconteceu, tivesse eu podido dispor da minha querido "Falange Xangô", isto é, dos médiuns que sempre trabalharam comigo no "Caminheiros da Verdade", Dona Therezinha não teria sucumbido vítima do trabalho de Magia Negra que lhe haviam mandado. Tal trabalho, diga-se a verdade, era difícil, forte e tinha sido bem feito, no entanto, com a graça de Deus e ajuda de meus valorosos guias, bem como a dos guias dos médiuns que me acompanhavam àquela época, não me teria sido impossível desmanchá-lo.

De qualquer forma, contudo, chamo agora a atenção dos meus irmãos de fé para a seguinte ponderação: Não "foi por vingança" que, a mando da "Vovó Rosalina" (que ela me dê "maleme"), o Exu tomou conta de Dona Jovelina, nela "incorporando" para matá-la?!... E se o Exu também quisesse, porventura, "se vingar" de mim (caso lhe tivesse eu dado motivo, ou não fosse eu amigo dos Exus), não teria ele jogado mesmo a moça no abismo?!... E não teria me acontecido, exatamente, o que falei?!...

* * *

E finalmente, meus queridos irmãos, tenho ou não tenho razão, de dizer que "poderemos nos tornar criminosos sob a influência dos espíritos mal-intencionados?!...

Chegamos, graça a Deus, ao fim da primeira parte desta modesta obra. Nela, em verdade, escrevemos o que de fato vemos, "de mau", na Umbanda, isto é, apontamos algumas — não todas — as falhas, ou melhor, aquilo a que denominamos de verdadeiros e perigosos erros da querida religião de "Caboclos" e "Pretos-Velhos", não dela mesma, na realidade, mas da parte de muita gente que a pratica.

Claro é que, com o que aqui escrevemos, muitos não concordarão, muitos quererão contestar, muitos até se revoltarão contra mim.

Paciência!... "Que ouçam os que tiverem ouvidos para ouvir!... Que vejam os que tiverem olhos para ver!..."

Uma coisa, porém, devemos ainda dizer: tudo o que escrevemos é verdadeiro e, verdadeiros são, sem exceção, todos os casos que à guisa de ilustração, descrevemos. Não os criamos, pois que os vivemos ou presenciamos, na realidade.

Aos que estiverem de acordo conosco, bem como aos que não estiverem — a todos sem exceção — o nosso Saravá...

A Face boa da Umbanda

(Doutrina e Práticas)

11

Organização de um "Centro Espírita de Umbanda"

Para que, de fato, possamos ter e, para isso, organizar um bom e verdadeiro — quão honesto, devo dizer — "Centro Espírita de Umbanda" ou "Umbandista", teremos, antes do mais, de nos dirigir às autoridades policiais, sob cuja jurisdição esteja o local em que funcionará o mesmo.

Isto porque, devemos saber de início que, em face do Código Penal Brasileiro, está a Umbanda (e mais ainda a Quimbanda) "fora da Lei", não obstante a "liberdade religiosa" que, a todos os brasileiros, a todos os que vivem nesta bendita terra do Brasil, assegura a "Constituição Brasileira", ou seja, a nossa "Carta Magna".

Diz o Artigo 284, do Capítulo III (Dos crimes contra a Saúde Pública), Título VIII (Dos crimes contra a incolumidade pública), Parte Geral do Código Penal — Decreto-Lei n.º 2848, de 7 de dezembro de 1940 (Diário Oficial de 21-12-1940 — Retificação em 3-1-1941), o seguinte:

"Curandeirismo — Art. 284 — Exercer o curandeirismo:

I — prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II — usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III — fazendo diagnósticos;

Pena — detenção, de seis meses a dois anos.

Parágrafo único — Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa, de um mil cruzeiros a cinco mil cruzeiros".

Procuradas, portanto, as autoridades policiais, perante às mesmas se solicita a devida "Licença" para estabelecimento e funcionamento. Tal licença — via de regra — é dada em caráter precário, isto é, provisoriamente. Neste particular, a polícia costuma fornecer formulários apropriados.

Para obtenção da referida licença, deverão ser fornecidos à polícia, pelos responsáveis do "Centro Espírita" a ser criado, fotografias no tamanho 3 x 4, de cada um (uma ou duas fotografias), e, além disso, devem esses mesmos responsáveis preencher os formulários a que me refiro linhas atrás e que, como já disse, são fornecidos pela própria polícia.

Atendida a essa primeira e indispensável formalidade, cogitar-se-á, então, da estruturação, propriamente dita, da entidade. Isto, aliás poderá ser feito mesmo antes de ser solicitada a licença para funcionamento e, se assim for, ao se solicitar a permissão que lhe dará vida livre, já existirá na verdade o "Centro" e, especialmente, se já tiver sido feito o registro dos Estatutos no Cartório competente.

Para que se tenha um "Centro Espírita" dentro dos mais sadios princípios, qualquer que seja o ponto de vista, lógico, justo e antes que tudo indispensável é que, como seus componentes iniciais, ou seja, como seus fundadores e responsáveis, sejam encontradas pessoas que a inteiro contento, se apresentem. Seja quanto à moral, seja quanto à dedicação, seja quanto ao conhecimento, pelo menos práticos, dos "trabalhos", das "mirongas", da Umbanda enfim. Que conheçam elas, portanto, pelo menos muito do que deve ser conhecido para tal finalidade. Que saibam o terreno que vão pisar.

Não basta, já o dissemos, para "abrir um terreiro",

o fato de se "receber (incorporar) espíritos". Muito mais, realmente, é necessário, quiçá indispensável. No entanto, se a perfeição não se possa obter, ao menos devemos nos aproximar dela o máximo que seja possível.

O certo — é lógico — é que os fundadores de "Centros de Umbanda" sejam bastante aprofundados no conhecimento — teórico e prático — da nossa querida Umbanda e, além disso, do próprio espiritismo ou, pelo menos, da fenomenologia espírita. Isto, porém, não é o que acontece, infelizmente e, assim sendo. "Quem não tem cão... caça com gato"...

* * *

Encontrados, mais ou menos nos moldes exigidos, as pessoas que fundarão e organizarão o "Centro Espírita", dever-se-á fazer, logo como primeira coisa, "uma reunião" da qual deverá ser feita uma Ata (que será registrada em livro próprio e que constituirá, no futuro, a maior e melhor prova para o histórico da entidade). Nessa Ata se relatará os acontecimentos iniciais, ou seja, os primeiros passos dados.

Nessa primeira reunião, evidentemente, serão escolhidos e eleitos — e o serão por aclamação — os primeiros dirigentes do novo "Centro". Serão necessários: um presidente, um secretário, um tesoureiro e um "Ogã de Terreiro". (Este deverá ser pessoa que, de fato, tenha profundos conhecimentos, especialmente de "pontos" e "ritualismo").

O presidente poderá ser — deverá ser, digo eu, dada a sua natureza e responsabilidade — o "chefe material" do "Centro". Ele portanto, também deverá ser profundo no assunto ou, em palavras diferentes, deverá ter conhecimentos, firmes e sólidos, não só de Umbanda como de Quimbanda e, bem assim, da fenomenologia espírita. O "Ogã de Terreiro", por outro lado, não poderá ser um qualquer, isto é, uma pessoa que, apenas, saiba cantar "pontos". Deverá ter ele, na verdade, um conhecimento profundo, não só dos "pontos" como, em especial, da

sua significação, dos seus efeitos, da sua oportunidade de serem ou não cantados, dos próprios trabalhos umbandistas. Deverá ele, em suma, ser de fato um "Ogã de Terreiro". A respeito dele, por adequadas e oportunas, pois que é ele, antes do mais, o "Cambone" (ou Cambono), direi as seguintes palavras: "O Cambono nada mais é que um médium — inconsciente do que é — que muitas vezes realiza trabalhos sob a inspiração e influência da entidade dirigente do médium. Sobre estes Cambonos pesa também grande parte da responsabilidade, pois, em fista da ausênécia do consciente do médium, o cérebro que dirige, que pensa, que realiza é o do seu complemento, o do seu Cambono. Esta denominação é uma expressão figurada, que está ao alcance de qualquer cérebro. Ele — o Cambono — é o elemento que age influenciado, sem saber, na realização dos trabalhos, podendo-se considerá-lo como médium que atua por inspiração. Em muitos trabalhos, auxilia, fornecendo energia física para manter o médium e facilita a realização dos mesmos; é o elemento em que se firma a entidade espiritual para o sucesso da incorporação. Como vemos, cabe também a esta criatura, conduzir-se de forma reta e salutar, para ser um elemento útil e aproveitável; sua aura deve apresentar-se limpa, para poder ser propício aos trabalhos".

* * *

Na mesma reunião — para serem oportunamente registrados em Cartório apropriado — devem ser idealizados os Estatutos. Estes já poderão ter sido feitos anteriormente e, assim, na reunião inicial, far-se-á a leitura deles e se os aprovará, na íntegra (como estiverem) ou com emendas, com acréscimos, ou decréscimos de artigos, alíneas e até capítulos e títulos, tal seja o caso. Se não tiverem sido feitos antes, os Estatutos, na reunião inicial de que falo, dever-se-á constituir ou designar uma Comissão (pelo menos de três pessoas, as quais

poderão até ser os próprios que sejam escolhidos e eleitos como primeiros dirigentes) para os compilar.

Se assim se fizer, se estará, verdadeiramente, fundando e organizando um bom "Centro Espírita de Umbanda", uma entidade que, no futuro, poderá ser, de fato, "um importante baluarte para a defesa" da nossa querida Umbanda.

* * *

Para melhor orientação dos irmãos, darei, a seguir, uma norma (de minha própria autoria), para a compilação de Estatutos. É apenas uma norma, isto é um modelo e, assim, servirá tão-somente como "ponto de partida", como orientação, portanto. Ei-la:

"Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru" (é apenas uma denominação que sugiro como exemplo, no entanto, a entidade a ser organizada poderá ter qualquer outra denominação, se "Centro", "Cabana", "Tenda", etc.). Admitindo-se que seja essa a denominação da entidade, seus Estatutos poderão ser como segue:

"TENDA UMBANDISTA DO CABOCLO GUAICURU"

ESTATUTOS

Capítulo — I

Da Associação e suas Finalidades

Art. 1.º — A Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru é uma associação de caráter religioso — Cristão Espiritualista — cuja primacial finalidade é a prática da caridade, sob todos os aspectos, tendo por base os maravilhosos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por norma, a doutrina de Allan Kardec.

Art. 2.º — A Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru será formada de número ilimitado de associados, de qualquer sexo, de qualquer cor, de qualquer classe social, de qualquer nacionalidade e de qualquer credo religioso que, no seu conjunto, constituirão a própria Tenda e a manterão.

§ 1.º — Não serão admitidos, em qualquer tempo, sob a bandeira da "Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru", movimentos, internos ou externos, de caráter político, de vez que a associação é totalmente apolítica.

§ 2.º — Serão vedados, pois, aos associados, entendimentos políticos de qualquer natureza que, sob qualquer aspecto, venham a atingir a "Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru".

Art. 3.º — Os dirigentes da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru serão escolhidos entre os seus associados e por eles mesmos eleitos, por votação.

§ único — Os primeiros dirigentes serão eleitos por aclamação.

Capítulo — II

Da Diretoria

Art. 4.º — A Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru será dirigida por uma Diretoria composta dos seguintes membros:

Diretor-Presidente, Diretor-Secretário e Diretor-Tesoureiro.

§ 1.º — O Diretor-Presidente será o "Diretor Espiritual" (chefe material) da "Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru".

§ 2.º — Haverá ainda um Diretor de Ritual ou Litúrgico (denominado "Ogã de Terreiro") que, embora não pertença à Diretoria, propriamente dita, terá o título e as prerrogativas de Diretor.

Art. 5.º — Além da Diretoria, haverá o "Conselho Supremo", o qual será composto da reunião de 90% (noventa por cento) dos associados quites e a quem caberá a resolução dos problemas mais elevados da "Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru", bem como a dos casos omissos.

§ 1.º — O Conselho Supremo se reunirá duas vezes anualmente, em caráter ordinário, sendo uma em janeiro de cada ano e a outra em julho, também de cada ano.

§ 2.º — Em suas reuniões ordinárias, o Conselho Supremo será sempre presidido por um dos Diretores de que trata o Art. 4 destes Estatutos.

§ 3.º — O Conselho Supremo se reunirá em caráter extraordinário, sempre que se tornar necessário e por ordem do Diretor-Presidente, ou por solicitação de pelo menos 2/3 (dois terços) dos associados quites.

Capítulo — III

Dos Associados

Art. 6.º — Serão associados da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, todas as pessoas, de ambos os sexos, de qualquer cor, de qualquer classe social, de qualquer nacionalidade e de qualquer credo religioso que, mensalmente, contribuam com a quantia de Cr$. . . . . . (por extenso), dita mensalmente.

Art. 7.º — Os associados da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, não obstante, pertencerão às seguintes espécies:

a) Fundadores
b) Proprietários
c) Beneméritos
d) Remidos
e) Comuns

Art. 8.º — Serão Fundadores, os associados que as-

sistiram à primeira reunião geral da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, realizada no dia.... de ...... de 19..., cujas assinaturas se encontram apostas à Ata da mesma sessão, apensada ao Livro de Atas n.º 1.

Art. 9.º — Serão Proprietários — e tão-somente da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, — os associados que, integral ou parceladamente, pagarem a taxa, de propriedade, no valor de Cr$...... (por extenso), além da mensalidade prevista pelo Art. 6.º destes Estatutos.

Art. 10 — Serão Beneméritos, os associados de que trata o Art. 8.º destes Estatutos, e bem assim, todas as pessoas que, mesmo não pertencendo à Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, à mesma tenham feito donativos ou benefícios de vulto notável.

§ único — O título de Benemérito, em qualquer dos casos, será conferido por aprovação do Conselho Supremo, em qualquer das reuniões de que tratam os parágrafos 1.º e 2.º do Art. 5.º destes Estatutos.

Art. 11.º — Serão Remidos os associados que, de uma só vez, pagarem a importância correspondente a 5 (cinco) anos, pelo menos, de mensalidades, na base em que "in temporis", seja a atual.

§ único — O título de Remido será conferido por aprovação do Conselho Supremo, em qualquer das reuniões de que tratam os parágrafos 1.º e 2.º do Art. 5.º destes Estatutos.

Art. 12.º — Serão Comuns, de um modo geral, todos os associados da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, sejam ou não médiuns do terreiro, que pagarem a mensalidade prevista no Art. 6.º destes Estatutos.

Capítulo — IV

Das Reuniões do Conselho Supremo

Art. 13.º — Na reunião de janeiro de cada ano, de que trata o parágrafo 1.º do Art. 5.º destes Estatutos, tratará o Conselho Supremo:

a) da leitura e aprovação do Relatório do Diretor-Presidente;

b) do Balanço apresentado pelo Diretor-Tesoureiro;

c) da aprovação e diplomação de que tratam os Arts. 10.º e 11.º e seus parágrafos, destes Estatutos.

Art. 14.º — Na reunião de julho de cada ano, de que trata o parágrafo 1.º do Art. 5.º destes Estatutos, tratará o Conselho Supremo:

a) anualmente, da preparação da programação das Festas e Festejos da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, de modo especial dos relativos à data da sua fundação e aos dias consagrados aos Protetores ou Patronos, bem como aos Grandes Orixás da Umbanda;

b) bienalmente, da eleição de nova Diretoria e, conseqüentemente, de tudo o que, com isso, tenha ou venha a ter relação;

c) da aprovação e diplomação dos associados Beneméritos e Remidos de que tratam os Arts. 10.º e 11.º e seus parágrafos, destes Estatutos.

Art. 15.º — Nas reuniões de que trata o parágrafo 3.º do Art. 5.º destes Estatutos, tratará o Conselho Supremo, tão-somente, do assunto ou assuntos para que tenha sido solicitada a reunião.

§ único — Em casos especiais e a pedido da maioria absoluta dos associados presentes às reuniões de que trata este Art. 15.º, poderão tais reuniões do Conselho Supremo tratar de assuntos outros que não os que lhes serviram de motivo.

Capítulo — V

Das Obrigações da Diretoria e de seus Membros

Art. 16.º — São obrigações da Diretoria da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, em seu conjunto, dirigir a Tenda e orientá-la, da melhor forma possível, a

fim de que, em toda a extensão, sejam atendidas as finalidades que a justificam e de que trata o Art. 1.º destes Estatutos.

Art. 17.º — Dos Diretores da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, em especial, são obrigações as seguintes:

a) Do Diretor-Presidente:

1) Dirigir a Tenda e representá-la, interna ou externamente, judicial ou extrajudicialmente;

2) Presidir as reuniões do Conselho Supremo, de que trata o parágrafo 2.º do Art. 5.º destes Estatutos;

3) Assinar, com o Diretor-Tesoureiro, os cheques ou documentos outros, legais, que representem, de qualquer forma, o patrimônio material da Tenda;

4) Atuar como Diretor Espiritual, em todas as sessões práticas realizadas na Tenda ou designar pessoas, capazes, para que o façam;

b) Do Diretor-Secretário:

1) Secretariar a Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, seja interna seja externamente;

2) Substituir o Diretor-Presidente em todos os seus impedimentos legais ou a pedido do mesmo;

3) Presidir, quando não o fizer o Diretor-Presidente, as reuniões do Conselho Supremo de que trata o parágrafo 2.º do Art. 5.º destes Estatutos;

4) Assinar com o Diretor-Tesoureiro, nos impedimentos legais do Diretor-Presidente, ou a pedido deste, os cheques ou documentos outros, legais, que representem, de qualquer forma, o patrimônio material da Tenda.

c) Do Diretor-Tesoureiro:

1) Organizar e dirigir os serviços de Tesouraria da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru;

2) Guardar e por ele zelar, todos os valores e documentos que, de um modo geral, constituam ou venham a constituir o patrimônio material da Tenda;

3) Assinar, na conformidade da alínea 3, do item a, deste Art. 17.º, e da alínea 4, do item b, deste mesmo Art. 17.º, todos os cheques e documentos outros, legais, que constituam ou venham a constituir o patrimônio material da Tenda.

Art. 18.º — Ao Diretor-Presidente, em sua função de Diretor-Espiritual, de que trata o parágrafo 1.º do Art. 4 destes Estatutos, caberá a direção dos trabalhos espirituais, sob todos os aspectos, bem como a supervisão geral dos membros interna ou externamente da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru.

Art. 19.º — Ao Diretor de Ritual ou Litúrgico (denominado "Ogã de Terreiro") de que trata o parágrafo 2.º, do Art. 4.º destes Estatutos, caberá a organização e orientação, interna ou externa, da Liturgia da Tenda.

Capítulo — VI

Dos Direitos e Deveres dos Associados

Art. 20.º — São Direitos dos associados de que tratam as alíneas **a**, **b**, **c** e **e**, do Art. 7.º destes Estatutos, os seguintes:

a) todos e quaisquer benefícios espirituais ou materiais, que sejam ou venham a ser propiciados pela "Tenda";

b) elegerem ou serem eleitos para quaisquer dos cargos diretivos da "Tenda";

c) desfrutar, de um modo geral, de todos os Direitos Estatutários.

Art. 21.º — São Direitos, em especial, das pessoas estranhas à Tenda que, na conformidade do Art. 10.º e seu parágrafo único destes Estatutos, sejam considerados como "Beneméritos", todos os concedidos aos demais associados, menos os de elegerem ou serem eleitos para os cargos diretivos.

§ único — Dando-se o caso de ser agraciado com o título de "Benemérito", na conformidade do Art. 10.° e seu parágrafo único, qualquer um dos associados de que tratam as alíneas **a**, **b**, **d**, e **e**, do Art. 7.° destes Estatutos, a ele também serão extensivos os direitos referidos pela alínea **b** do Art. 20.° destes Estatutos.

Art. 22.° — São deveres de todos os associados, em geral, os seguintes:

a) Zelar pelo bom nome e pelo cada vez mais crescente, firme e acentuado progresso, material ou espiritual, da "Tenda";

b) Obedecer às ordens ou determinações dos Diretores, do Conselho Supremo e de todos os que imbuídos estejam de poderes de mando;

c) Divulgar, o máximo que lhe seja possível, a "Tenda";

d) Encaminhar, na medida do possível, novos associados à "Tenda".

Capítulo — VII

Das Disposições Gerais

Art. 23.° — A sede provisória (se tal for o caso) da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, será à (rua, n.°, localidade ou bairro, Estado, etc...).

Art. 24.° — A primeira Diretoria da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru é composta pelos signatários dos presentes Estatutos e é desde já eleita por aclamação, na conformidade do parágrafo único do Art. 3.° destes mesmos Estatutos, sendo, de imediato, empossada em sua totalidade.

Art. 25.° — Os presentes Estatutos só poderão ser alterados ou modificados, no todo ou em parte, após o período de, pelo menos, 5 (cinco) anos de vigência (esse prazo poderá ser estabelecido à vontade, no entanto, será aconselhável que seja ele igual ao período governamental da primeira Diretoria eleita).

§ único — Em caso, porém, de ser verificada qualquer falha, ou incidência em ilegalidade, originada por má ou confusa redação de qualquer de suas partes, sejam capítulos, artigos, parágrafos, itens ou alíneas, poderão ser os presentes Estatutos corrigidos ou emendados, em tais falhas ou ilegalidades, pelo Conselho Supremo, em qualquer reunião extraordinária, na conformidade do que estabelecem o parágrafo 3.° do Art. 5.° e o Art. 15.° e o seu parágrafo único, destes mesmos Estatutos.

Art. 26.° — A primeira Diretoria da Tenda Umbandista do Caboclo Guaicuru, na conformidade do Art. 24.° destes Estatutos, terá o período governamental, dito "Mandato", de 5 (cinco) anos, a iniciar-se da data da assinatura e aprovação destes mesmos Estatutos.

§ único — as demais Diretorias terão o período governamental, dito, "Mandato", de 2 (dois) anos.

Art. 27.° — Os casos omissos serão resolvidos na conformidade do que estabelece o Art. 15.° e seu parágrafo único destes Estatutos.

Art. 28.° — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro (a localização),... de..... de.....

____

Diretor-Presidente

____

Diretor-Secretário

____

Diretor-Tesoureiro

12

Triângulo de Umbanda

Organizada que seja uma "Tenda Espírita" (Centro, Cabana, ou qualquer outra denominação que lhe queira dar) — e seria aconselhável que se o fizesse dentro das normas que apresento no capítulo XI (anterior), deste meu novo livro — necessário, quiçá indispensável, será que, antes do mais, se saiba o que, na verdade, se terá de enfrentar desde o início da entidade assim criada.

Deixando-se de lado — digamos assim — a parte material da questão, atentemos, inicialmente, para a parte espiritual. Em outras palavras, organizada que seja a entidade (sob o ponto de vista material), lembremo-nos de que, ao exercer suas atividades espirituais, ou seja, ao trabalhar com os espíritos, iremos mexer — permitam-me a expressão — com "forças" que, antes de mais nada, ainda são praticamente desconhecidas. O muito que delas se conhece, na verdade, é realmente ínfimo em face do que são elas realmente. Com isso quero dizer que, embora falemos sempre em "Caboclos", "Pretos-Velhos", "Iaras", "Crianças", etc., etc., embora estejamos sempre com eles trabalhando, na realidade ainda não os conhecemos em toda a sua natureza, em todas as suas possibilidades, em toda sua essência, propriamente dita. E tanto é que, reportando-nos aos sábios ensinamentos de Allan Kardec, em seu "O Livro dos Espíritos", encontramos: "Os espíritos têm forma determinada, limitada e constante?" (Pergunta feita por Kardec aos espíritos que colaboraram com ele para

a compilação do citado livro). — "Para vós, não; para nós, sim. O esprito é, se quiserdes, uma chama, clarão, ou uma centelha etérea". (Resposta dada, a Kardec, pelos espíritos).

Isto, pois, nos diz claramente, que não conhecemos, ou melhor, que não sabemos, verdadeiramente, o que são os espíritos. São eles — e isto mesmo nos ensina Kardec — "Seres inteligentes da criação, que povoam o universo, fora do mundo material".

O que serão, portanto, os "Caboclos", os "Pretos-Velhos", etc., na verdade?!... Se não os conhecemos — na correta acepção do termo — é certo que nos disponhamos a trabalhar com eles, sem mais aquela?!... Somente por lhes darmos tais ou quais denominações?!

O homem (a criatura humana) é constituído, sob o ponto de vista espírita, de:

a) Espírito
b) Perispírito
c) Corpo (invólucro material).

Os espíritos, quando encarnados, são assim constituídos. Nós, portanto, que somos espíritos encarnados, temos: espírito, perispírito e corpo. Temos, aliás, a denominação de "almas".

Quando desencarnados, porém, os espíritos têm, apenas, o espírito (propriamente dito) e o perispírito.

O perispírito, na verdade, é tirado, por cada espírito, do fluido universal e, assim, é idêntico em todos os mundos. Isto quer dizer que cada espírito forma o seu perispírito, à sua vontade e de acordo com o mundo em que se encontrar, tirando-o do fluido universal.

No livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", à página 40, do capítulo IV (Os verdadeiros trabalhadores da Umbanda e da Quimbanda), digo eu o seguinte: "E... por que "Caboclos" e "Pretos-Velhos" mesmo, terreiros de Umbanda?!... Ou, melhor dizendo, no umbandis-

mo?!... Por que, se os espíritos desencarnados são apenas espíritos, não mais sendo o que foram antes, aqui na Terra, isto é, perdendo a forma humana?!...

A resposta — clara e precisa — está, inicialmente, no fato de que, "descrente como é, de um modo geral, a humanidade, para que se possa acreditar em qualquer coisa que, por suas características, fuja ao comum do que se conhece, necessário se lhe torna a apresentação de provas, concretas ou pelo menos o mais convincente possível".

Um pai, por exemplo, de uma determinada criatura, apresentando-se-lhe, após o desencarne, com a forma que, em encarnação anterior (não aquela em que foi o pai da tal criatura), teve, claro é que, a essa criatura se torne uma dúvida ou, em outras palavras, não seja por ela aceito, em verdade, como seu pai.

* * *

Em face do que até aqui ora escreve, neste capítulo XII, podemos muito bem dizer que os espíritos que, nos terreiros de Umbanda, se apresentam com as roupagens de "Caboclos" e "Pretos-Velhos" são, na realidade, os mesmos espíritos que, quando encarnados, foram os nossos Indígenas ou Índios (os "Caboclos") e os Negros Africanos (os "Pretos-Velhos"). E isto é, na verdade, o que se passa na quase totalidade dos casos de tais manifestações. Além disso — e por isso mesmo — são esses espíritos que, na realidade, nos lembram o muito que os fizemos sofrer, o muito que os maltratamos, fossem eles os negros africanos ou os nossos índios e que, por outro lado, "Os humildes serão exaltados e os orgulhosos serão humilhados". E, se quisermos ser honestos e sinceros, conosco mesmos, ainda os maltratamos, e muito. Ainda não há o racismo — embora previsto como crime, pela Lei n.º 1 390, de julho de 1951 — D. O. de 10/7/1951 — Retificado no D. O. de 28/9/1951 — entre nós?!...

* * *

E agora, que sabemos já como devem ser considerados os "Caboclos" e os "Pretos-Velhos", isto é, como

devem ser eles aceitos — e sob aspecto semelhante às "Iaras", às "Crianças" e a entidades outras que "baixam nos terreiros de Umbanda ou de Quimbanda" — é interessante sabermos o que, realmente, constituem ou representam essas entidades, nos "terreiros". Em outras palavras, o que é o "Triângulo de Umbanda".

No meu já citado livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", no há pouco referido capítulo IV, às páginas 38 e 39, digo, com referência ao "Triângulo de Umbanda", o que se segue: "No umbandismo ou, mais precisamente, na Umbanda, manifestam-se, ao que se pode dizer, 4 (quatro) espécies principais de espíritos ou, em palavras mais adequadas, manifestam-se os espíritos sob 4 (quatro) formas principais, em cada uma das quais, desempenhando funções ou missões especiais, formando, destarte, o chamado "Triângulo de Umbanda".

a) Caboclos — representam a "energia";
b) Pretos-Velhos — representam a "humildade";
c) Iaras — representam a "higiene";
d) Crianças — representam a "alegria".

a) Os "Caboclos", pois, são os que, em verdade, trabalham e, por isso mesmo — de um modo geral — a eles está afeta a "Caridade" em todos os seus aspectos, sob o ponto de vista espírita: "passes", "conselhos", "consultas", "descarregos", "desobsidiações", etc., ou, de um modo mais amplo, a parte essencial das sessões umbandistas.

b) Os "Pretos-Velhos", por seu turno — valiosos e indispensáveis auxiliares dos "Caboclos" — são os que, por sua inigualável humildade, "firmam a corrente", isto é, asseguram a boa marcha e mesmo a realização dos trabalhos.

São os "Pretos-Velhos", na verdade, as sentinelas ou os vigiais fiéis e devotados que, evitando quaisquer

espécies de perturbações, garantem a realização dos trabalhos executados pelos "Caboclos".

c) As "Iaras", como "higiene psíquica" que representam, nada mais fazem do que, com a sua presença, "limparem psiquicamente", o ambiente ou, em outras palavras, "fazerem a limpeza espiritual do ambiente em que se realizam os trabalhos".

d) As "Crianças", finalmente, ou seja, os espíritos que, como crianças se manifestam, representam, por sua vez, com a sua inocência (o que simbolizam), a "alegria do dever cumprido, pela criatura humana, para com Deus e para com o seu semelhante".

* * *

Não obstante os termos citados nesta ordem:

a) Caboclos, b) Pretos-Velhos, c) Iaras e d) Crianças, na verdade tais espíritos, nas sessões ou "mesas" da Umbanda, aparecem como segue:

1) Iaras — são os espíritos que — nem sempre com incorporações visíveis ou seja, de modo visível — chegam, logo ao início das sessões ou, mais precisamente, quando, reunidos todos os médiuns que vão trabalhar, no terreiro, dá-se início à concentração e "pari passu", não só à "riscação" — permitam-me o termo — dos "pontos de segurança ou firmação do terreiro" como, também dos "pontos cantados" chamados de abertura de "trabalhos". A respeito das "Iaras", em meu livro Umbandismo, no Capítulo III (Umbandismo é Filosofia), entre outras coisas, digo que são elas — as "Iaras" — "sem lhes menosprezar o incontestável valor, os dedicados servos que, para preparar uma condigna recepção aos seus senhores, limpam, com carinho e extremado cuidado, a casa cuja guarda lhes foi, por eles mesmos, confiada". De um modo geral, quando chegam a "incorporar", fazem-no jogando o médium ao chão e rolando-o pelo terreiro, via de regra, no sentido diagonal, levam por todo o recinto.

2) Caboclos — são os espíritos que, verdadeiramente, trabalham nos terreiros, prestando a caridade.

Fazem-no, aliás, com as suas "curimbas" (danças), com os "pontos" que cantam e, bem assim, por meio dos "passes", "conselhos", "consultas", "descarregos", "desobsidiações", etc...

3) Pretos-Velhos — Como já o dissemos linhas atrás, esses espíritos são os valiosos e indispensáveis auxiliares dos Caboclos. São eles os espíritos que, por sua humildade inigualável, "firmam a corrente", isto é, asseguram a boa marcha e mesmo a realização dos trabalhos. Muito embora — via de regra — só apareçam os Pretos-Velhos, nos terreiros, depois dos Caboclos, é oportuno que aqui se diga que, na verdade, embora não façam "incorporando" ao mesmo tempo que aqueles, os Pretos-Velhos trabalham na "gira", fazendo-o, é claro, invisivelmente. Em outras palavras, enquanto os Caboclos estão trabalhando incorporados, os Pretos-Velhos o fazem sem incorporar, isto é, no Astral. Isto, aliás, poderá ser constatado por médiuns videntes. Também os Pretos-Velhos prestam a caridade de modo idêntico ao dos Caboclos, ou seja, com as suas "curimbas" (danças) com os seus "resmungos", com os seus "palavrões", com os "pontos que cantam", com os "passes", as "consultas", etc., no entanto — friso bem — sua principal função é "firmar a corrente".

4) Crianças — Quanto às "Crianças", são elas as que vêm aos terreiros para, simbolicamente, representar "a alegria que se deve sentir ao término dos trabalhos" porque, justamente, ao executá-los, estamos tão-somente cumprindo com a Sacrossanta Lei de Obatalá (Deus).

13

Linhas da Umbanda e da Quimbanda

Linhas da Umbanda nada mais são do que "os diferentes grupos de espíritos que, em perfeita organização e harmonia, trabalham na Umbanda". Por extensão, diremos que Linhas da Quimbanda são "os diferentes grupos de espíritos que, em perfeita organização e harmonia, trabalham na Quimbanda".

* * *

"Embora seguindo caminhos diferentes, completam-se — antes que tudo — a Umbanda e a Quimbanda, em direção a Deus, nosso Pai e Criador".

* * *

As Linhas da Umbanda são 7 (sete) a saber:

1) Linha de Oxalá ou de Santo
2) Linha de Iemanjá
3) Linha do Oriente
4) Linha de Oxóssi
5) Linha de Xangô
6) Linha de Ogum
7) Linha Africana

Os dirigentes dessas Linhas, aos quais chamaremos de "Orixás Maiores" ou "Grandes Orixás da Umbanda", são os seguintes: da Linha de Oxalá (Nosso Senhor Jesus Cristo) ou de Santo — o próprio Cristo de Deus, o Filho Unigênito do Criador: da Linha de Iemanjá — Nosso Senhora da Piedade (para uns), Nossa Senhora das Graças (para outros); da Linha do Oriente — São João Batista; da Linha de Oxóssi — São Sebastião; da Linha de Xangô — São Jerônimo; da Linha de Ogum — São Jorge; da Linha Africana — São Cipriano.

Cada uma dessas Linhas é dividida em Falanges ou Legiões, sendo estas (Falanges ou Legiões) também possuidoras de seus dirigentes.

1) A Linha de Oxalá é dividida em 7 (sete) Falanges ou Legiões, a saber:

a) Falange de Santo Antônio
b) Falange de São Cosme e São Damião
c) Falange de Santa Rita
d) Falange de Santa Catarina
e) Falange de Santo Expedito
f) Falange de São Benedito
g) Falange de São Francisco de Assis

Os trabalhos dessas Falanges são supervisionados por São Miguel e seus espíritos (os espíritos que nelas trabalham) intrometem-se nas Linhas da Quimbanda, para amenizar e mesmo anular os seus maléficos efeitos.

2) Linha de Iemanjá compreende as seguintes Falanges ou Legiões: a) Falange das Sereias, chefiada por Oxum (Nossa Senhora da Conceição); b) Falange das Ondinas, chefiada por Naná Burucu ou "Nanãburuque" (Sant'Ana, Mãe de Nossa Senhora); c) Falange das Coboclas do Mar, chefiada por Indaiá; d) Falanlange das Caboclas do Rio, chefiada pela Iara (a "Uiara" ou Senhora das águas, dos índios); e) Falange dos Marinheiros, chefiada por Tarimá; f) Falange dos Calungas, chefiada por Calunguinha; g) Falagenge da Estrela Guia, chefiada por Santa Maria Madalena.

3) A linha do Oriente compreende as seguintes Falanges ou Legiões: a) Falange dos Hindus, chefiada por Zartu; b) Falange de Médicos e Cientistas, chefiada por José de Arimatéia; c) Falange dos Árabes e Marroquinos, chefiada por Jimbaruê; d) Falange dos Japonêses, Chineses, Mongóis e Esquimós, chefiada por Ori do Oriente; e) Falange dos Egípcios, Astecas, Incas, chefiadas por Inhoaraí; f) Falange dos Maias, Toltecas, chefiada por Itaraici; g) Falange dos Índios Caraíbas, Gauleses, Romanos e antigos povos Europeus, chefiada por Marcus — Imperador Romano.

4) A Linha de Oxóssi compreende as seguintes Falanges ou Legiões: Falange do Caboclo Urubatão; Falange do Caboclo Araribóia: Falange do Caboclo das 7 Encruzilhadas; Falange do Caboclo Águia Branca (é a Falange dos Peles Vermelhas); Falange do Caboclo Graiaúna (é a Falange dos Tamoios); Falange do Caboclo Araúna (é a Falange dos Guaranis); Falange da Cabocla Jurema.

5) A Linha de Xangô, que é a da Justiça e da Caridade, por excelência, tem seus trabalhos supervisionados pelo Anjo Sakiel. Ela pune os transgressores da caridade, ampara os pobres, humildes e deserdados da sorte e anula os trabalhos da Magia Negra. Divide-se nas seguintes Falanges ou Legiões: a) Falange de Iansã, chefiada por Santa Bárbara; b) Falange do Caboclo do Sol e da Lua; c) Falange do Caboclo do Vento; d) Falange do Caboclo das Cachoeiras; e) Falange do Caboclo Treme-Terra; f) Falange dos Pretos.

6) A Linha de Ogum tem seus trabalhos supervisionados pelo Anjo Samuel. É a Linha que executa os trabalhos de "demanda" e que exerce predomínio considerável sobre quimbandistas e magos-negros. Os es-

píritos que trabalham nesta Linha castigam os que executam malefícios, bem como os médiuns e chefes de terreiros que também o fazem. Esta Linha compreende as seguintes Falanges ou Legiões: a) Falange de Ogum Beira-Mar; b) Falange de Ogum Rompe Mato; c) Falange de Ogum Iara; d) Falange de Ogum Megê; e) Falange de Ogum Malei; f) Falange de Ogum Nagô; g) Falange de Ogum Naruê. Cada uma dessas Falanges trabalha em lugares próprios, isto é, tem o seu lugar próprio de trabalhar. Por exemplo: a de Ogum Beira Mar trabalha nas praias; a de Ogum Rompe Mato trabalha nas matas; a de Ogum Iara trabalha nos rios; a de Ogum Megê tem influência na Linha das Almas, da Quimbanda; a de Ogum de Malei tem predomínio sobre a Linha de Malei, também da Quimbanda; a de Ogum Nagô domina o Povo de Ganga, da Linha de Nagô da Quimbanda.

7) A Linha Africana ou Linha de São Cipriano é a formada de espíritos que conhecem, a fundo, os trabalhos de Magia Negra e Feitiçaria. Esses espíritos se infiltram nos terreiros de Quimbanda e perturbam os seus trabalhos, isto é, impedem os seus resultados maléficos. São, de um modo geral, os Espíritos que se apresentam como "Pretos-Velhos". Esta Linha compreende as seguintes Falanges ou Legiões: a) Falange do Povo da Costa, chefiada por Pai Cabinda; b) Falange do Povo de Congo, chefiada pelo REI CONGO; c) Falange do Povo de Angola, chefiada por Pai José; d) Falange do Povo de Benguela, chefiada por Pai Benguela; e) Falange do Povo de Moçambique, chefiada por Pai Jerônimo; f) Falange do Povo de Luanda, chefiada por Pai Francisco; g) Falange do Povo da Guiné, chefiada por Zum-Guiné.

* * *

De um modo geral, somente as Linhas de Oxóssi, Xangô, Ogum e Africana é que trabalham nos terreiros de Umbanda. As três primeiras com os seus "Caboclos"

e "Oguns" (permitam-me o plural) e a última, com os seus "Pretos-Velhos".

As demais Linhas, ou seja, as de Oxalá ou de Santo, a de Iemanjá e a do Oriente não são vistas trabalhando tão comumente, a não ser (e assim mesmo raramente "incorporando") algumas Falanges da Linha de Iemanjá, tais como as das Sereias, as das Caboclas do Mar e as das Caboclas do Rio. Não obstante — o que é claro — todas as Linhas, de um modo geral, participam dos trabalhos das "Mesas Umbandistas", fazendo-o, porém, no Astral, algumas delas. Para sermos mais precisos, aliás, teremos de aceitar que também as Linhas de Quimbanda tomam parte nos trabalhos de Umbanda. Fazem-no, contudo, somente quando, para desmancharem seus próprios trabalhos maléficos, são seus espíritos chamados àqueles terreiros.

* * *

Linhas da Quimbanda, como dissemos logo no início do presente capítulo XIII, nada mais são do que "os diferentes grupos de espíritos que, em perfeita organização e harmonia, trabalham na Quimbanda". Os espíritos que trabalham nestas Linhas são os que denomino de "Missionários do Mal".

Segundo nos diz Osório Cruz, em seu valioso "Manual Prático da Umbanda" — do qual, aliás, muitos dados tirei para escrever este capítulo, pois que, por já os conhecer, como certos e verdadeiros, achei-os oportunos e adequados. — Os espíritos de Quimbanda vivem nas partes inferiores do mundo astral. A mais inferior das partes do mundo astral penetra terra adentro, na região que as religiões antigas e modernas chamam de Inferno. É uma região de sofrimentos, de dores, muito escura, cheia de um fluido viscoso e preto. Essa região é habitada não somente pelos Exus, Caveiras, etc., como também pelas criaturas humanas que quando encarnadas praticaram crimes horrorosos, os assassinos e outros.

* * *

Para mim — aceitem ou contradigam os que o quiserem — aceito Deus (Obatalá), nosso Pai e Criador, como o Supra-sumo do Bom e do Perfeito, isto é, como sendo a Bondade e a Perfeição, em seus mais altos graus, humanamente falando. Assim sendo, de forma alguma posso aceitar que, por ter cometido graves e horrorosos crimes — por piores que o tenham sido — seja um espírito, após desencarnar, "condenado às penas eternas do Inferno". Tal aceito, aliás, em considerando esses espíritos como, na verdade, classifico: "Missionários do Mal". Não aceito, pois, o Inferno, pelo menos como pintam e o aceitam, como o pinta e aceita o Irmão Osório Cruz. Afora este ponto, com o resto escrito por aquele Irmão, estou de acordo. Note-se, outrossim, por oportuno, que os Exus são encontrados — posto que são seus donos — nas encruzilhadas, nas tronqueiras (troncos de árvores), nas porteiras (dos Cemitérios) e mesmo dos Centros Espíritas. Tais lugares, portanto, são os "habitats" dos Exus, isto é, os lugares em que eles vivem. Poderão ser encontrados em outros lugares, contudo. Quanto a isto, é óbvio, não poderá haver dúvida.

* * *

De qualquer forma, porém, os espíritos da Quimbanda formam suas Linhas, todas elas, é claro, com suas divisões em Falanges ou Legiões. São elas, isto é, as Linhas da Quimbanda as seguintes:

1) Linha das Almas
2) Linha dos Caveiras
3) Linha de Malei
4) Linha de Nagô
5) Linha de Mossorubi
6) Linha dos Caboclos Quimbandeiros
7) Linha Mista

1) A Linha das Almas, chefiada por Omulu-Rei. Esta Linha e dividida em sete (7) Falanges ou Legiões e nela trabalham os espíritos chamados "Omulus".

São espíritos perigosíssimos e que, para com eles se trabalhar, necessário se torna não só muita força e proteção espirituais, como conhecimento, o mais amplo possível, do que podem eles fazer. Ogum Megê é defesa contra essa Linha.

2) Linha dos Caveiras, chefiadas por João Caveira. Seus espíritos apresentam-se como esqueletos. Esta Linha é também dividida em 7 (sete) Falanges ou Legiões. Segundo Osório Cruz, esta Linha é denominada de Linha dos Cemitérios e é chefiada por Ogum Megê.

3) Linha de Malei, chefiada por Exu Rei (O Maioral). Divide-se, outrossim, em 7 (sete) Falanges ou Legiões. Os espíritos que nela trabalham são os conhecidos como "Diabos", no Catolicismo. Ogum de Malei é defesa contra esta Linha, que é a Linha dos Exus das Encruzilhadas.

Linha de Nagô, chefiada por Gererê. Divide-se em 7 (sete) Falanges como as demais. Seus espíritos são os chamados "Gangas" verdadeiros mestres na Magia Negra. Ogum de Nagô é defesa contra esta Linha.

5) Linha de Mossorubi, chefiada por Kaminaloá. É dividida em 7 (sete) Falanges ou Legiões. Seus espíritos apresentam-se com pretos. Provocam doenças, especialmente mentais.

6) Linha dos Caboclos Quimbandeiros, chefiada por Pantera Negra. Seus espíritos se apresentam como índios (caboclos). Tanto fazem o Bem como o Mal. São especialistas, porém, neste último, quer dizer, no Mal. É dividida também em 7 (sete) Falanges ou Legiões.

7) Linha Mista, chefiada por Exu das Campinas ou Exu dos Rios (Nesbiros). São espíritos sofredores e trabalham sob os ordens dos Exus. Provocam as mais variadas doenças, mormente as mais difíceis de serem

diagnosticadas. Provocam, também, perturbações nervosas e até loucura. São os espíritos, de um modo geral, que, em grande parte, produzem as obsessões ou obsidiações.

* * *

Com os espíritos de Quimbanda, de um modo geral, só se pratica o Mal, no entanto, eles também podem praticar o Bem. Dependerá tão-somente de que os chame e para que os chame para trabalhar. Dependem, entretanto, dos terreiros onde "baixarem" (de Quimbanda ou Umbanda). Eis porque, "embora seguindo caminhos diferentes, a Umbanda e a Quimbanda se completam, em direção a Deus, nosso Pai e Criador".

14

Iniciação na Umbanda (Cruzamento, Batismo, Lavagens de Cabeça, Confirmação)

Já o disse, por vezes sem conta, que a Umbanda ou, melhor dizendo, o Umbandismo, no Brasil — nas suas duas divisões: Umbanda e Quimbanda — nada é mais do que um sincretismo religioso, isto é, uma mistura (harmoniosa, feliz e eficiente, aduzirei agora) de Africanismo, Catolicismo, Indianismo (permitam-me, assim, designar a religião dos nossos índios, nossos indígenas ou aborígines) e Espiritismo, sincretismo esse em que, como predominante (pela sua liturgia aparatosa) aparece o Catolicismo, Apostólico, Romano.

* * *

Todas as religiões, de um modo geral, como primeiro passo para os que a ela pertencem ou nela entram, exigem o Batismo. A Católica, Apostólica, Romana, além disso, ensina que o "Sinal da Cruz" é o sinal dos Cristãos e, por outro lado, que o Batismo deve ter a sua confirmação e esta, na verdade, é a Crisma.

* * *

Ora, sendo o umbandismo, como digo, uma mistura de religiões, entre as quais prepondera a Católica,

Apostólica, Romana, justo é que, na sua divisão denominada Umbanda, se apresentam cerimônias semelhantes às que são encontradas na Igreja de Roma. Justo, portanto, é que, na Umbanda, se tenha o "cruzamento", o próprio "batismo", a confirmação deste (confirmação de médiuns) e as "lavagens de cabeça".

* * *

O "cruzamento", ao que se pode dizer, verificado na Umbanda, nada mais é do que a "marca" ou "sinal" dado ao adepto, no intuito de que, com a mesma, se identifique ele. A diferença de tal ato, entre o Catolicismo e a Umbanda, é que, naquele, o "iniciado" faz seguidamente o "Sinal da Cruz" ("cruza-se", podemos dizer) enquanto que, na Umbanda, é ele — o "iniciado" — "cruzado" tão logo entra para um terreiro e apenas uma vez.

O "cruzamento" na Umbanda é feito com "pemba branca", pelo Presidente ou pelo Diretor ou Chefe do terreiro.

Tomando da "pemba branca", o que estiver executando o "cruzamento" risca, com a mesma, 7 (sete) cruzes no "iniciado" **"uma"** na testa, **"uma"** na nuca, **"uma"** na parte superior do peito esquerdo (perto do pescoço), **duas** no peito dos pés (uma em cada pé) e **"duas"** nas costas das mãos (uma em cada mão). O riscamento dessas 7 (sete) cruzes tem, logicamente, seu simbolismo, como segue:

1) a cruz que é riscada na testa — para permitir ao médium que somente tenha ele pensamentos bons ou, em outras palavras, para evitar maus pensamentos;

2) a cruz que é riscada na nuca — para melhor permitir a atuação das "entidades" que trabalham ou irão trabalhar;

3) a cruz que é riscada na parte superior do peito esquerdo (perto do pescoço) — para evitar os maus sentimentos (diz-se, comumente, que o coração fica do lado esquerdo);

4) as duas cruzes que são riscadas sobre os pés (no peito do pé) — para que os pés só dêem passos bons, isto é, para que o iniciado siga sempre o bom caminho, o caminho do Bem;

5) As cruzes que são riscadas nas costas das mãos — para que elas não se movam a não ser para o cumprimento de boas ações.

* * *

Enquanto é feito o "cruzamento", quem o está executando deverá "puxar" o seguinte "ponto cantado":

> "Encruza, encruza, encruza este filho de Umbanda!...
> encruza, encruza, encruza, encruza na Lei de Umbanda,
> encruza"!

O "ponto", evidentemente, deverá continuar sendo cantado durante toda a cerimônia do "cruzamento", tanto pelos médiuns como pelos assistentes. Na Igreja Católica, o "cruzamento" é feito com os "Santos Óleos".

* * *

Para muitos, a cerimônia do "cruzamento" deve ser secreta. Para mim, porém, que acho que tudo o que se aprende e se faz, pode e deve ser repetido à frente de toda a gente, justamente para que outros possam aprender, julgo que deve essa cerimônia ser realizada mesmo em sessões solenes, com enorme assistência, tanto de outros médiuns como de pessoas outras que o não sejam. Digo mesmo que se deve fazer o "cruzamento", não apenas de um médium de cada vez mas, na verdade, de vários deles ao mesmo tempo.

* * *

Quanto ao "Batismo", na Umbanda, minha opinião é bem diferente das de muitos outros umbandistas. Sigo, na realidade, o modelo usado no "Caminheiros da Verdade".

* * *

Para o "batismo" na Umbanda, entra o "iniciado" (o que vai ser batizado) no terreiro. Ficam-lhe, aos lados os padrinhos. Isto feito, o "celebrante", isto é, quem for fazer o "batismo", dirigindo-se aos padrinhos, diz-lhes que, na realidade, o compromisso que estão assumindo é de grande responsabilidade: serão eles, (os padrinhos) os responsáveis pelo "afilhado", em tudo por tudo, no caso de que, a ele (ao batizado ou afilhado) venham a faltar os verdadeiros pais. Se o "batizando" (o afilhado) é maior de idade, ou, pelo menos se tem idade para compreender bem as coisas, digamos assim, o "celebrante" dirá a ele que seus padrinhos serão, para ele, como verdadeiros pais e, como tal, amados e respeitados deverão ser. Após essa peroração, pergunta o "celebrante" (aos padrinhos e ao afilhado) se, de fato, estão cientes de seus verdadeiros deveres e responsabilidades e se, por outro lado, dispostos estão a arcar com tais responsabilidades. Se o "batizando" for menor de idade ou pelo, menos, não estiver em condições de compreender o real significado da cerimônia, o "celebrante", a respeito da mesma, se dirigirá aos pais ou responsáveis dele, pedindo-lhe que, no devido tempo, lhe dêem ciência do assunto. Após ser isso feito, o "celebrante" proferirá uma Prece e, pela mesma, ao seu término, solicitará de Deus (Obatalá) que permita que o adepto (o batizando) seja, de fato, batizado e, terminando a Prece, dirá: "Fulano está batizado na Umbanda (ou na Lei de Umbanda), em nome de Deus (ou de Obatalá). Que Deus (ou Obatalá) o acompanhe, abençoe e proteja".

Durante a cerimônia, propriamente dita, do "batismo", isto é, desde o início da Prece, deverá estar acesa uma vela e esta deverá ser segurada, conjuntamente

(de baixo para cima — mãos direitas), pelo afilhado, pela madrinha e pelo padrinho.

Terminado o batizado, deverá o "adepto" (batizando) ser defumado, de preferência com defumadores de efeitos nas 7 (sete) Linhas da Umbanda. Pode acontecer que os padrinhos escolhidos sejam "Guias" ou "Protetores" Espirituais. Neste caso, seus "cavalos" (seus médiuns) os representarão, ficando ao lado do "adepto". Por vezes, em tais casos, essa Entidade "incorporam" e, assim, ao término da cerimônia, é quase certo que elas farão mais alguma coisa, de sua própria conta. Podem ser batizados, ao mesmo tempo, mais de um adepto. Neste caso, a meu ver, dever-se-á fazê-lo em sessões solenes e com assistência. Não em sessões reservadas. Terminado o "batismo", a vela, sempre acesa, será posta no "peji" (altar). Ela será destinada ao Anjo de Guarda.

* * *

As "lavagens de cabeça" ou "Amacis" são as que se fazem durante o adestramento do médium. Que se as faça, digo eu, quando se tratar de médiuns que, de modo evidente possam ser considerados como "médiuns" de "incorporação". Não, de um modo geral, a todos os médiuns de um terreiro. Isto porque, a finalidade do "Amaci", justamente, é "fortalecer e firmar a cabeça do médium para apressar o seu preparo, a fim de receber seus "Guias" e "Protetores".

O "Amaci" é constituído pelo suco de várias ervas, as quais devem ser pisadas e depois espremidas fortemente, deixando escorrer o primeiro suco que é grosso. Assim, ter-se-á de adicionar um pouco de água, para torná-lo mais fluido, isto é, menos grosso. As ervas empregadas devem ser, além das que, porventura venham a ser indicadas pelos "Guias" ou "Protetores", as seguintes: São-João, Santa-Bárbara, Arruda, Espada-de-São-Jorge, Erva-de-São-Jerônimo, Guiné-Pipiu, Alecrim-do-Campo, Alecrim-do-Jardim, Barba-de-Velho, e folhas verdes de fumo.

O Catolicismo, como se sabe, também usa o "Amaci", embora, é claro, sem tal denominação: o Padre, ao batizar, derrama, sobre a cabeça do "neófito", um pouco de água-benta.

* * *

Como significado perfeitamente idêntico, como se pode dizer, ao da "Confirmação do batismo" ou "Crisma" do Catolicismo, tem a Umbanda, também a "Confirmação".

* * *

Tendo sido feitos o "Cruzamento" e o "Batismo", bem como o "Amaci" está o adepto, propriamente dito, devidamente preparado para, como "Filho da Umbanda" (Filho do terreiro ou filho de santo), trabalhar. Estará ele, assim, praticamente iniciado na Umbanda. No entanto, para que, de fato e a inteiro contento, possa ele desempenhar suas funções, ainda é necessário ter a sua "confirmação" e "pari passu", a sua "Coroação".

* * *

Quanto à "confirmação", em desacordo, aliás, com a quase totalidade dos umbandistas (eu pretendo escoimar a Umbanda das falhas e obsoletismo nela ainda existentes), direi apenas o seguinte:

1) a confirmação, no molde que vou descrever, o será tão-somente quanto a médiuns de "incorporação";

2) deverá ser ela, pois, como segue: depois de "cruzado", "batizado" e após ter sido feito o "Amaci", o médium (já sabido como de "incorporação"), entra no terreiro e se concentra. Canta-se um "ponto de chamada" de "caboclos", digamos. Se "baixar" algum "Caboclo" no médium (dependendo do estado de sua mediunidade) ou, pelo menos, se o médium demonstrar que sente influência incorporativa acentuada com o "ponto" que tenha sido cantado, pressupõe-se que o seu "Guia" é um "Caboclo" da "Linha de Oxóssi". Se tal não acontecer, cantar-se-á um "ponto de Xangô", de "Ogum", etc., até se ver por qual desses "pontos" é o médium influenciado ou, então quando se dá a "incorporação". De acordo, é claro, com o "ponto" que for cantado na ocasião em que tal se verificar, conhecer-se-á o "Guia" ou o "Protetor" chefe do médium, isto é, o "dono de sua cabeça". "Incorporado" que seja o "Guia" ou o "Protetor", pedir-se-á a ele que cante a sua "Zimba" (seu "ponto próprio") e, a seguir, entregando-se-lhe uma "pemba", pedir-se-á a ele que "risque o seu "ponto" de identificação, isto é, o seu "ponto de chamada" ou "ponto de trabalho". Pede-se ao mesmo tempo à entidade que dê o seu "nomado", isto é, o seu nome (há pontos próprios para isto). Pede-se, também, que diga qual a Falange a que pertence ou mesmo se é o chefe de alguma Falange, na Linha de que fizer parte.

3) Finalmente, confronta-se as respostas dadas pela "entidade" com o que de certo e verdadeiro existe nesse particular, e, então, dá-se o médium como "confirmado", isto é, como tendo sido feita a sua "confirmação". Este é, na verdade, o processo mais fácil de se agir em tais casos.

* * *

Feita a "confirmação" do adepto, deverá ou poderá ser ele "coroado". Em outras palavras, deverá o médium ter a sua "coroação".

Esta será feita com a colocação, sobre a cabeça do médium (adepto ou iniciando), de uma "coroa" compilada com Guiné, Arruda e Espada-de-S.-Jorge, Ao ser colocada a coroa sobre a cabeça do adepto, deverá ser cantado (depois de ter sido "puxado" ou iniciado pelo "celebrante", isto é, por quem estiver chefiando os trabalhos), o seguinte ponto ou outro semelhante:

"Coroa, Coroa este filho de Umbanda,
Coroa, Coroa!
Coroa, Coroa, na Lei de Umbanda,
Coroa, Coroa!
Coroa, Coroa, para vencer Demanda,
Coroa, Coroa!"

* * *

Tendo passado pelo "cruzamento", pelo "batismo", pelo "Amaci", pela "confirmação" e pela "coroação", estará o adepto, isto é o novo filho de Umbanda, verdadeiramente "Iniciado na Umbanda". Será ele, assim, um verdadeiro "Iniciado da Umbanda". Terá se processado, pois, a "Iniciação na Umbanda".

15

Desobsidiações — Trabalhos para desmanchar ou anular a Quimbanda

Em meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", no capítulo XIV, referindo-me à "obsessão ou obsidiação", defino-a como sendo "o domínio que, sobre um espírito encarnado (indivíduo ou pessoa) exercem fatores estranhos, sem o concurso de sua própria vontade". Classifico-a como um dos grupos em que divido as perturbações da alma (espírito encarnado) ou (perturbações anímicas" (Anima = alma). São todas elas, isto é, todas as espécies de "obsessão" ou "obsidiação", más. Como causas das "obsessões", apresento as seguintes:

a) Imperfeições morais;
b) Vingança de inimigos desencarnados;
c) Mediunidade não desenvolvida;
d) Mediunidade mal empregada.

No caso das "obsessões" por "imperfeições morais", apresento duas hipóteses:

1) O espírito obsessor tem afinidade moral, isto é, têm os mesmos vícios ou defeitos morais do "obsedado";

2) o espírito obsessor tem afinidade fluídica, ou seja, tem seu "ectoplasma" idêntico ao do "obsedado".

No caso das "obsessões" por "vingança de inimigos desencarnados", três hipóteses apresento, a saber:

1) o espírito desencarnado é de pessoa que, quando encarnado, foi nosso inimigo nesta Terra e nos jurou vingança;

2) em outras encarnações, das quais não temos, logicamente, lembrança alguma, fizemos inimigos e, estando eles, agora, desencarnados, enquanto que nós encarnados, querem eles se vingar de nós;

3) por qualquer motivo (dado por nós, é claro) fazemos com que qualquer espírito desencarnado se torne nosso inimigo e, assim, quererá ele se vingar de nós.

Quanto às "obsessões por mediunidade não desenvolvida" (melhor será se dizer "mediunidade não adestrada"), são os que se verificam quando, tendo uma pessoa, sua mediunidade (especialmente a de "incorporação") não "adestrada", ou seja, não tendo ainda um "Guia" ou "Protetor" firmado, que lhe dê proteção e lhe defenda, dela se aproximam espíritos outros, mal-intencionados, antes que tudo.

Finalmente, no que se relaciona com as "obsessões" por "mediunidade mal empregada", dão elas quando, empregando mal a mediunidade (ou mediunidades) que tem, desencaminha-se da Lei, isto é, transgride a Lei e, portanto, fica sujeita a penalidades ou, em outras palavras, terá de ser castigada ou punida.

* * *

De qualquer forma, porém, sendo constatada uma "obsessão", lógico e necessário e antes que tudo indispensável é que seja ela eliminada ou afastada. Para tanto pois, ter-se-á que fazer um trabalho de desobsessão ou desobsidiação".

* * *

No Kardecismo, isto é, nas sessões chamadas Kardecistas, é o "obsedado" submetido a uma série de "passes" e "doutrinações" (estas últimas extensivas aos espíritos obsessores) e isto, logicamente, durante maior ou menor tempo, tal seja o grau, mais ou menos intenso em que se encontra a "obsessão", tal seja, outrossim, o estado em que se encontra, por isso mesmo, o "obsedado".

Na Umbanda, porém, ou seja, nos terreiros de Umbanda, os "trabalhos de desobsessão" são bem mais rápidos e, portanto, mais eficientes e mais facilmente aceitáveis e procurados, por isso que são mais fácil e rapidamente compreendidos.

São tais "trabalhos" feitos de diferentes maneiras, de acordo, é claro, com o "terreiro" em que venham a ser realizados. O mais fácil, porém, de todos eles, é o que, a seguir (por tê-lo sempre usado em minhas atividades umbandistas) passo a descrever. É ele constituído ou poderá ser feito da seguinte forma:

1) Coloca-se o "obsedado" (a vítima da obsessão, qualquer que seja a natureza da obsessão) no terreiro e, próximos a ele ("obsedado") coloca-se ou distribui-se os médiuns (ditos de "passagem", de "transporte" ou de "desobsidiação") que, para melhor resultado, deverão ser em número de 3 (três) no mínimo;

2) isto feito, faz-se uma "prece" rápida (mesmo que o trabalho seja executado no transcurso de uma "sessão" e que, portanto, já tenha sido feita, pelo menos, a "prece de abertura"); por essa rápida prece, solicita-se de Deus (Obatalá) licença para se "trabalhar" e, aos Grandes Orixás da Umbanda, bem como às demais Entidades de Umbanda e, em especial, às que tenham sido previamente escolhidas para "patronos" ou "chefes" do terreiro, bem como dos médiuns e do que estiver comandando os trabalhos, proteção e ajuda;

3) a seguir, convida-se para que, em nome de Deus e pela Sua Divina Vontade, se "incorporem", nos médiuns ali existentes, os espíritos obsessores, quaisquer que o sejam, isto é, qualquer que seja a natureza deles. Isto poderá ser ajudado com o "ponto" a seguir, que deve ser:

"Chama, chama, que ele vem!"
torna a chamar que ele vem!"

ou qualquer outro "ponto" semelhante. Pode-se, inclusive, se o preferir, cantar "pontos" de Xangô, Oxóssi ou Ogum. Eu mesmo, aliás, dou preferência a estes últimos, justamente porque, ao serem cantados, se aproximarão As Falanges de espíritos que pertencem às Linhas desses Orixás.

4) "incorporados" os obsessores, tão logo se verifique sua chegada, dever-se-á mandar que eles "batam cabeça" no "peji" (altar) ou no "Ponto de Segurança ou firmação" que tenha sido riscado ao começo dos trabalhos, ou que já se encontrem riscados, no caso da desobsidiação ser feita durante uma sessão do "Centro".

5) em seguida, então, obriga-se o "obsessor" a dizer a razão pela qual está atacando a pessoa (o obsidiado); de acordo com o que seja respondido pelo obsessor, poder-se-á saber qual a natureza da obsessão e, assim, agir-se-á no sentido de que se possa anular a obsessão.

N.B. — No caso do "obsessor" não querer falar a verdade, ou se mostrar com evasivas e mesmo com falta de respeito às ordens que lhe forem dadas, deve-se cantar o seguinte "ponto".

"PONTO PARA OBRIGAR UM ESPÍRITO A FALAR DIREITO"

"O dia amanheceu na calunga!
Tu fala direito na língua
Di Zambi!"
"O dia amanheceu na calunga!
Tu tem que falá
na língua de Zambi!"

Obsessão por imperfeições morais

1) no caso de se tratar de "obsessão por imperfeições morais", doutrinar-se-á, não só o "obsessor" como o próprio "obsedado";

2) no caso de se tratar de "obsessões por vingança de inimigos desencarnados", doutrinar-se-á tão-somente o "obsessor" e, no obsedado, aconselhar-se-á para que faças "preces" e, se for católico, que mande rezar missas pelo espírito ou pelos espíritos que o perseguiam;

3) no caso de "obsessão por mediunidade não desenvolvida", pede-se ao "obsessor" que dê "maleme" (perdão) ao obsedado e, a este, dá-se conselhos no sentido de que procure um centro para adestrar (costuma-se dizer "desenvolver") sua mediunidade;

4) finalmente, no caso de "obsessão por mediunidade mal empregada", também se pede ao "obsessor" que dê "maleme" e, ao "obsedado", aconselha-se a mudar de atitude, isto é, a não usar sua mediunidade por divertimento, por dinheiro, em troca de favores materiais e, inclusive, para fins não confessáveis.

* * *

Ainda sobre "obsessões", direi o seguinte:

1) O fato de dizer eu que se deverá dispor de 3 (três) médiuns, pelo menos, para tais trabalhos de desobsessões prende-se a que, de um modo geral, os "espíritos obsessores" pertencem à "Linha Mista" da Quimbanda e, como tal, atuam sempre sob as ordens de outros espíritos, especialmente dos Exus.

2) Há espíritos, em alguns casos de obsessões que, para serem afastados, necessitam de um defumador de estrume de boi (ou vaca) seco.

Não há espírito que resista a essa espécie de defumador.

Quando uma pessoa "obsedada" é católica, costuma-se encaminhá-la (aqui na Guanabara se faz ao Convento dos Capuchinhos, na Haddock Lôbo) a um padre ou um frade para que, com o "emprego dos terços" (os frades empregam os "Rosários" que são formados de três terços). Se, porém, tal medida não dá resultado, solicita-se licença ao Bispo da Diocese e então, pratica-se aquilo a que se conhece como "exorcismo" (nada

mais é do que uma sessão espírita camuflada, ou seja, com um rótulo ou título diferente).

* * *

No que se refere aos "trabalhos para desmanchar ou anular a Quimbanda", devo dizer, de início, que são eles os que se fazem nos terreiros de Umbanda, para desfazer ou anular os malefícios causados pelos espíritos da Quimbanda que, "sempre a mando de alguém", nos acicatam, nos perseguem e até mesmo podem nos matar ou, pelo menos, deixar loucos, doentes de doenças cujos diagnósticos são difíceis de fazer, ou aleijados. Esses malefícios são os que, de um modo geral, se conhecem como "feitiços", "feitiçarias", "mandingas", "canjerê", "macumbas", etc.

Conquanto tais influências espirituais se processem de forma idêntica, em grande parte, às que se observam nos casos de "obsessão", posto que as vítimas, também nestes casos, sofrem os efeitos independentemente de sua própria vontade, nada têm a ver aqueles com essas. Em outras palavras: malefícios causados pela Quimbanda são totalmente diferentes, quanto à sua natureza íntima, dos malefícios causados pelas "obsessões". (Vide o livro "Como Desmanchar Trabalhos de Quimbanda", Vol. I).

* * *

Todo e qualquer caso de "trabalho de Magia Negra ou Quimbanda", a meu ver, poderá ser desmanchado. Tal dependerá, porém, de duas coisas a saber:

1) "trabalhar-se", para se os desmanchar, em tempo oportuno, isto é, dentro dos prazos de seus efeitos, prazos esses que variam de acordo com a natureza dos espíritos de Quimbanda atuantes e, por isso mesmo, de acordo com o local e o modo pelo qual são feitos;

2) conhecimento firme, por parte de quem os "desmancha", sob todos os pontos de vista, do que está fazendo e, bem assim, de bons e bem adestrados médiuns de "transporte".

* * *

A melhor defesa que há, porém, contra a Magia Negra, é o se manterem as criaturas humanas, (espíritos encarnados) absolutamente dentro da Lei de Obatalá (Deus) e, por outro lado, dentro da própria Lei de Umbanda ou, ainda, dentro dos princípios da religião — qualquer que seja — adotada e aceita e seguida por cada um. Fazendo-o, está a criatura totalmente livre da Magia Negra.

E por quê?!... Simplesmente porque, desta forma, terá um "Ovo Áurico" bem formado, ou seja: "conseqüente das boas emanações ou irradiações do seu sistema nervoso" e, assim, "logicamente estará ela defendida — e eficazmente — da Magia Negra e de seus maléficos efeitos". Todavia, a bem da verdade, teremos de reconhecer que, em cada 99, dentro de 100 casos, a criatura humana (ao contrário do que deveria ser) é sempre possuída de sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de despeito e outros piores e, nestas condições, não poderá ter um "Ovo Áurico" bem formado e, como conseqüência lógica e imediata, será vitimada pelos trabalhos de Magia Negra.

Assim, terá ela (a vítima da Magia Negra) de apelar para outros meios que lhe possam salvar ou, em outras palavras, que a livrem do perigo em que se encontra. Terá ela, assim, de recorrer (deverá fazê-lo, de preferência, a um "Centro" bom, de Espiritismo, seja ele Kardecista ou Umbandista) ao "desmancho" do malefício de que é vítima. Se recorrer ao Espiritismo Kardecista (nestes casos de Magia Negra), posso assegurar que o resultado será praticamente nulo, dado o longo tempo empregado para "desmanchar" e, bem assim (e mais ainda) nos casos de natureza mais grave, poderá a vítima sucumbir antes de ser trabalhado totalmente o seu caso, isto é, antes de terminar a "caridade" que lhe irão prestar. O melhor e mais acertado, pois, será o recorrer a um "terreiro de Umbanda".

* * *

Quantos aos "desmanchos" de tais trabalhos de Magia Negra, nos terreiros de Umbanda, devo dizer que, de um modo geral, são exigidas da vítima, grandes quantidades de "material", tais como: galos, velas, pembas (de diversas cores), charutos, alguidares de barro, etc., etc., tudo, aliás, dentro das normas atuais da Umbanda, na quase absoluta totalidade de seus terreiros.

Quanto a isto, aliás, digo, antes de mais nada, ou melhor, asseguro (posto que o fiz, eu mesmo por diversas vezes) ser tal "material" desnecessário, no entanto, considerando-se que o povo, de um modo geral, ainda não está com o adiantamento intelectual e mesmo moral necessário, para melhor compreender as coisas, mormente as de Umbanda, nada se poderá obter de resultado em casos como esse, se não se pedir tais aparatos. No meu ponto de vista, poder-se-á usar, tão-somente, velas, charutos e pembas e até mesmo "marafo" (cachaça) e, em determinados casos, "fundanga ou tuia" (pólvora), isto, porém, nos casos mais graves, ou seja, nos casos em que quem tiver feito o trabalho de Magia Negra tenha sido, de fato, alguém entendedor do assunto e que, por isto, o trabalho seja verdadeiramente perigoso. Em outras palavras, nos casos verdadeiramente de "macumba" ou "mandingas" bem feitas.

Para os que, de fato, querem, como eu, levantar o conceito da Umbanda, os "desmanchos" podem ser feitos (e muitos fiz eu), como segue:

1) coloca-se a vítima (a criatura que tenha sido "magiada") no terreiro e, próximas a ela, distribui-se os médiuns com os quais se vai trabalhar, fazendo-se com que, neles, se incorporem os espíritos de Quimbanda que estejam atuando no caso, devendo esses médiuns ser em número de 3 (três) no mínimo;

2) isto feito, faz-se uma "prece" rápida (mesmo que o "desmancho" seja executado no transcurso de uma sessão e que, portanto, já tenha sido feita, pelo menos a "prece de abertura"); por essa prece rápida, solicita-se de Deus (Obatalá) licença para se "desmanchar" e,

dos "Grandes Orixás da Umbanda", bem como às demais Entidades da Umbanda e, em especial, às que tenham sido previamente escolhidas para "patronos" ou "chefes" do terreiro, bem como os médiuns e do que estiver comandando os trabalhos, proteção e ajuda;

3) a seguir, com fé e energia, manda-se que se incorporem, nos médiuns que para isso ali estão, as entidades, isto é, os espíritos que estejam perseguindo a vítima, ou seja, a criatura para quem se está trabalhando (pode acontecer que o espírito que esteja chefiando o trabalho, ou se incorpore na própria vítima ou faça outro incorporar nela). Para ajudar, poder-se-á cantar o mesmo "ponto" a que me referi no caso de "desobsidiação", isto é:

> "Chama, chama, que ele vem,
> torna a chamar, que ele vem"...

Ou qualquer outro ponto semelhante. Poder-se-á mesmo cantar, como digo antes, "pontos de Xangô, Ogum ou Oxóssi", desde que, por sua natureza, se adaptem ao caso;

4) incorporados os espíritos atuantes no caso (é importante e indispensável saber-se que, nem sempre, o "chefe" isto é, o "mandão" no trabalho se apresenta como tal; diz sempre que foi mandado por um outro; apresenta-se, aliás, "mascarado" como costumo eu dizer; por vezes, mesmo manda que outro venha e se diga "chefe" do caso) dever-se-á obrigá-los a "bater cabeça" no "peji" ou no "Ponto de Segurança" ou "firmação" do terreiro. É necessário se estar habilitado a entender bem o que isto significa e o modo por que deve ser feito, ou seja: a maneira dos espíritos "baterem cabeça";

5) em seguida, faz-se com fé e energia, os espíritos da Magia Negra atuantes compreenderem o que estão fazendo, isto é, diz-se a eles que o que fazem é errado e que, no final das contas, voltará sobre eles mesmos; procura-se fazê-los mudar de atitude, por uma questão de raciocínio, de discernimento, isto é, compreendendo que tudo o que se faz volta sobre quem faz; em outras

palavras, dever-se-á procurar que tais entidades compreendam o que estão fazendo e, por isso mesmo, se apercebam da responsabilidade que têm (não é coisa fácil mas pode e deve ser feita);

6) se tais espíritos pedirem isto ou aquilo, este mundo e outro, para desmancharem o trabalho e se afastarem da vítima, poder-se-á dar, se tanto: um charuto ("bananeira", como muitos espíritos dizem"), uma vela ("pau de fogo"), fósforos, ("riscador") e, em determinados casos, até "marafo" (cachaça) e "fundanga ou tuia" (pólvora), tudo isto, porém, para ser usado no próprio terreiro; o que sobrar desse material, ao término do "despacho", deverá ser "despachado" — de preferência por outra pessoa que não seja a própria vítima — em lugar indicado pelos próprios espíritos atuantes, de Magia Negra;

7) terminado o "trabalho", ou seja, o "desmancho", a vítima deverá ser "defumada" e receber "passes" de algum "Guia" ou mesmo do Presidente ou chefe do terreiro (quem tenha trabalhado o "desmancho"); note-se que muitos casos de "magia negra" não podem ser desmanchados com um só e único trabalho; ter-se-á, então, de fazer diversos "trabalhos", no entanto, todos ou outros poderão ser feitos como aqui digo.

* * *

Ao terminar, tanto para os casos de "desobsidiação", como nos casos de "desmanchos", direi o seguinte:

1) muito conhecimento por parte de quem faz o trabalho; acender-se sempre, no "peji", uma vela para o Anjo de Guarda de todas as pessoas que tomarem parte;

2) muita moral, muita fé e confiança;

3) muita concentração, pelo menos nas primeiras fases dos trabalhos;

4) médiuns firmes, de boa vontade, já confirmados são, antes de tudo para o bom êxito máximo — os quesitos exigidos.

16

Alguns outros "Trabalhos" "Cruzamentos" de casas Defumadores — Simpatias

De um modo geral, todas as pessoas que procuram os terreiros umbandistas sempre o fazem para, antes de mais nada, pedir e ou conseguir alguma coisa. Seja lá o que for.

Umas querem que um determinado rapaz se case com uma tal moça; outras, que o marido ou companheiro de "fulana" deixem-na e vá para ela (a pessoa que procura o terreiro). Isto e coisas muitos piores, todas elas, é claro, bem indicando o atraso mental e moral em que se encontram as criaturas que freqüentam a Umbanda, já não se falando nos próprios umbandistas. Da minha parte, para casos que tais, jamais terão qualquer ensinamento e, mais ainda, em favor delas jamais farei qualquer "trabalho". Não obstante, com o que se segue, por mim escrito neste capítulo de "Pomba-Gira" ("As duas faces da Umbanda"), transmitirei a todos algumas modalidades de "trabalhos" que, se e quando bem feitos, produzem os melhores resultados. Vejamo-los, portanto.

* * *

Firmar e fortificar o "Anjo de Guarda" — De preferência no dia que a pessoa mais goste ou aprecie, isto

é, no dia da semana que seja de seu maior agrado, às 6 horas da manhã, ou às 12 horas (meio-dia), ou às 18 horas (seis horas da tarde), em qualquer parte da residência, onde não haja a possibilidade de ser apagada pelo vento, acender uma vela, ao lado de um copo branco, liso, cheio de água. Ao se acender a vela, faz-se uma "prece" (até mesmo uma simples Ave-Maria) e oferece-se essa "prece", em honra e glória a Deus, pedindo a Ele (a Deus) que aceite, como "força espiritual" para o Anjo de Guarda e, ao mesmo tempo, pede-se que a luz da vela sirva de "luz espiritual" (esclarecimento, evolução espiritual) para o Anjo de Guarda. Isto deve ser feito com fé e, se o quiserem, poderá ser repetido toda semana, durante umas 7 semanas ou até sempre, quer dizer, pode-se repetir esse trabalho, seguidamente, tantas vezes quantas se quiser. Ter-se-á, porém, que fazer sempre à mesma hora em que for feita a primeira vez. A vela deverá queimar até o fim e não poderá ser apagada.

No dia seguinte ao em que se tiver feito o trabalho (se forem vários trabalhos, será sempre em cada dia seguinte ao de cada trabalho), "descarrega-se" a água, jogando-se ou num rio (se houver algum perto) no mar (se for perto), em qualquer água corrente (até mesmo de uma torneira) e também se poderá jogar pela porta afora, isto é: de costas para a rua, joga-se a água para trás, fazendo-o por cima do ombro esquerdo. Em qualquer hipótese, ao se "descarregar" a água, dever-se-á dizer:

Salve Iemanjá!
Salve o povo d'Água!
Força para o meu Anjo de Guarda!
Força e luz para ele e proteção para mim!

* * *

Amansar um inimigo, isto é, transformar um inimigo (ou pessoa que nos prejudica) em amigo. Também serve para fazer com que uma pessoa, de quem se

gosta e que não nos liga, passe a nos olhar de modo diferente ou, em outras palavras, passe a se interessar por nós. Este trabalho é baseado na Lei Hermética dos Opostos (de Hermes Trimegisto). Consiste no seguinte: durante 7 (sete) dias seguidos, sempre à mesma hora (6 horas da manhã, meio-dia, seis horas da tarde ou meia-noite — são as horas preferíveis), acender uma vela ao lado de um copo liso, branco, com água. No primeiro dia, o copo deverá ser virgem, isto é, deverá ser novo (deverá mesmo ter sido comprado para este trabalho). As velas deverão ser queimadas até o fim, sem serem apagadas, de modo algum. (Diz a crença popular que, se elas se apagarem sozinhas, é porque a vida da criatura está em perigo de ser suprimida, isto é, a pessoa está ameaçada de morte.) O trabalho deverá ser feito da seguinte forma:

1.º dia — às 6 horas da manhã (será esta, por exemplo, a hora escolhida) coloca-se o copo (virgem, neste 1.º dia) cheio d'água e, atrás dele, coloca-se a vela que deverá ser acesa e colocada com a própria espermacete; ao mesmo tempo que tal se faz, reza-se uma prece (qualquer oração serve) e oferece-se a prece (como "força espiritual") e a luz da vela (como "luz espiritual") da pessoa que faz o trabalho e da pessoa que se quer "amansar" ou "conquistar". Ao ser oferecida a prece em Honra e Glória a Deus, pede-se a Deus que permita que a pessoa (a quem se quer amansar ou conquistar) se transforme em amigo ou venha a se interessar (amigo da pessoa que faz o trabalho). Isto feito, abandona-se o local e, logicamente, entrega-se ao seu modo comum e habitual de viver ou passar os dias, quer dizer, passa-se a cuidar dos afazeres diários.

2.º ao 7.º dia — às 6 horas da manhã do 2.º dia (e bem assim dos demais dias, do 3.º ao 7.º), a pessoa que está fazendo o trabalho apanha o copo com água, acendendo logo a seguir a vela (enquanto a vela fica queimando, sai e vai "despachar" a água, para tanto agindo da mesma forma que indico para "firmar e fortificar o

Anjo de Guarda). Enche novamente o copo e coloca à frente da vela já acesa e, então, faz "prece" idêntica à que fez no 1.º dia.

8.º dia — no oitavo dia, à mesma hora, faz-se, apenas o seguinte: retira-se o copo com água e se o "despacha" do mesmo modo que se tenha feito nos anteriores, no entanto, ao se "despachar" a água, joga-se o copo fora (não importa que ele se quebre ou não) e por cima também, do ombro esquerdo.

Estará, assim, feito um dos mais eficientes trabalhos, no entanto, é indispensável dizer-se que, este como qualquer outro, terá de ser feito com fé, isto é, com absoluta e antecipada certeza de que dará o resultado que se quer, ou seja, deverá ser feito com confiança no que estiver fazendo.

Outro Trabalho para Amansar: — Este, aliás, deverá ser feito, de preferência, nos casos em que, entre casais, isto é, pessoas que vivem juntas, que coabitam um mesmo lugar (marido e mulher ou lá o que for), há divergências que, de um modo geral, são ocasionadas pelo mau gênio de um deles, pelos maus tratos que um dispensa ao outro. O trabalho deve ser feito como segue:

a) escreve-se o nome da pessoa (a de mau gênio, a que ocasiona as divergências ou desinteligências) em um papel branco, em cruz (no sentido das diagonais) e, sobre o nome, risca-se, com "pemba branca", um "ponto" de um "Guia" ou "Protetor" qualquer (se não se souber fazer isso, risca-se mesmo uma cruz, com a "pemba"). Isto feito, dobra-se o papel e coloca-se por baixo do pé esquerdo, dentro do sapato, por dentro da meia. Todos os dias pela manhã, ao se acordar (é claro que a pessoa que vai ser amansada não poderá ver ou saber o que se está fazendo), bate-se com o pé esquerdo no chão e embaixo dele estará o tal papel, como foi dito e, ao fazê-lo, deve-se dizer, com fé: Eu vou dominar Fulano (ou fulana) — diz-se, então, o nome;

b) este trabalho também poderá ser feito com um retrato da pessoa que se quer amansar. Neste caso, o "ponto" ou a "cruz" serão riscados nas costas do retrato. Poder-se-á dobrar o retrato. Isto, simbolicamente, significa que se estará "dobrando" ou "dominando" a pessoa.

* * *

Limpeza Espiritual de uma Residência: — Enche-se um copo, liso e branco, de água. A seguir, coloca-se dentro dele 3 (três) pedrinhas de carvão (comum). Coloca-se esse copo, nessas condições, atrás da porta principal de entrada, da casa. Deixa-se ficar, de um dia para o outro. No dia seguinte verifica-se se as pedrinhas de carvão estão à flor d'água ou se submergiram. Se estiverem à flor d'água, é porque a casa não tem nenhuma influência espiritual má. Se, porém, os carvõezinhos tiverem submergido, "despacha-se" a água, com eles junto e enche-se novamente o copo, colocando-se novamente no mesmo lugar e, nele, se coloca mais três pedrinhas de carvão. Assim se procederá até que, em definitivo, as pedrinhas de carvão não submerjam mais, caso em que a residência está "limpa espiritualmente". Muda-se de quando em vez a água e colocam-se novas pedrinhas de carvão.

* * *

Segurança para o Quarto de Dormir: — Embaixo da cama do casal, de preferência para o lado da cabeceira, coloca-se um copo com água, no qual se tenha colocado 3 (três) punhados de sal grosso (é preferível que seja sal grosso), fazendo-se com a mão esquerda. Ao se colocar o copo, fazer-se uma prece (qualquer) pedindo proteção. Esta proteção, aliás, ao mesmo tempo, deverá ser pedida à "Iemanjá", ao "Povo D'água", especialmente ao "Povo do Mar". De uns tantos em quantos dias, "despacha-se", especialmente ao "Povo do Mar". De uns tantos em quantos dias, "despacha-se" a água e repete-se a operação.

Para se conseguir um favor de um "Guia": — Para se conseguir um favor, de um "Guia" ou de qualquer "Protetor", há uma quantidade enorme e variada de trabalhos, vulgarmente conhecidos como "obrigações" que podem ser feitos. Eu, porém, indico como mais fácil e, além disso, menos dispendioso, os seguintes:

a) se o favor é da parte de um "Caboclo", oferece-se 3 (três) velas (pode-se acendê-las ou não), 3 (três) charutos e 3 (três) caixas de fósforos cheias e abertas, colocando-se tudo isto em um dos seguintes lugares: se se tratar de "Caboclo" da Linha de Oxóssi, na mata; se se tratar de "Caboclo" da Linha de Xangô, deve-se colocar ao pé de uma pedreira; se se tratar de "Caboclos" da Linha de Ogum, poder-se-á colocar junto a qualquer grade de ferro, ou junto a qualquer lugar em que haja ferro ou aço. São "presentes" que se dão e, ao se entregar, pede-se o que se quer, com fé. Poder-se-á acompanhar tais "presentes" com garrafas (abre-se e entorna-se um pouco, em cruz) de cerveja branca, no caso de Oxóssi e Ogum e, de cerveja preta, no caso de Xangô;

b) se o favor é da parte de um "Preto-Velho", pode-se oferecer um cachimbo (de barro de preferência), um pacote de fumo (deve-se abri-lo e colocar um pouco de fumo no cachimbo), uma ou três velas e uma caixa de fósforos, aberta. Tudo isto deve ser colocado sobre um pano (uma toalha) de desenhos xadrex (quadriculado) e perto de um tronco, em alguma clareira da mata. Pode-se juntar uma garrafa de vinho tinto ou moscatel (abre-se a grarrafa e despeja-se um pouco do vinho, em cruz);

c) se o favor é da parte de Iemanjá, o "presente" deverá ser feito na beira da praia. Deverá ser colocado sobre uma toalha ou pano branco. Coloca-se guaraná, um pente branco ou pelo menos de osso transparente, um espelho, uma ou três velas, uma ou três caixas de fósforos abertas, um "bouquet" de flores (de preferência rosas brancas);

d) se o favor é da parte de Iansã, o trabalho, de preferência, deverá ser feito nas proximidades de uma pedra rachada (Pedra de Iansã). Poderá o "presente" constar de um espelho, um pente como o de Iemanjá, uma ou três velas, uma ou três caixas de fósforos abertas e uma bebida fina, podendo mesmo ser vinho moscatel do bom. Pode-se ofertar flores também.

* * *

Há uma infinidade de outros trabalhos ou "presentes" que, em muitos livros, são encontrados e aconselhados. Os que aqui indico foram sempre feitos ou aconselhados por mim e sempre deram os melhores resultados. Tudo, é claro, dependerá da fé com que se proceda e, mais ainda, da permissão de Deus para que dêem ou não resultado. Para mim, no fim das contas, todos eles representam o muito de materialização que ainda se encontra na Umbanda e, portanto, indico e mesmo aconselho e, se o faço, é tão-somente porque sei que, de um modo geral, toda gente, ou melhor, todos os que freqüentam a Umbanda ou a ela pertencem, são eles mesmos, tão materializados quanto o que se faz. Sofrem, por sinal, a influência do Catolicismo em que, via de regra, foram criados ou em que vivem e em que, por isso mesmo, acreditam.

Descarregos: — Estão os livros cheios e em todos os terreiros se aconselha a que os faça — de "banhos de descarga" ou de "Descarrego". Repeti-los, pois, seria por demais fastidioso. Limitar-me-ei, portanto, a ensinar e aconselhar apenas um: "o de sal" (grosso ou fino). Ei-lo:

a) toma-se um banho comum e, a seguir, enxuga-se bem o corpo (pode ser com água fria ou quente);

b) a seguir, derrama-se, do pescoço para baixo, água com sal sobre o corpo (fria ou quente, conforme tenha sido o outro banho), fazendo-se uma cruz ou em cruz: à frente do corpo, atrás, à esquerda e à direita;

c) ao se derramar a água com sal, dever-se-á dizer:
Salve Iemanjá!
Salve Oxum!
Salve o Povo D'água!
Peço proteção e que eu seja descarregado!

* * *

Também se poderá cantar, enquanto se toma o "banho de descarga", um qualquer "ponto" apropriado.

Este "trabalho de descarga", como se vê, é extremamente fácil e barato. Poderá ser feito por qualquer pessoa. De preferência deverá se tomar tais banhos, em uma das seguintes horas: 6 horas da manhã, meio-dia, três horas da tarde ou 18 horas (seis horas da tarde). Não se deve enxugar o corpo depois de se ter tomado o banho de "descarrego" de água de sal.

* * *

Há os "banhos de Ogum", de "Oxóssi", de "Xangô", etc., e, para se usar, basta que se procure nas casas de ervas onde não só se encontrará como, com eles, vêm as explicações necessárias à sua execução.

* * *

Comigo-Ninguém-Pode: — É uma planta, aliás venenosa, no entanto, bem aconselhável que, em casa, se tenha uma muda dela. Deverá ser plantada numa lata ou vaso (qualquer) e, de preferência, colocada sobre a mesa de refeições (é claro que por ocasião das refeições, a planta será retirada provisoriamente). Também poderá ser colocada à entrada da casa e, neste caso, uma de cada lado da porta principal de entrada. Todo o mal que for trazido de fora, ou que for mandado, será absorvido pela planta e, portanto, anulado. Uma plantação de arruda poderá ser usada com os mesmos resultados. Ao se dizer plantação referimo-nos tão-somente a uma plantação pequena, feita, também, em uma lata ou em um qualquer vaso.

Espada-de-São-Jorge: — É planta também por demais conhecida. Pode ser usada como segurança ou defesa, da seguinte forma: junta-se duas palmas, em cruz, que se coloca atrás das portas ou, pelo menos, atrás da porta de entrada principal.

Estrela-do-Mar: — Quem não conhece uma Estrela-do-Mar?!... Coloca-se uma, já seca, presa por trás da porta de entrada principal e, com isto, se está fazendo uma defesa e proteção para a casa.

Figas: — É muito comum o se usar figas. Nas crianças recém-nascidas, aliás, usa-se as de guiné e arruda. Há as de ouro e, até, as que têm brilhantes incrustados. Há, outrossim, as de azeviche. Eu mesmo uso uma de azeviche, que me foi dada por uma grande "Babá", hoje desencarnada. Tais figas são usadas, tão-somente, para anular as influências ruins (espirituais ou mentais) que venham sobre as pessoas que dela se valham. De um modo especial, anulam estas figas, ao serem usadas, os efeitos do "mau olhado" (Ajôcôcôrô) ou quebranto.

Quanto ao "mau olhado" — que de fato existe — esclareço eu, a respeito, no capítulo V ("Mirongas" "Umbandistas") de meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos" — "Tais figas" e até "fitinhas vermelhas" são usadas até para a proteção de flores, aves e outros animais, como digo eu naquele meu citado livro, contra o "mau olhado" ou "quebranto".

* * *

Cruzamento de Casas: — Quanto a "cruzamentos" de casas, darei aqui, tão-somente, dois, isto é, ensinarei, apenas, dois processos para se fazer (fáceis e eficientes). Vejamo-los, portanto:

a) **Cruzamento com água do mar:** — Inicialmente ter-se-á que apanhar água do mar. Para se fazer, arranja-se uma garrafa ou litro branco e, sem tampa, leva-se até a beira da praia. Aí chegando, descalça-se os sapatos, pede-se licença à Iemanjá e ao Povo do Mar, especialmente a Ogum Beira Mar. (Esse Ogum, como já disse antes, trabalha ou atua na beira da praia) e entra-se pelo mar adentro, até que a água nos bata ou chegue aos joelhos. Mergulha-se a garrafa ou o litro, em pé, deixando que se encha de água. Isto feito, sai-se do mar, andando de costas e, assim fazendo, dá-se uns três ou pouco mais passos, já fora d'água e sem se mudar de posição, isto é, continuando-se a andar de costas. Ao se mergulhar a garrafa na água e ao pedir licença, dever-se-á dizer que a água que se está tirando é para o "cruzamento" de sua casa (da casa da pessoa que retirar a água do mar). A seguir calça-se os sapatos, agradece-se e, virando de frente, segue-se de volta. Não se deve olhar para trás.

Obtida a água do mar, para se fazer o "cruzamento", deverá ser feito dos fundos para a frente da casa, sempre em cruz, isto é, no sentido das diagonais dos cômodos (dependências da casa). Se sobrar um pouco d'água, é aconselhável guardá-la na própria garrafa, colocando-a, de preferência, por trás da porta de entrada principal, a um dos lados da mesa. Conquanto não seja indispensável, poder-se-á cantar, durante todo o "cruzamento" o mesmo "ponto" que se deve cantar para o "cruzamento" de adeptos, isto é, dos novos médiuns que entrarem para os terreiros de Umbanda, notando-se que, nesse caso, deverá ser feita uma ligeira adaptação do "ponto" ao caso. Em outras palavras, o "ponto" deverá ser cantado como segue:

"Encruza, encruza, encruza esta casa de Umbanda!
encruza, encruza, encruza, encruza na Lei de Umbanda.

O que não se pode deixar, porém, de fazer, durante o "cruzamento", é a saudação ao "Povo D'água".

"Salve Iemanjá!...
Salve Oxum!...
Salve Ogum Beira-Mar!...
Salve todo o Povo D'água!"

O mais interessante seria que, enquanto uma pessoa fizesse o "cruzamento" (esta fazendo a Saudação ao Povo D'água), outra (ou outras) cantassem o "ponto de cruzamento".

* * *

"Defumadores": — Muitos e os mais variados e até complicados são os defumadores. Os livros, aliás, os indicam e, nas casas de ervas são eles encontrados. Desta forma, aconselharei apenas um que, como me foi dado observar, é de grande eficiência. Foi-me ele, por sinal ensinado por um "Preto-Velho", chefe de cabeça de um cunhado meu, de nome Olímpio, "Pai Benedito". Este defumador consta do seguinte: "réstia de cebolas, réstia de alhos, arnica (folhas) e açúcar. Junta-se tudo e, por cima, coloca-se brasas, bem vivas. A defumação deverá ser feita dos fundos para a frente da casa.

* * *

Conquanto não seja um "defumador", pois, que se trata mais de uma espécie de sortilégio ou simpatia — se assim o preferirmos — permito-me aconselhar a meus irmãos de fé que, na 1ª sexta-feira de cada mês (poder-se-á fazer sempre), varram as suas casas, com vassoura comum (de piassava), dos fundos para a frente; isto feito, juntem o lixo em um papel e a coloquem, assim embrulhado, numa qualquer encruzilhada de Exu. Basta colocar e deixar. Deixem que isto ajuda a entrar dinheiro em casa.

Notem os meus irmãos de fé, porém, que qualquer trabalho, que se faça, deve ser apoiado na fé. Sem fé, na verdade, nenhum deles dará certo.

17

Preces para abertura e encerramento de sessões — Caminho para a felicidade

Prece, Oração, Pedido, Deprecação — não importa o nome que se lhe dê — é sempre o meio de que dispõe a criatura humana para entrar em contato mais íntimo com o Criador e, Dele, obter o que deseja, o de que necessita.

Rezar, orar, deprecar, pedir, rogar, fazer uma Prece, pois, são expressões perfeitamente idênticas.

"Pedi... e dar-se-vos-á!... Buscai... e achareis!... Batei... e abrir-se-vos-á!"... é o que nos ensinam os Santos Evangelhos.

Como o fazer, porém?!...

Haverá alguma norma especial para tanto?!...

Não! Absolutamente não!

Não há, nem poderia haver, uma norma especial para se fazer uma Prece, seja ela de um católico, de um espírita, de um budista ou lá de quem for.

Entretanto — necessário parece-nos dizer — condições há, indispensáveis, para que se possa, em verdade, fazer uma Prece e, mais ainda seja ela eficiente, isto é, dê o resultado que se deseja.

Pedir, apenas movimentando os lábios; articulando simplesmente palavras (orais ou mentais), fazendo-o tão-somente "com a boca", "da boca para fora", como

se costuma dizer, não é, de forma alguma, fazer uma Prece.

De que valem as palavras — ou mesmo os pensamentos — se algo mais real, por isso que de verdadeiro e único valor, não as acompanha?!...

De que vale, pois, uma Prece, sem que, em verdade, seja ela acompanhada, antes de tudo, pela fé?!...

Pedir — sem ter fé — ao contrário, é não pedir, ou melhor, é acarretar, para quem pede, justamente o inverso do que deseja alcançar; é inverter a ordem das coisas; é, por outro lado, desperdiçar tempo; provocar correntes contrárias, orientar tais correntes contra quem pede.

* * *

"Não temos fé, verdadeiramente falando, no entanto, em seu lugar, dispomos do que se chama de confiança (maior ou menor) que depositamos seja no que for.

Ao fazermos, pois, uma Prece, tenhamos, antes que tudo, confiança na entidade — seja ela qual for — a quem dirigimos nossa Prece".

* * *

São as acima, palavras com que transcrevemos parte do capítulo X (Prece e Pontos — Cantados e Riscados) do meu livro "Umbanda dos Pretos-Velhos", páginas, 102 e 103.

* * *

Se a Prece for feita ao ensejo do início ou do fim de uma sessão; se o for, em público, por e ou para qualquer outra finalidade, e desta forma tenha de ser falada, é necessário que se a faça antes que tudo, com "vibração" (com bastante ênfase, com bastante entusiasmo, portanto) e com fé; se, porém, a Prece for feita por qualquer pessoa, apenas mentalmente, isto é, por pensamento ("em voz baixa", como se costuma dizer),

deverá ela ser feita, antes que tudo e indispensavelmente, com fé ou — pois que não temos fé, verdadeiramente — pelo menos com "Confiança" (a máxima possível).

* * *

Muitas e muitas são as Preces ou as modalidades de Preces que se pode fazer. Um simples grito, por Deus, por Jesus, por Maria Santíssima, ou por qualquer "Orixá", "Guia" ou "Protetor", desde que seja dado — numa hora, num momento de aflição — com fé (ou com confiança) vale pela maior e mais complexa das modalidades de Prece. Um "Valha-me Deus!..." "Valha-me Nossa Senhora!..." ditos em momento de aflição é, portanto, uma Prece tão boa ou melhor que qualquer outra.

Não há normas — e já o disse eu — para se fazer uma Prece. Todavia, para maior facilidade de meus irmãos de fé, darei eu aqui, a seguir, alguns poucos modelos. Vejamo-los.

* * *

Prece "Fraternidade": — Foi escrita por mim mesmo e usada durante todo o tempo em que, no "Centro Espírita Caminheiros da Verdade", atuei à frente de minha "Falange Xangô". Dei-a à publicidade em meu livro "Umbandismo" — capítulo V (Falange Xangô"). Ei-la:

"Pai que estais no Céu, santificado para sempre seja o Vosso nome. Abençoai, Senhor, nós Vós pedimos, todos os que aqui, na prática da Caridade, estão reunidos.

Venha a nós o Vosso Divino Reino e seja feita a Vossa e não a nossa vontade, Pai, assim na Terra, como no Céu e em toda parte!

Perdoai-nos, Senhor, as dívidas e ofensas para Convosco, como soubermos e quisermos perdoar as dos nossos semelhantes para conosco.

Não nos deixeis, Senhor, cair em tentação, mas livrai-nos de todo mal que — material ou espiritualmente — nos possa atingir!

Maria Santíssima, Querida e Boa Mãe do Céu e Mãe de Jesus — nosso Divino Mestre — rogai, pedi e implorai a Deus por nós — inveterados pecadores, espíritos atrasados que somos — agora e na hora dos nossos desenlaces e por todo o sempre!

Apiedai-vos também, Senhora de todos os espíritos desencarnados, sofredores e obsessores, cobrindo-os com o Vosso Divino e Materno Manto, tocando-lhes o coração com o Vosso Singular e Materno carinho, oh! Boa e Divina Senhora!

Santo Antônio de Pádua, Caboclos Guaraná e Tira-Teima, Pai Ambrósio e Caboclo Guiné — Vós que sois nossos Guias, Amigos, Chefes e Protetores — enviai Vossas Benditas e Poderosas Falanges para nos ajudar e proteger.

Grandes "Orixás" da querida Umbanda, valei-nos!

Caboclos e Pretos-Velhos, Iaras e Crianças da Valorosa Congregação de Umbanda, estejai ao nosso lado e trabalhai conosco!

Povo do Mar, Povo do Oriente e todos os demais espíritos e Forças Brancas da Paz, da Harmonia e da Concórdia, vinde a nós e secundai os nossos esforços no cumprimento da Lei do Amor!

E finalmente Vós — Jesus — Querido e Divino Mestre, Meigo Rabi da Galiléia — permiti que, em Vosso Sagrado Nome e na Santa Paz do Pai Celestial, possamos iniciar, realizar e terminar esta modesta sessão de Caridade!

"Assim seja!"

* * *

Como se vê, esta Prece serve, ao mesmo tempo, para se iniciar, realizar e, no momento oportuno (no fim da sessão), encerrar os "trabalhos". Sendo assim, se algum ou alguns dos assistentes, sair antes do encerramento dos trabalhos — isto acontecia quase sempre — será acompanhado pelos benéficos efeitos da Prece. Não obstante, se o quisermos, no momento de encerrar

os "trabalhos", ou de "fechar o terreiro", poder-se-á proferir uma "Ave-Maria" e, por meio dela, agradecer a proteção e bom êxito obtidos durante os mesmos.

Uma outra Prece que também indico e que também é de minha autoria, e foi por mim muito usada, é a seguinte (mais curta e mais fácil que a outra):

"Pai Nosso que estais no Céu, santificado para sempre seja o Vosso Santo Nome, Senhor!

Venha a nós o Vosso Divino Reino e seja feita a Vossa e não a nossa vontade, Pai, assim na Terra como no Céu e em toda parte!

O Pão Nosso de cada dia — seja o do corpo ou do espírito — dai-nos hoje e sempre, Boníssimo Pai!

Perdoai-nos, Senhor, as dívidas e ofensas para Convosco, como soubermos e quisermos perdoar as dos nossos semelhantes para conosco!

Não nos deixeis, Senhor, nós Vos pedimos, cair em tentação, mas livrai-nos de todo mal que material ou espiritualmente — nos possa atingir!

Ave-Maria, cheia de Graça! O Senhor é Convosco!

Bendita sois Vós entre as mulheres e Bendito é o Fruto que do Vosso Ventre nasceu — Aquêle que é Jesus, o nosso Divino e tão Querido Mestre!

Santa Maria, Mãe de Jesus, Mãe da Humanidade inteira, apiedai-Vos de nós!

Rogai, pedi e implorai a Deus por nós — inveterados pecadores, espíritos atrasados que somos — oh! Boa e Divina Mãe!... agora e na hora dos nossos desenlaces e por todo o sempre!

E finalmente Vós — Jesus — Querido e Divino Mestre, Meigo Rabi da Galiléia — permiti que, em Vosso Sagrado nome e na Santa Paz do Pai Celestial, possamos iniciar, realizar e terminar esta modesta sessão de Caridade!

"Assim seja!"

* * *

É, esta também, de grande eficiência e pode ser empregada de modo perfeitamente idêntico ao da Prece

"Fraternidade". A propósito, na Prece "Fraternidade", quando apelo para "Santo Antônio de Pádua, Caboclos Guaraná e Tira-Teima, Pai Ambrósio e Caboclo Guiné", pode-se, neste trecho e em lugar dos nomes dessas Entidades, usar-se os nomes das que sejam o "Patrono" e os "Guias Chefes" de qualquer "terreiro".

* * *

A seguir, indico uma Prece que também publiquei em meu Livro "Umbandismo", naquele mesmo capitulo V ("Falange Xangô"). Trata-se de uma prece inserta no livro "Práticas Esotéricas" (Loester) e é de grande eficácia. Ei-la:

"Abro toda a minha natureza a Ti, Espírito Universal, a fim de que possa receber tua Divina Influência. Minha alma deseja ardentemente harmonizar-se com o Todo. Possam todas as cédulas de meu corpo vitalizar-se com pensamentos puros e sãos. Possam todas as moléstias e falta de repouso desaparecer naturalmente e ser substituídas pela Paz. Possa eu ser sempre justo, considerar ao meu próximo honesto como eu mesmo e estar livre de crítica, malícias, inveja, ódio, ou ciúme. Possa eu respirar livre e profundamente a fim de estimular a circulação de meu sangue, que é essencial para a vida.

Possa ter eu uma visão clara e brilhante, de modo que veja somente o bem. Possam meus ouvidos ser perfeitos de modo que eu possa ouvir a voz de Deus e tudo o que é bom, bem como fechá-los às más sugestões.

Possa meu sentimento ser tão agudo que eu chegue a sentir por outros, bem como a ser afetado pela terna e amorosa simpatia.

Possa o meu sentido do olfato ser uma pronta sentinela a assistir à obra da regeneração.

Possa a parte animal de minha natureza: o tigre, a hiena, o porco, a serpente, ser posta dentro da Arca do Domínio próprio, de maneira que o Espírito de Cristo venha a ser o fator principal de minha vida.

Tudo isso eu peço com fé e humildade".

* * *

Esta Prece, que é de natureza esotérica, pode ser muito bem adaptada para início e término de sessões; é de grande eficiência. As sessões que realizo, aliás, são todas elas esotéricas. No capítulo seguinte, por sinal darei uma norma de tais sessões.

Prece de "Caritas": — Não há, praticamente, quem não a conheça. Não obstante, apresentá-la-ei, a seguir: Ei-la:

"Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade!

Dai a força àqueles que passam pela provação! Dai a luz àqueles que procuram a Verdade! Pondo no coração do Homem, a compaixão e a Caridade.

Deus, dai ao Viajor, a Estrela Guia! Ao aflito, a consolação; ao doente, o repouso!

Pai, dai ao culpado, o arrependimento!... ao espírito, a Verdade! A criança, o Guia! Ao órfão, o Pai!

Senhor, que a Vossa Bondade se estenda sobre tudo que criastes. Piedade, Senhor, para aquele que vos não conhecem! Esperança para aqueles que sofrem!

Que a Vossa Bondade permita aos espíritos consoladores derramarem, por toda parte, a Paz, a Esperança e a Fé!

Deus, um raio, uma faísca do Vosso Amor, pode abrasar a Terra! Deixai-nos, Pai, beber na fonte desta Bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão!

Um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de Amor!

Como Moisés, sobre a montanha, nós Vos e[illegible] com os braços abertos, oh! Bondade! oh! Beleza! oh! Perfeição! E queremos, de alguma sorte, merecer a Vossa Misericórdia.

Deus, dai-nos a força de ajudar o progresso, a fim de subirmos até Vós! Dai-nos a Caridade pura! Dai-nos a Fé e a Razão! Dai-nos a simplicidade, que fará, das nossas almas, o espelho onde se refletirá a Vossa Divina Imagem!

Que assim seja"

* * *

Esta conhecidíssima e eficiente Prece — como a faço eu — pode e deve ser acompanhada de um Pai Nosso e de uma Ave-Maria e, com ela, poder-se-á iniciar ou terminar qualquer sessão.

* * *

Caminho para a Felicidade: — Trata-se de uma Prece também de cunho esotérico e é, outrossim, de grande eficiência, no entanto, é preferível que se faça individualmente, dado o seu caráter. Ei-la, aliás, com as explicações necessárias, quiçá indispensáveis, à sua feitura:

"Conserve o seu coração livre do ódio e a sua mente livre de ansiedade. Viva simplesmente, espere pouco e dê muito. Encha sua vida com amor. Espalhe a luz. Esqueça-se e pense nos outros. Faça o que gostaria que lhe fizessem. Não fale mal de ninguém. Critique os próprios atos, fazendo cuidadoso exame de suas ações diárias".

Experimente isso por uma semana e se surpreenderá.

Faça, cada manhã, antes de iniciar suas tarefas diárias, esta Oração:

"Senhor!
No silêncio desta Prece,
Venho pedir-te a paz, a sabedoria, a força.
Quero sempre olhar o mundo
Com olhos cheios de amor.

Quero ser paciente, compreensivo, prudente,
Quero ver, além das aparências,
Teus filhos como Tu mesmo os vês,
E, assim, Senhor, ver somente o bem em cada [um deles.

Fecha meus ouvidos a todas as calúnias;
Guarda minha língua de todas as maldades,
Para que só de bênção se encha min'alma.

Que eu seja tão bom e tão alegre,
Que todos aqueles que se aproximarem de mim.
Sintam a Tua Presença.

Reveste-me de Tua Beleza, Senhor,
E que, no decurso deste dia, eu Te revele a todos"

* * *

Esta Prece, ou melhor, este "Caminho para a Felicidade", foi publicado no número de abril de 1964, do jornal "Um", a mim cedido pelo jornalista — meu particular amigo — Celso Rosa. (Decelso).

* * *

Poderia, é claro, indicar umas outras tantas, no entanto, estas preces, que aqui indico para os prezados irmãos de fé, são as que sempre fiz — de há muito — e que sempre me deram os melhores e mais completos resultados. Usem-nas, contudo, não se esqueçam de que. sem fé, ou pelo menos grande parcela de confiança nos Poderes Supremos, de nada servirá uma Prece, por mais bonita que seja.

18

Uma sessão de Umbanda — Saudações aos "Orixás"

Para que possam os meus queridos Irmãos de Fé realizar uma sessão de Umbanda que, a meu ver, será de grande e os melhores resultados, especialmente se considerando que se deve escoimar a nossa Umbanda, das inúmeras facetas de atraso em que ainda se encontra, permito-me, a seguir, dar-lhes um exemplo. Fá-lo-ei, por sinal, descrevendo, em seus mínimos detalhes, as sessões esotéricas que, com a minha "Falange Xangô", realizei no "Centro Espírita Caminheiros da Verdade".

* * *

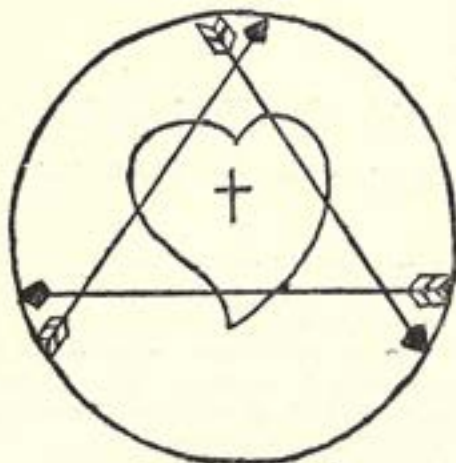
Inicialmente deverá ser feita a firmação do "terreiro" e, para isso, poderão ser riscados (ou no chão ou em pequenas tábuas quadradas) os seguintes "pontos".

"PONTO DE FIRMAÇÃO"

N.B. — Este "ponto" fará as funções de um "otá", por isso que as sessões que aqui descrevo poderão ser feitas ou não dentro de um terreiro ou fora dele.

Sua significação:

1) "As três setas" — os três mundos (o físico, o intermediário e o espiritual);

2) "O coração" — o Amor universal;
3) "A Cruz" — o Cristo, o "Orixá";
4) "O Círculo" — o Universo.

Sua explicação:

"É na prática do Amor Universal — que é a verdadeira Caridade — que o homem cria o Cristo em si e se eleva nos três mundos, reintegrando-se em Deus e tornando-se Universal".

* * *

Este "ponto", se for feito numa tábua, como anteriormente falo, deverá ser colocado junto (aos pés) ao "peji" (caso se esteja em um "Centro" ou no meio do cômodo em que seja realizada a sessão, no caso de ser ela realizada fora de um "Centro"). De qualquer forma, em cima dele, dever-se-á colocar uma vela acesa, e, à frente, um copo branco, liso, com água. Esta água, depois de encerrada a sessão e fechado o terreiro, deverá

ser descarregada, pela porta principal de entrada e, ao se fazer, dever-se-á salvar:

"Salve Iemanjá!
Salve Oxum!
Salve todo o Povo Dágua!"

Esta mesma saudação, aliás, deverá ser feita por ocasião de se "firmar o terreiro".

É importante e oportuno se notar que essa "firmação de terreiro", embora atue — ao que se pode dizer — como um "otá", nada tem a ver com o "otá" do Centro, ou melhor, da Casa Espírita ou Templo Espírita em que se fazem ou onde venham a ser feitas as sessões.

Ao se fazer a firmação a que me refiro, isto é, a da sessão que vai ser realizada, poder-se-á cantar o seguinte "ponto" (ou outro qualquer de valor idêntico):

"Abrindo os nossos trabalhos,
Nós pedimos proteção,
A Deus Pai Todo Poderoso
E à Mãe da Conceição!",

Repetindo-se por três vezes seguidas.

Isto feito, cantar-se-á o seguinte "ponto":

"Exu, Exu Tranca-Rua,
"me abre" o "terreiro"
"e me fecha" a rua".

Este, como o anterior, deverá ser "puxado" (iniciado) por quem estiver dirigindo a sessão e continuado pelo "Ogã de terreiro" (que deverá estar ao lado de quem dirige a sessão) e pelos médiuns presentes. Os assistentes que os conhecerem e quiserem, também poderão cantá-los.

* * *

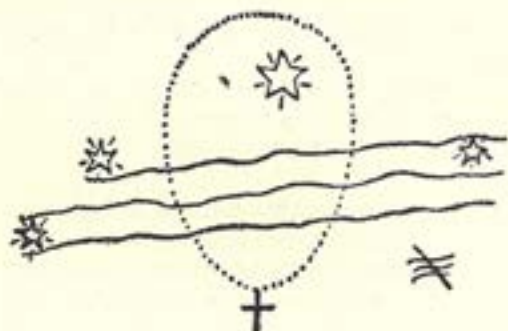
Feita a "firmação do terreiro", deverá o dirigente da sessão fazer, por pouco que seja, uma doutrinação dirigida tanto aos médiuns como aos presentes.

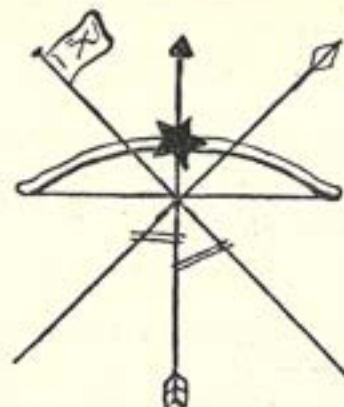
Por oportuno, devo aqui me referir à "defumação". É aconselhável que se faça antes mesmo de se iniciar a "firmação". Todavia, não existe nenhuma contra-indicação quanto ao fato de ser ela (a defumação) feita depois da "firmação do terreiro". Deverá a defumação estender-se a toda a assistência. Quanto à "defumação" dos médiuns, deverá ser feita individualmente, isto é, médium por médium, logo após a do dirigente e do Ogã de terreiro.

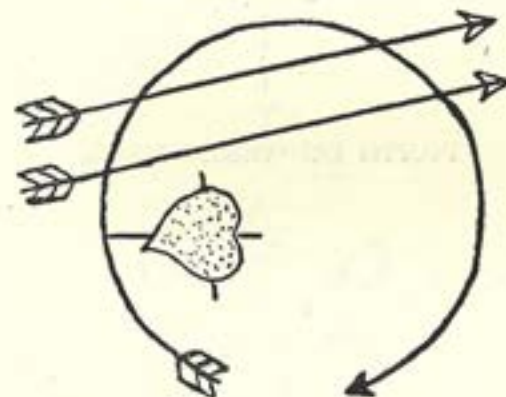
* * *

Depois da doutrinação (que também poderá e deverá ser feita por um dos médiuns, de preferência, a fim de adestrá-los melhor), o dirigente, virando-se para o "Ogã de terreiro", dar-lhe-á ordem para a "chamada" dos guias.

Antes de me referir a esta parte, voltarei a falar dos "pontos" que devem ser riscados, além do "ponto de firmação" de que já falei.

PONTO DE IEMANJÁ

Este "ponto", como é fácil de se observar, firma os "trabalhos" na Força do Povo D'água e pede Sua proteção e ajuda.

PONTO DE OGUM (Cruzada com Oxóssi)

Este "ponto" trará o trabalho e a proteção das "falanges" de "Caboclos da Linha de Oxóssi" e do "Povo de Ogum". Este último, aliás, de grande valor e importância contra as "demandas".

PONTO DE XANGÔ

Este "ponto" trará o trabalho e a proteção dos valorosos "Caboclos da Linha de Xangô" e de suas justicei-

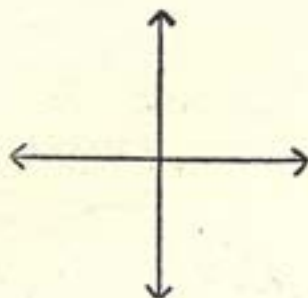
ras "falanges". Como se sabe, os "Caboclos" que "baixam" nos terreiros de Umbanda, pertencem às Linhas de "Oxóssi" e "Xangô".

* * *

Além desses "pontos", poder-se-á usar, também, o do "guia chefe" do centro e, em cada sessão, dever-se-á riscar, outrossim, o do "guia chefe" da sessão ou o do "guia" do dirigente da sessão.

* * *

Em minhas sessões, com a "Falange Xangô", usava eu os dois seguintes:

PONTO DO "CABOCLO TIRA-TEIMA"

PONTO DE "OGUM MEGÊ"

"Ogum Megê" era o "guia chefe" da minha "Falange Xangô" e, por isso, sempre risquei seu ponto nas sessões que realizei.

Quanto ao "ponto" do "guia chefe" da sessão (sendo ou não sendo o ponto do dirigente da sessão), ao ser ele riscado, deverá ser também "cantado", ou melhor, dever-se-á cantar o "ponto de incorporação" ou de "chamada" dele. Para que tal se faça, o dirigente da sessão dará ordem ao Ogã de terreiro" para "cantar ou puxar" tal ponto.

O "ponto cantado" de "Ogum Megê", nas minhas sessões, era o seguinte:

a) puxado pelo próprio "guia" (Ogum Megê):

"Eu corre gira...
bis
Eu corre meu Gongá!
Eu vou pedir a Zambi
bis
Para os filhos ajudar!"

b) cantado pelos médiuns e assistentes:

"Ele corre gira...
bis
"Ele corre seu Gongá!...
Ele vai pedir a zambi
bis
Para os filhos ajudar!"

* * *

Depois de feita a doutrinação, o dirigente da sessão pedirá silêncio e concentração e, então, proferirá a "prece de abertura". Terminada a prece (poderá ser uma das indicadas por mim no capítulo anterior) estará a sessão, como podemos dizer, verdadeiramente começada. E, neste preciso instante, isto é, logo que terminar de

fazer a prece, o dirigente dará ordem ao "Ogã de terreiro" para chamar as entidades que irão trabalhar.

O primeiro "ponto" deverá ser o do "guia chefe" da sessão, ou o "ponto" do "guia" do dirigente da mesma, "incorporado" que seja, um ou outro, ou até mesmo os dois, se tal for o caso, os médiuns, em fila, farão a saudação a ele (ou eles), da seguinte forma: jogando sua "ojá" (toalha) aos pés do médium ou dos médiuns que incorporarem as referidas entidades, e a seguir, deitando-se ao chão, sobre a mesma, "bate-cabeça". Ao mesmo tempo, dever-se-á fazer soar uma campainha ou pequeno sino, geralmente colocado sobre o "peji" e, com isso, se estará "salvando o Anjo da Guarda" dos médiuns. Depois de "bater cabeça", o médium se levanta e "sarava", com o corpo, o "guia incorporado". É a saudação que comumente se faz nos terreiros. Depois de todos os médiuns terem feito a saudação de que estou falando, o "Ogã de terreiro" começará os "pontos" cantados para chamar os demais "guias".

* * *

Em alguns terreiros, logo após o "batimento de cabeça" ao "guia" ou aos "guias" principais, "canta-se" os "pontos" de outros guias de maior destaque na Gira.

* * *

Os "pontos" a serem cantados deverão seguir uma ordem certa e, para bom êxito dos trabalhos, serão:

1) os da Linha de Oxóssi
2) os da Linha de Xangô
3) os da Linha de Ogum
4) os da Linha de Pretos-Velhos
5) os da Linha das Crianças
6) os da Linha de Exu

* * *

Os próprios "guias" e "protetores", quando incorporados, costumam "puxar", os seus próprios pontos. Para isso, pedem eles licença (Agô-iê) ao "Ogã-de-terreiro".

* * *

Em alguns centros, as entidades das Linhas de Oxóssi, Xangô, Ogum, Pretos-Velhos e Crianças são chamadas até a Hora Grande (Meia-Noite). Antes, porém, dessa hora, uns dão intervalos, enquanto outros só o dão após chamar os "Compadres" (os Exus). Há mesmo terreiros em que só se chama Exu às sextas-feiras e, até mesmo, nas primeiras sextas-feiras, apenas, de cada mês.

De qualquer forma, porém, ao soar da "Meia-Noite", ter-se-á que "virar santé", isto é, "cobrir-se o "peji" com uma toalha branca e apagar-se as velas ou luzes que estiverem acesas, com exceção da que estiver sobre o "ponto de segurança" ou "firmação".

* * *

Terminada a "Gira de Exu", começarão os "trabalhos de caridade", isto é, serão atendidas as pessoas, médiuns da casa ou visitantes (assistentes) que precisem da "caridade". Far-se-á, então, os "trabalhos de desobsidiação" ou se "desmanchará trabalhos de Quimbanda ou Magia Negra". Estes últimos, por sinal, deverão ser feitos, de preferência, ou após o encerramento da Gira ou em sessão outra, especialmente para esse fim.

* * *

Não havendo "Gira de Exu", os trabalhos de caridade poderão começar depois da "Gira das Crianças" e portanto, após o intervalo que se tenha dado.

* * *

Não é obrigatório o se chamar, em cada sessão, as Entidades de todas as Linhas. Há Centros em que, cada

Linha tem o seu dia certo, da semana, para ser chamada e, portanto, para trabalhar no terreiro, como, por exemplo: Oxalá aos domingos; Iemanjá às segundas-feiras; Ogum às terças-feiras; Xangô, às quartas-feiras; Oxóssi, às quintas-feiras; Oxum às sextas-feiras e, em alguns Centros, em que se trabalha com a Linha das Almas (também existe esta Linha na Umbanda), consagra-se os sábados a Omulu — o Chefe do Cemitério.

* * *

Depois de feita a caridade, isto é, depois de atendidas as pessoas que a solicitaram, a sessão chegou, praticamente, ao fim. Terá, pois, de ser encerrada.

Para isso, o dirigente profere (ou manda que alguém o faça) a "prece de encerramento" e, terminada a prece, abaixa-se, curvando-se sobre o "ponto de firmação" e canta o "ponto" abaixo, para fechamento do terreiro:

"Exu, Exu Tranca-Rua,
"me fecha" o terreiro
"e me abre" a rua!".

repetindo-o por 3 (três) vezes seguidas.

Estará assim, a sessão definitivamente terminada e o terreiro fechado até a próxima sessão.

* * *

A campainha, de que falo linhas atrás, deverá ser tocada pela "Samba" (se houver) ou, na falta desta, o próprio "Ogã de terreiro" poderá fazê-lo.

Durante as sessões, cantam-se os "pontos" das diversas Linhas da Umbanda.

Há terreiros em que se usa "tabaques" ou "atabaques" (tambores). São eles: Rum, Rumpi, (o médio) e

* * *

Lê (o menor). Também são chamados, respectivamente, de Rum, Contra-Rum e Rumpi. Servem para "chamar as entidades".

Saudações de Orixás: — À proporção que vão se incorporando as Entidades das diversas Linhas, faz-se às mesmas, as seguintes saudações:

1) às da Linha de Oxalá: épa babá!
2) às da Linha de Ogum: ogum nhê patacuri!
3) às da Linha de Xangô: kaô cabecilhe!
4) às da Linha de Oxóssi: okê bambi ô crim!
5) às da Linha de Nanãburuquê: salubá!
6) às da Linha de Iansã: eparrei!
7) às da Linha de Iemanjá: ô dô feiaba!
8) às da Linha de Oxum: ora ê ê ou, então, aieeu!
9) às da Linha das Crianças: onibejada!
10) às da Linha de Exu: Exu, anaruê, Exu, Exu ê!

Epílogo

Cheguei, Graças a Deus, a Obatalá, ao fim deste meu livro: "Pomba Gira" (As duas faces da Umbanda), isto é, deste modesto trabalho em que, ao máximo possível, por transmitir a outrem aquilo que sei e que aprendi, me esforcei, eu mesmo, para atender a Jesus, no Seu "Amai-vos uns aos outros".

Fi-lo, por sinal, como que psicografando, por isso que, na verdade, estive em perene comunhão com os meus "Guias" e "Protetores" e Entidades Espirituais outras que, pela Misericórdia Divina, se aproximaram de mim e, por intuição, me disseram o que deveria escrever, fizeram-me escrever o que, penso eu, deveria escrever, ou melhor, deveria ser escrito.

Neste meu livro, aliás, procuro mostrar o lado bom e o lado mau da Umbanda, isto é, o que se faz de bom e por isso mesmo aconselhável, bem como o que se faz de mal e por isso mesmo desaconselhável na nossa Querida e Divina Umbanda, esta Bendita Religião de "Caboclos" e "Pretos-Velhos", de "Iaras" e "Crianças" e, também — por que não dizê-lo?!... de "Exus". Faço-o e, desta forma, procuro, tão-só e unicamente, escoimar a nossa Querida Umbanda das inúmeras falhas, do enorme atraso em que, infelizmente, ainda ela se encontra.

Na quase absoluta totalidade deste trabalho, expendo opiniões próprias, minhas mesmo, portanto. Por vezes, o que, é lógico, recorri a ensinamentos contidos em outros livros, escritos por outros devotados defensores e pugnadores da Umbanda. De qualquer forma, porém, sempre o fiz com a assistência do Alto, Graças a Deus.

O certo é que desagradarei a muitos e, por estes, venha a ser combatido e, antes mesmo, criticado. O certo, outrossim, é que muitos estarão comigo, ou seja, concordarão comigo e até seguirão o que aqui escrevo.

Que me perdoem aqueles que me estimulem, estes com o lerem e difundirem este meu "Pomba Gira (As Duas Faces da Umbanda)", é o que desejo eu, sinceramente.

A uns e outros, sem exceção, o meu Saravá, o meu

Saravá de Umbanda!

O Autor

Índice

ALGUMAS DE NOSSAS EDIÇÕES